



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

A historicidade em *A Selva* de Ferreira de Castro: recepção em contexto angolano

João Filipe Sivi

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor António dos Santos Pereira

Covilhã, Junho de 2018

Aos meus familiares e aos meus colegas de mestrado
em Estudos Lusófonos na UBI nos anos letivos de
2016/2017 e 2017/2018.

AGRADECIMENTO

Sem dedicação, sem paciência infinita, não teríamos começado nem terminado o presente trabalho de pesquisa. Tendo chegado ao fim, reconhecemos que jamais o teríamos conseguido sem os alicerces que nos sustentaram ao longo dos dois últimos anos. Destes, não podemos deixar de apresentar os nossos mais sinceros agradecimentos ao Prof. Doutor António dos Santos Pereira, nosso Orientador que subtraiu na sua agenda algumas atividades para nos prestar uma orientação com muita mestria, sabedoria, atenção e paciência.

O reconhecimento estende-se, igualmente, aos professores afetos ao Departamento de Letras, aos responsáveis das unidades curriculares do Mestrado em Estudos Lusófonos: Prof. Doutora Cristina Vieira, Prof. Doutor Henrique Manso, Prof. Doutor Alexandre Luís, Prof. Doutora Carla Sofia Luís, Prof. Doutor Gabriel Magalhães, Prof. Doutora Maria da Graça Sardinha, Prof. Doutor Paulo Osório, Prof. Doutora Reina Marisol Troca Pereira, que nos ministraram aulas ao longo do nosso plano curricular. Ficamos gratos a todos por nos terem ajudado a encontrar o rumo a seguir.

Os nossos agradecimentos são extensivos ao Diretor do Centro de Estudos Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, Doutor Ricardo António Alves, e aos seus parceiros, pela forma como nos facultou sempre os materiais que nos ajudaram na realização deste trabalho. Não esquecendo o Prof. Doutor Mário Joaquim Aires Reis, diretor e leitor do Instituto Camões em Benguela, que nos ajudou a compreender Ferreira de Castro, na Universidade Katyavala Bwila. De igual modo, a nossa gratidão vai para a família, minha esposa Filomena Bumba Manuel, pela paciência que teve enquanto perdurou a minha ausência no seio da família, e aos meus Pais e irmãos. Por fim, aos meus colegas, pelos apoios inestimáveis de toda índole na realização deste trabalho.

RESUMO:

O presente trabalho faz uma leitura do romance *A Selva*, da autoria do escritor português Ferreira de Castro (1898-1974), na perspetiva histórica em alusão à obra sob receção em contexto angolano. Ferreira de Castro é um dos mais reconhecidos romancistas portugueses do século XX. *A Selva*, de igual modo às anteriores obras de Ferreira de Castro, é um livro com enorme qualidade literária na atualidade, dada a dimensão geográfica, sociológica do seu autor e de suas obras. Este trabalho pretende analisar a obra e observar a sua receção no contexto angolano. Nesse contexto, o grupo-alvo, numa primeira instância, os estudantes do terceiro ano de especialidade Linguística/Português, afetos à Universidade Katyavala Bwila, conhecem a obra e o seu autor pelo facto do romance ter merecido uma receção internacional e estar traduzido em mais de quinze línguas. Toda a obra de Ferreira de Castro constitui um importante documento social e um espelho da realidade da vida contemporânea; a narrativa mostra ao mundo a intensa dramaticidade e o quotidiano de vidas injustiçadas. Por outro lado, face ao panorama cultural do país, qualquer ideia, identificada com a literatura portuguesa do século XX, não pode ignorar Ferreira de Castro.

Dos quarenta e um alunos do terceiro ano, grupo-alvo do nosso estudo, nove conhecem o autor e já leram as obras, fazendo uma percentagem de 22% em relação aos trinta e dois inquiridos, que afirmam o contrário com uma percentagem de 78%. Para os que conhecem o autor, os romances mais lidos são: *A Selva* (1930); *A Missão* (1954); *O Voo das trevas* (1927) e *Emigrantes* (1928). Este último é uma espécie de introdução a uma melhor compreensão de *A Selva*, constituiu um grande sucesso de Ferreira de Castro e permitiu colocá-lo na galeria dos escritores portugueses de referência do século XX. Os alunos compreenderam que Ferreira de Castro aborda, naquela emigração para o Brasil, Manuel da Bouça, um iletrado, que pretende melhorar a sua situação familiar. Nesta obra, o autor mostra-nos uma povoação perdida de Portugal, onde a luta diária pela sobrevivência é enorme, mas de uma forma humilde e honrada. Através dele, os alunos obtiveram uma visão de como era Portugal nos primórdios do século XX. Para estes, a obra testada, *A Selva*, é uma construção reveladora de uma extraordinária sensibilidade e humanismo. Embora a história não seja contada na primeira pessoa, reflete inteiramente o sofrimento de um homem e a experiência vivida pelo autor, no interior da selva amazónica, quando era ainda muito jovem. O conhecimento da barbaridade daquela realidade levou o autor a transpor para a sua obra a dor e o sofrimento humanos, sobretudo dos mais miseráveis no ambiente amazónico, pondo em destaque o jovem Alberto como o personagem do romance acima focado. Nesse contexto, propomos ao programa de Literatura Portuguesa (em anexo), a leitura das principais obras de Ferreira de Castro: *Emigrantes* (1928), *A Selva* (1930) e *A Lã e a Neve* (1947); não só às de Ferreira de Castro, bem como as de outros autores que achámos pertinentes de serem inseridas no programa curricular de Literatura Portuguesa com destaque nas principais obras do autor como forma de exercitarem e aprofundarem os conhecimentos em Literatura portuguesa contemporânea, bem como a compreensão da natureza de um romance,

estabelecendo conexões entre eles e apreciando o significado das influências sociais e históricas sobre a escrita e o leitor. Por fim, a dissertação questiona até que ponto o romance *A Selva* é considerado um clássico da literatura portuguesa contemporânea e aborda a sua recepção em contexto angolano.

Palavras chaves: *A Selva*, Romance, História, Ferreira de Castro, Seringal, Recepção.

ABSTRACT

This work makes an overview about the novel *A Selva* written by the Portuguese author Ferreira de Castro, in the historical perspective referring to the composition over the Angolan context. Ferreira de Castro is one of the most well-known Portuguese novelists of the 20th century. *A Selva*, like any previous other work from Ferreira de Castro, is a book with an enormous literary quality nowadays, given to the geographic and sociological dimension of the author and his works. This work aims to analyze the book and observe its reception in the Angolan context. In this sense, the target, in a first instance, the third-year students of linguistics/Portuguese, of the Katyavala Bwila Univesity, know the work and his author due to fact that the novel received a great reception worldwide and was translated in over 15 languages. Every Ferreira de Castro's piece of work make an important social document and a reflection of the contemporaneous life; the narrative shows to the world the intense drama and the life of the wronged-ones. On the other hand, due to the cultural panorama of the country, any idea, identified as the 20th century Portuguese literature, cannot bypass Ferreira de Castro.

Nine over the forty-one students from the third grade, this study's target, knew the author and already read his books, making a percentage of 22% against the thirty-two inquired students, which stated the opposite summing a percentage of 78%. About the ones that know the author, the most read novels are: *A Selva* (1930); *A Missão* (1954); *O Voo das trevas* (1927) and *Emigrantes* (1928). The last is some sort of introduction to a better understanding of *A Selva*, which granted a great success to Ferreira de Castro and allowed him to put the same into the gallery of the 20th century's reference Portuguese authors. The students understood that Ferreira de Castro portrays, in that Brazilian immigration, Manuel da Bouça, An Illiterate that intend to improve his familiar situation. In this work, the author shows us a lost settlement of Portugal, where the daily survival fight is huge, but in an honorable and humble way. Through him, the students acquired a vision of Portugal in the beginnings of the 20th century. To them, the used book, *A Selva*, is a revealing construction of an extraordinary humanism and sensitivity. Despite the story is not narrated in the first person, it reflects in its completion the suffering of a man and the experience lived by the author, in the depths of the amazon jungles, when he was very young. The barbarism knowledge of that reality leads the author to pass through his work, the pain and the suffering of the man, especially of those that were more miserable in the amazon environment, highlighting the young Alberto, as the main protagonist of the novel above-mentioned. In this context, we propose to the Portuguese Literature Program (attached with this work), the reading of Ferreira de Castro's mainly works: *Emigrantes* (1928), *A Selva* (1930) and *A Lã e a Neve* (1947); Not only from Ferreira de Castro, as well as from other authors that we considered relevant to be added in the curricular Portuguese Literature Program, emphasizing in the author's mains works as a way to exercise and to increase the knowledge in the contemporary Portuguese literature, as well as the comprehension in a

novel's nature, establishing connections between them, and enjoying the significance of the social and historical influences about the writing and the author. Last but not least, the dissertation talks about the novel *A Selva* until the point which is considered as a classical piece of the modern Portuguese literature, focusing in the reception in the Angolan context.

Key words: *The Jungle*, Romance, History, Ferreira de Castro, Seringal, Reception.

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| AGRADECIMENTO | iii |
| RESUMO: | iv |
| ABSTRACT | vi |
| 0. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. Enquadramento do problema..... | 12 |
| 1.1. Justificação da Escolha do tema | 14 |
| 1.2. Objetivos | 15 |
| 1.3. Metodologia | 16 |
| Capítulo 1: Vida e Obra do autor, as relações de Ferreira de Castro nas décadas 30 e 50 do século xx..... | 18 |
| 1.Vida e obra do autor | 18 |
| 1.1 Percurso Literário | 26 |
| 1.2. O autor e a influência do Neorrealismo..... | 29 |
| 1.3. Ferreira de Castro e as influências lusófonas: o novo romance brasileiro | 34 |
| 1.4. Ferreira de Castro na perspetiva da Universidade Katyavala Bwila | 39 |
| 1.5. As críticas subjacentes aos romances de Ferreira de Castro | 43 |
| 1.6. A influência da Literatura Social Norte-americana nos romances de Ferreira de Castro | 56 |
| 1.7. Ferreira de Castro e a problemática do empenho político: um escritor português frente às desigualdades humanas no Estado Novo | 60 |
| Capítulo 2: Ferreira de Castro e <i>A Selva</i> | 65 |
| 2.1. Ferreira de Castro na Amazónia | 65 |
| 2.2. Acerca das Personagens | 68 |
| 2.2.1. O protagonista da Selva amazónica: Alberto | 68 |
| 2.2.2. Juca Tristão | 76 |
| 2.2.3. A senhora Yáyá | 78 |
| 2.2.4. Firmino..... | 80 |
| 2.2.5. Balbino | 82 |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2.2.6. Guerreiro | 85 |
| 2.2.7. Tiago | 86 |
| 2.2.8. Agostinho | 88 |
| 2.2.9. Caetano..... | 89 |
| 2.3. Ferreira de Castro: <i>A Selva</i> , a consagração literária e o prestígio internacional | 91 |
| 2.4. O Epílogo do romance | 93 |
| Capítulo 3: Análise discussão e interpretação dos resultados do inquérito | 96 |
| 3.1. População e amostra | 96 |
| 3.1.1. Tabela nº 1-Idade dos alunos | 97 |
| 3.1.2. Tabela nº 2- Refere-se ao género dos alunos..... | 97 |
| 3.1.3. Tabela nº 3- Conheces Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea?..... | 98 |
| 3.1.4. Tabela nº4-Que livro de Ferreira de Castro já leu? | 99 |
| 3.1.5. Tabela nº 5- Há algum livro de Ferreira de Castro que desconheças e gostasse de ler? 100 | |
| 3.1.6. Tabela nº 6- Acha que a leitura do romance <i>A Selva</i> pode ajudá-lo na compreensão de outros textos? Por quê? | 102 |
| 3.1.7. Tabela nº 7-Concorda com a proposta da leitura de romances no programa de Literatura Portuguesa? Por quê? | 103 |
| 3.1.8. Tabela nº8- Se já leu algumas obras de Ferreira de Castro, qual o livro preferido? Por quê? | 104 |
| Conclusão | 106 |
| Bibliografia..... | 108 |
| ANEXOS | 1 |
| Programa de Literatura Portuguesa | 2 |
| Programa de ensino de Literatura Portuguesa em Linguística-Português ISCED-UKB..... | 4 |
| Proposta de inserção no programa de literatura os seguintes itens | 5 |
| Inquérito | 6 |

0.INTRODUÇÃO

O romance *A Selva* de Ferreira de Castro, publicado em 1930, e traduzida em várias línguas, tornou-se uma das suas mais conhecidas obras (Europa, América e Ásia), tal como considera Bernard Emery que defende, e bem, apesar das críticas do autor a esse trabalho de juventude, que:

ao nível da forma e do estilo, por vezes duma ingenuidade desarmante [...] quanto ao fundo, o livro não merece desdém nem esquecimento, na medida em que constitui uma etapa essencial no desenvolvimento duma experiência literária extraordinariamente fecunda.¹

Naquela obra, o autor expõe a sua visão a respeito da Amazónia e também das relações sociais existentes naquele ambiente, relatando assim a sua experiência vivida no Seringal nos anos de sua adolescência, através da personagem Alberto. O romance inclui no seu enredo uma demonstração de parte da cultura e da história da Amazónia, lugar de inúmeros dilemas ambientais e sociais; às vezes, como uma bárbara opressora, outras, como um ambiente passivo de exploração e cenário de conjunto de relações sociais baseadas na exploração do látex, matéria-prima para produção da borracha, extraída nos seringais amazónicos do Brasil, no início do século XX.

Ferreira de Castro iniciou-se na arte de escrever por vontade própria e muito cedo. A sua arte foi ganhando experiência com o trabalho intelectual que exerceu como jornalista escrevendo vários contos e crónicas que enviava para jornais do Brasil e Portugal, mesmo sem remuneração compatível. Com os seus doze anos, emigrou para o Brasil, vivendo algum tempo em Belém do Pará. Em seguida, mudou-se para o interior, onde entrou em contacto com a selva amazónica trabalhando como seringueiro durante quase quatro anos. Enquanto ali permaneceu, Ferreira de Castro viveu em condições de penúria, de rotina servil e humilhação, uma vida muito difícil. Nesse contexto, a experiência vivida pelo autor é transferida para o seu romance *A Selva* que narra o percurso do jovem Alberto, monárquico, português de vinte e seis anos, estudante do quarto ano de Direito, expatriado no Brasil por causa das suas ideologias políticas, durante a implementação do regime republicano em Portugal. Estando no Brasil, as condições financeiras de Macedo, seu tio, não eram adequadas para custear os seus encargos na condição de desempregado. Logo, Macedo tende a persuadir o seu sobrinho a tentar a vida nos seringais amazónicos; com um discurso motivacional e de prosperidade de que a obtenção de riqueza lhe seria fácil ali. Este, por sua vez, aceita deslocar-se para o seringal Paraíso, na floresta amazónica. Alberto viajou na terceira classe da embarcação Justo Chermont, Amazonas e Madeira acima até ao seringal Paraíso. Aqui chegado, temos o contacto entre o europeu e os brasileiros, geralmente seringueiros nordestinos; os encontros eram sempre humilhantes. Porém, os brasileiros que já habitavam o Paraíso, recebiam com hostilidade o novo grupo. Nesse contexto, temos o encontro do personagem Alberto com seu novo mundo, o microcosmo Paraíso, onde o narrador descreve o

¹ Cf. Bernard Emery, *L'Humanisme Luso-Tropical Selon José Maria Ferreira de Castro*, Grenoble, Ellug, 1992, p.58.

desprezo do português a este novo mundo sendo inferior à supremacia do seu mundo europeu. Desse modo, Alberto resistia ao novo ambiente, aos novos hábitos, à nova sociedade em que estava a ser inserido, incapaz de se libertar do olhar de europeu. Apesar da sua humilhação pessoal não deixa de haver nele a não aceitação do território sociocultural dos outros no intuito de manter sempre a sua “dignidade” eurocêntrica. Os contratados para trabalharem nos seringais eram tratados como seres inferiores e comparados a rebanho de escravos. Todavia, no contexto hostil do sistema exploratório do seringal, a personagem Firmino procurou sempre, de forma pacífica, integrar o europeu Alberto no ambiente amazónico. Ao longo da sua permanência no seringal, Firmino e Alberto mantiveram uma relação amigável. Firmino ensinou a este os principais segredos para tentar vencer a selva. O brasileiro sempre se mostrou à disposição do português, emprestou-lhe calçado adequado à selva e até roupas com objetivo de este não danificar o seu “traje de gala.” Sobre os problemas no seringal Paraíso, possuir um rifle garantia segurança ou permitia a sobrevivência, pois havia animais selvagens que ameaçavam os homens e também havia conflitos com indígenas que, na maioria das vezes, terminavam em morte. É importante frisar que, na narrativa, Castro não foca a questão dos indígenas. Há poucas citações em que estes aparecem como auxiliares agressivos. Com isso, temos o posicionamento de um europeu em relação aos indígenas, sabendo da presença dos autóctones na Amazônia, bem como da sua exploração e dizimação no período da colonização das Américas, mas como a temática foge do nosso objetivo não a abordaremos no presente ponto. Como salientamos, as obras de Ferreira de Castro tiveram e continuam a ter receção internacional, em particular o romance *A Selva*. Na Universidade Katyavala Bwila, os estudantes afetos ao terceiro ano de especialidade Linguística Português, 22% abordam Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea e 70% não conhecem o autor. A percentagem dos que já leram as obras do autor é apenas de 6% ao passo que 84% nunca mantiveram contacto com as obras do nosso autor. Quanto às obras conhecidas e lidas pela minoria, destacam-se *A Selva* e *Emigrantes*, o que por sua vez constitui um indicador preponderante tendo em conta o objetivo da nossa dissertação. Diante de tal resultado em particular daqueles que nunca leram e desconhecem o autor e as suas obras, compreendemos que tal facto surge em função da ausência de uma proposta de leituras de romances bem como de outros géneros do modo narrativo no programa de Literatura Portuguesa lecionada na referida instituição. Assim, achámos oportuno propor ao programa da disciplina a continuidade, reflexão e enriquecimento do estudo da trilogia das suas principais obras com maior destaque ao romance *A Selva*, do curso em que estes estão inseridos e pelo facto de ser escrita por um escritor português, cuja amplitude de espírito vai além do espaço geográfico lusófono, correspondendo aos anseios do romancista: “*sobrepoê-se sempre no meu espírito uma causa mais forte, uma razão maior, a da humanidade*”². Portanto, Ferreira de Castro, ao publicar *A Selva*, obra que contém verossimilhança, pelo facto de abordar os principais problemas que ocorreram durante a sua permanência na Amazônia no auge da exploração da

² Ferreira de Castro (1949) - “Pórtico”, *A Selva*, in obras completas, Vol. II, Lisboa, Guimarães.

borracha, vem defender os direitos humanos, como um grito que denuncia as injustiças sociais sofridas pelos trabalhadores nos seringais da Amazônia.

1. Enquadramento do problema

Ferreira de Castro é o mais representativo dos romancistas da nova geração literária da primeira metade do século XX em Portugal. Sobretudo, é o único dos escritores não conformistas que conquistaram o grande público. Tornou-se conhecido fora das fronteiras do idioma em que escreve, graças ao sentido de humanidade e universalidade das suas últimas obras³. *A Selva*, de igual modo às anteriores obras de Ferreira de Castro publicadas pelas editoras Cavalos de Ferro, Guimarães e outras, é um livro com enorme qualidade literária e de perpétua utilidade. O autor muito é objetivo ao encarar a realidade, no entanto as suas descrições são pura poesia, arte literária, excessivamente exuberante até na forma como se constrói a narrativa⁴. *A Selva*, no nosso entender, constitui a obra de consagração literária do seu autor, porquanto um ano antes da sua morte, a UNESCO anunciava ser um dos livros mais traduzidos e mais lidos em todo o mundo. Este prestígio levou Ferreira de Castro ao patamar mais alto da sua brilhante carreira literária. Alguns dos seus romances retratam um Brasil apaixonante, misterioso e revelador, outros penetram nos principais problemas do povo português e ainda tratam dos principais dilemas trágicos de um universo torturado que procura descobrir a sua verdade. O que descobrimos nos romances de Ferreira de Castro é a profunda paixão pelo ser humano e seu destino, o seu apego a uma verdade fundamental que se baseia na conquista do ideal da liberdade humana⁵. Não é possível pensarmos no romance português do século XX, deixando de parte Ferreira de Castro, o seu nome e as suas obras pelo talento daquele e por força dos valores que estas encerram.

A Selva é um notável “epopeia” sobre a vida dos seringueiros na selva amazônica durante a época da decadência do ciclo da borracha e foi uma obra amplamente elogiada por nomes consagrados das demais literaturas do mundo. Por outro lado, Ferreira de Castro foi mais que um romancista regionalista um autor de pendor universalista como referimos anteriormente. As desigualdades sociais, os conflitos e os problemas de emigração, de fome, de trabalho árduo, constituem o centro das atenções de quase todas as suas obras, pondo o homem no centro do universo. Pelo facto, surgem várias pesquisas à volta das suas obras. Assim sendo, para darmos arranque à nossa investigação e continuidade aos trabalhos de pesquisa sobre o autor e as suas obras, levantamos a seguinte questão de pesquisa:

O romance *A Selva* é considerado monumento de maior sucesso dentro e fora de portas da literatura portuguesa contemporânea do século XX em contexto angolano?

³ *Ferreira de Castro a sua obra com uma biografia inédita* «notas biográficas e bibliográficas por Jaime Brasil», Porto, Livraria Civilização, 1930, p. 7.

⁴ Cf. Joaquim Cardoso, *Ferreira de Castro Desmascarado*, Lisboa, Livraria Presença, 1953, pp. 16-17.

⁵ Ferreira de Castro, “Pórtico”, *A Selva*, Lisboa, Guimarães, 2002.

Desta, tendo em atenção os objetivos a atingir com o presente estudo, e face à análise da literatura, surgem-nos algumas hipóteses de investigação que irão ser testadas, através de um estudo rigoroso e profundo da informação recolhida através de um inquérito por questionário a ser aplicado aos alunos do terceiro ano da especialidade Linguística-Português afetos à Universidade Katyavala Bwila, e recolhemos as impressões de um professor acerca do nosso autor e de suas obras em contexto angolano, para comprovarmos a expressão universal do autor e de suas obras, em particular o romance *A Selva* naquele contexto. O nosso professor é titular de unidades curriculares como: Introdução aos Estudos Literários, Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. A volta das hipóteses, Marconi e Lakatos consideram que:

Uma hipótese é como uma previsão de resposta para um problema de investigação. Sendo uma previsão de explicação de um fenómeno que está expresso no problema a investigar; resulta óbvio que o papel da hipótese numa investigação dependerá da perspetiva ou paradigma em que se insere a investigação propriamente dita⁶.

Deste modo, face aos conceitos teóricos acima citados e tendo em atenção os objetivos a atingir e a questão levantada no presente estudo, admite-se como hipóteses:

H1- Ferreira de Castro, em toda produção ensaística narrativa e romancista relembra e reflete as tradições culturais dos séculos XIX ao XX;

H2- Pela verosimilhança, as paisagens físicas e humanas, que reproduz, impuseram estudo aturado dos espaços e das gentes, no sentido de as dignificar;

H3- Ferreira de Castro fundou jornais e revistas e a Biblioteca de Ossela e, com Aquilino Ribeiro, constituiu a sociedade Portuguesa de autores, dando dignidade a estes;

H4- No período pós-guerra, Ferreira de Castro torna-se um dos escritores mais lido em Portugal e no estrangeiro;

H5- Ferreira de Castro constituiu motivo de receção internacional em particular do romance *A Selva*.

Quanto às hipóteses, estas constituem dados para o desenvolvimento de uma investigação. A sua importância é grande para o progresso da ciência e de um trabalho científico. Todavia muitos investigadores recusam as hipóteses, com medo de serem acusados de positivistas por aplicarem uma experiência para demonstrar a validade de um trabalho inseguro⁷. Para nós, a hipótese é uma ideia a defender, com a diferença de que numa investigação se devem defender tantas ideias quantas as que forem necessárias para verificar a conjectura científica inicial⁸. Daí, a hipótese constituir no nosso trabalho um determinado juízo dos conceitos e dos raciocínios; um perfil complexo e sintético para a escrita do presente trabalho em que temos por destinatário o público-leitor.

⁶ Cf. Maria Marconi; Eva Maria Lakatos, *Técnicas de Pesquisa*, São Paulo, Ed., Atlas, 1988, p. 29.

⁷ Cf. Santa Tacia Ramos; Ernan Naranjo, *Metodologia da Investigação Científica*, Lobito, Escolar Editora, 2014, p. 85.

⁸ *Ibidem*, p. 86.

1.1. Justificação da Escolha do tema

A *Selva* é uma das obras que mais aplausos deu a Ferreira de Castro. Apesar dos elementos fictícios que nela constam, acaba por ser uma obra que espelha a experiência de vida do próprio autor. Ferreira de Castro, nome consagrado da literatura portuguesa do século XX, é um dos romancistas cuja obras foram traduzidas em dezenas de línguas. Este autor ultrapassou a dimensão do homem simples que não precisou de diploma para criar formosura na sua arte. As suas obras contribuíram para a expansão das letras portuguesas no mundo de forma original, pois teve o talento de revelar, na sua crua verdade, o drama vivido por si⁹. O autor, sempre escreveu em prol da causa humana, refletindo-se, como recorda a sua memória de infância:

Eu nasci a 24 de Maio de 1898. Mas, quando penso na minha idade, sinto-me sempre mais novo, sinto-me sempre beneficiado por quatro anos a menos. São quatro anos iguais a uma noite escuríssima, onde não é possível acender, luz alguma. Não me pertencem. Para a minha realidade espiritual eu tenho 28 anos. E em 1902 que começo a povoar o museu da minha vida, a decorar a galeria das recordações¹⁰.

A memória acima ilustra que Ferreira de Castro começou a sua arte muito cedo. Com apenas a instrução primária, Castro deu início ao mundo da escrita, que muitas vezes o levava a fazer comparação da dimensão do seu trabalho com a faixa-etária em que se encontrava.

As obras de Castro retratam sempre as perplexidades que assolam a humanidade em particular a de sua época: a emigração, “a luta do pão,”¹¹ a escassez, a pobreza, a experiência como um guerreiro, dentre outros dilemas que afligem o homem. Ser-lhe-á atribuído o Prémio de Águia de Ouro pelo festival de Nice, em 1970, por um júri muito relevante na sua composição por grandes escritores de sua época¹². Em 1971, com Jorge Amado e Eugénio Montale, recebe o Prémio da Latinidade, atribuído pela Academia do Mundo Latino de Paris¹³. A qualidade das suas obras, as traduções e os prémios acabam por dar ao autor um prestígio internacional não só no campo da literatura portuguesa, mas da literatura mundial. A escolha do tema “A Historicidade em *A Selva* de Ferreira de Castro: receção em contexto angolano,” em desenvolvimento no presente trabalho, enquadra-se no âmbito do curso de Mestrado em Estudos Lusófonos, em Literatura Portuguesa Contemporânea. A nossa opção acontece pela importância do romance e por se tratar de um dos marcos históricos do autor aquando da sua passagem na região do seringal na Amazônia e pelo facto da obra revelar um escritor português cuja grandeza de espírito vai além do espaço lusófono.

⁹ Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário de seu nascimento 1898-1998*, Oliveira de Azeméis, A folha cultural, 1998, p.18.

¹⁰ *Ferreira de Castro a sua obra com uma biografia inédita*, «Notas biográficas e Bibliográficas por Jaime Brasil, p. 8.

¹¹ Terminologia atribuída por nós. Achámos que se enquadra como uma das preocupações que o próprio autor viveu no seu dia-a-dia em prol desse bem necessário.

¹² Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a Sua Personalidade, a Sua Obra*, Lisboa, Europa América, 1974, p.205.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 206.

Abraçamos o tema com o propósito de introduzir a imagem de Ferreira de Castro e as suas obras mais uma vez na lista dos trabalhos científicos a desenvolver em contexto angolano.

1.2. Objetivos

Com o presente trabalho, pretendemos refletir até que ponto o romance *A Selva* é um clássico da Literatura Portuguesa Contemporânea. Para tal, pretendemos observar a compreensão do romance *A Selva*, pela comunidade académica angolana. É sabido que Ferreira de Castro foi um agente sociocultural que deu um grande impulso no desenvolvimento da literatura portuguesa do XX. Doravante, pretendemos contribuir para a continuidade, reflexão e enriquecimento, do estudo da obra *A Selva*, por via deste trabalho dissertativo que achámos oportuno. Com isso, tencionamos identificar Ferreira de Castro como agente sociocultural; compreender como revitalizou e impulsionou a literatura contemporânea; e ainda observar a obra *A Selva* como edificadora cultural de uma sociedade. E por fim, contribuir para o conhecimento do património natural e cultural dos elementos-chave das identidades regionais. Se olharmos as obras do autor, o seu percurso e a sua vida, situamos o escritor como um literato consagrado no cânone literário e na vanguarda da contemporaneidade da nossa literatura. Ferreira de Castro é um exemplo para todos, não apenas como escritor, mas também como homem, um arauto da verdade e da liberdade¹⁴.

Ele foi um ficcionista que buscou a realidade na sua crueza, porém para a representar com arte: como escritor profissional, o que investiga antes de escrever, antes de construir a sua narrativa criativa. A serenidade para nós é a sua nota dominante, apesar do seu comprometimento lógico, íntimo e profundo como os humildes e desprotegidos da humanidade. Ele foi possuidor de uma linguagem forte e rica que nos deixa nos seus romances. Ferreira de Castro foi durante décadas o escritor português mais traduzido, dum país periférico e isolado, sem influência nem projeção internacional, pois assim era o Portugal do século XX, que normalmente se destacava pelas piores razões: pobreza, Estado autoritário e policial, colonialismo e emigração¹⁵. Deste modo, a personalidade humanista de Ferreira de Castro, que tão bem alimentou a sua obra, constituiu uma referência cívica e moral na luta contra o regime ditatorial e em prol dos direitos humanos¹⁶. Logo, com esse propósito apresentado acima, permitimo-nos precisar o fim da investigação e o alcance daquilo que é o foco deste trabalho de dissertação.

¹⁴ Cf. Adelino Vieira Neves, *In Memoriam de Ferreira de Castro*, Cascais, Arquivo Biobibliográfico dos Escritores e Homens de Letras de Portugal, 1976, p.12.

¹⁵ *Ibidem*, p.31.

¹⁶ José Tavares, *Homenagem de Oliveira de Azeméis a Ferreira de Castro*, Coimbra, Coimbra Editorial, 1970, p. 29-30.

1.3. Metodologia

Ao iniciar este trabalho, uma das primeiras preocupações sentidas foi a escolha da metodologia que melhor se adaptasse aos objetivos propostos e às hipóteses da investigação. Assim, numa primeira etapa, para levar a cabo a investigação e sustentar a fundamentação teórica procedeu-se a um levantamento bibliográfico: livros, periódicos, artigos, revistas, ensaios, e outros documentos que forneceram informações relacionadas com o tema, com o autor, ou seja documentação que tratasse direta ou indiretamente sobre “A historicidade em *A Selva* em Ferreira de Castro” e a receção desta. Após algum tempo de pesquisa, foram vários os estudos encontrados sobre Ferreira de Castro, e notámos a riqueza da produção em teses de doutoramento e mestrado, artigos e ensaios diversos, designadamente as fontes estrangeiras que tratavam acerca do nosso autor.

Numa segunda etapa e depois de ter sido feito o enquadramento do problema, esboçou-se o modelo de investigação, definição dos objetivos e formulação de hipóteses, atendendo a revisão bibliográfica e para complementar esta, utilizamos a pesquisa ação que segundo David Tripp é: “toda a tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática”¹⁷. Esta pesquisa permitiu-nos trabalhar em colaboração com o professor e os alunos do terceiro ano da especialidade de Linguística/Português afetos à Universidade Katyavala Bwila na testagem das obras de Ferreira de Castro, em especial o romance *A Selva*, conferindo assim a sua receção em contexto angolano. É de referir que sendo o enfoque geográfico, este localiza-se em Angola, na região sul, Província de Benguela. Importa salientar que tal ação foi possível pelo facto de na área de formação serem lecionadas as unidades curriculares: Introdução aos Estudos Literários, Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. Por outro lado, o universo dessa pesquisa em estudo centrou-se em um grupo alvo de quarenta e um estudantes do referido ano e especialidade, e um professor titular da cadeira de Literatura Portuguesa e Introdução aos Estudos Literários. Em contrapartida, tendo em consideração o objetivo da investigação, entendeu-se que o questionário é um instrumento básico para obtenção de informações chave por via de um inquérito. Assim sendo para Margarida Pocinho:

inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente, representativo de uma população, uma série de perguntas relativas a sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, a sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interessa aos investigadores¹⁸.

A razão de termos optado pelo questionário é pelo facto de os nossos inquiridos terem mais tempo para responderem na hora que lhe é mais favorável, o que é bastante importante para a natureza do nosso trabalho. Este foi elaborado com base em perguntas diretas e abertas

¹⁷ Cf. David Tripp, *Pesquisa acção: uma introdução metodológica*, tradução de Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo, s/ ed., 2005, p.450.

¹⁸ Margarida Pocinho, *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*, Lisboa, LIDEL-edições Técnicas, 2012, p.94.

para obtermos informações livres acerca do autor e do romance *A Selva*, pondo em evidências outras obras do autor. Desta forma, a estrutura e o caráter do questionário definiram o conteúdo e a forma das perguntas que se fizeram aos interrogados, reportando os seus pontos de vista acerca de Ferreira de Castro. Salientamos ainda que o contacto pessoal com os inquiridos revelou-se essencial não apenas pelo maior grau de persuasão para as respostas, mas também pelos esclarecimentos de dúvidas que surgiram acerca do trabalho, do autor e do verdadeiro destino da informação e da confidencialidade da mesma. O período da aplicação do questionário decorreu entre dois e seis de abril de 2018. Os resultados estão apresentados no capítulo três.

Capítulo 1: Vida e Obra do autor, as relações de Ferreira de Castro nas décadas 30 e 50 do século XX

1. Vida e obra do autor

Nas duas últimas décadas do século XIX e na primeira metade do século XX, a luta pela sobrevivência, a possibilidade de riqueza fácil e outros fatores levaram milhares de brasileiros e estrangeiros, entre eles Ferreira de Castro a deixarem as terras para tentarem a sorte na região Norte do Brasil. Embora haja importantes estudos sobre Ferreira de Castro e sendo a biografia do autor já conhecido por muitos, nós ousamos retomá-la pondo em evidência alguns aspetos mais relevantes da época em que viveu o autor.

Filho de José Eustáquio Ferreira de Castro e de Maria Rosa Soares de Castro, José Maria Ferreira de Castro, um dos precursores do Neorrealismo português, nasceu em 1898, em Salgueiros, freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis, Portugal, oriundo de uma família camponesa humilde. Chamavam-lhe Zeca¹⁹:

Aos seis anos foi para a escola, e, pouco dado ao convívio com a infância irrequieta, tristonho pela timidez que a sua delicadeza sensibilizava-lhe impunha, familiarizou-se mais depressa com as letras do alfabeto do que com os condiscípulos. Era um bom aluno estudava canseirosamente e aprendia bem. Tinha, porém, uma vida triste; o seu delicado temperamento impedia-o de comungar na ruidosa alegria dos seus condiscípulos²⁰.

O seu pai faleceu, tinha ele oito anos²¹. Aos doze anos, isto em 1911, emigra para o Brasil, Belém do Pará, permanecendo vinte e oito dias na casa de um conhecido de família. Este, por sua vez, desejava liberta-se dos encargos, como fará o Macedo a Alberto, pois as condições não eram propícias para custear as despesas de mais uma boca, formulando assim o convite para o seringal na Amazônia²². Estando lá, Ferreira de Castro trabalha até os seus dezasseis anos visto que na época o seringal era considerado a grande potência da indústria naquela região do Amazonas onde a extração do látex era tida como atividade principal dos seringueiros²³. Nesta época em que Castro, se encontrava no Brasil, a Europa vivia a primeira das grandes convulsões que neste século abalaram o continente e grande parte do mundo civilizado iniciada em agosto de 1914²⁴. No que concerne às origens familiares do nosso

¹⁹ Nome que lhe era chamado na aldeia onde nasceu, pois, todas as pessoas aí eram tratadas pelo diminutivo do nome. Sua mãe era chamada e conhecida por senhora Mariquinhas. [Moreira, 1959: 18].

²⁰ Cf. Alberto Moreira, *Ferreira de Castro antes da glória*, Porto, Tip. e Enc. Domingos d'Oliveira, 1959, p. 18.

²¹ CASTRIANA, nº 2, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2002, p.5.

²² Jaime Brasil, *Ferreira de Castro: a sua obra com uma biografia inédita*, Porto, Livraria Civilização, s/ano, p. 23.

²³ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1961, p. 80.

²⁴ *Os grandes acontecimentos do século XX*, uma edição de seleção do Reader's Digest S.A.R.L, Lisboa, 1979, p. 102.

autor, a família, no seio da qual o escritor nasceu no final do passado século, era pobre. Ferreira de Castro completou apenas a instrução primária²⁵. O futuro autor era tímido e concentrado, como revelou numa das páginas de sua memória incompleta em que põe em evidência as suas recordações de infância: a ida para a escola e as primeiras impressões colhidas no seu contacto com o mundo são confessadas nessas páginas, ao afirmar que:

Era de Inverno. Ia de chancas, friorento, enroupado. Creio que foi minha mãe quem me acompanhou até meio do caminho. Não me recordo bem. Mas lembro-me, nitidamente, da minha entrada na escola. Lá estava, ao fundo, a secretaria, instalada sobre um estrado, o Sr. Professor Portela. Era gordo e de carne muito branca e fofa. No primeiro plano, as carteiras com os alunos chilreantes. Alguns conhecia-os eu cá de fora. Mas tomavam, ali, para a minha timidez, o papel de inimigos²⁶.

Em discurso memorialista, na primeira pessoa, diz-nos ainda:

Eu sentia um respeito enorme por tudo aquilo e estava envergonhado. Sentei-me a uma das carteiras e, não tendo coragem de levantar os olhos, fixei-os no abecedário, que crescia e se deformava constantemente. Nesses primeiros dias, a minha única distração era seguir as moscas que passeavam no sujo rebordo do tinteiro [...] ²⁷.

Ferreira de Castro entra na escola primária de Ossela, em 1904, e teve como professor Alfredo Francisco Portela. Em 1910, faz exames do 2.º grau da instrução primária em julho, e tira o passaporte para o Brasil a dois de dezembro do mesmo ano. Na transferência que faz de sentimentos para Alberto no seringal Paraíso, Ferreira de Castro aborda a questão da “amargura” do afastamento e decerto ele “chorou amargamente ao ouvir o apito do barco que partia e o deixava abandonado naquele inferno verde sem horizonte e sem ideia”²⁸. Ainda adolescente, é dos poucos trabalhadores que sabiam ler. Ali desempenha a função de caixeiro no armazém, vivendo em plena selva. Instalando-se, muito cedo começa a compor contos e crónicas para pequenos jornais e revistas de vários Estados do Brasil²⁹.

A convivência com os seringueiros do Pará e do Ceará levou Ferreira de Castro a perceber os trabalhos forçados e as humilhações que se exigiam na época nos seringais. Aos catorze anos, em 1912 a 1913, escreve o seu primeiro romance *Criminoso por Ambição*, editado em 1916, numa composição feita em fascículos, impresso ao todo nove fascículos, com cerca de 173 páginas, que o próprio autor vende porta a porta³⁰. No ano da publicação deste seu primeiro romance no Brasil, em Portugal procede-se ao apresamento dos navios alemães surtos no Tejo e a Alemanha declara guerra a Portugal, retaliando por tal facto³¹. Nesta época, publica igualmente a peça *Alma Lusitana*. Após os seus quatro anos de vida na selva, deixa o seringal Paraíso, a 28 de outubro, e regressa a Belém do Pará, onde se encontra

²⁵ Cf. Mário Braga, *Ferreira de Castro Viajeiro no mundo conhecedor dos homens*, Lisboa, Oficinas da S.E.C.S., 1980, p.14.

²⁶ In *vários estudos sobre Ferreira de Castro a sua obra*, Porto, Ed., Liv.ª Civilização, 1938, p.23.

²⁷ *Idem e Ibidem*.

²⁸ Alberto Moreira, *Ferreira de Castro antes da glória*, p. 26.

²⁹ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.36.

³⁰ Cf. Ricardo António Alves, «*Fantasia a mais, literatura a menos-mas não somenos: nos 100 anos de Criminosos por Ambição, de Ferreira de Castro*», Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, p.41. <http://www.ceferreiradecastro.org/p>. 41.php.

³¹ José Pinheiro Fonseca; António Rodrigues de Assunção, *A Covilhã e a 1.ª grande Guerra 1914-1918*, Covilhã, Gráficas da Covilhã, 2013, p. 422.

definitivamente abandonado pelo seu contemporâneo a quem fora recomendado³². Nesse contexto, Ferreira de Castro vive um dos momentos mais difíceis da sua vida, um período de extrema miséria pernoitando numa cabana destinada a vigiar ferramentas de pedreiros e vivendo dias seguidos de fome, minorada quando um dos seus amigos o convidava para ir colar cartazes nas paredes de Belém³³. Mas as carências continuavam até que foi contratado, meses depois, para exercer trabalho num navio de cabotagem da carreira para o Oiapoque³⁴. A melhora perdurou muito pouco tempo, repetindo-se o seu sofrimento de novo, até que conseguiu colaborar no *Jornal Novo*, “em que a sorte lhe bate a porta” pois na sua tipografia consegue publicar em fascículos o seu romance distribuído aos signatários pelos empregados do editor e por ele próprio. Em Belém há de colaborar ainda no jornal *A Cruzada*. Em 1917, junto com seu contemporâneo João Pinto Monteiro, funda o *Semanário Portugal*, despertando assim os interesses da classe intelectual da época na colônia de portugueses residentes no Pará e a sua vida tende a melhorar. Tinha então dezanove anos e alargava a sua experiência de colaborador na imprensa periódica ganhando publicidade³⁵.

Em 1918, o agrupamento de poveiros convida o jovem escritor a visitar Manaus, onde o jovem já estivera anos antes, a bordo do navio que o levará ao seringal. Ferreira de Castro teve recepção calorosa em Manaus por parte dos vários portugueses que ali habitavam e em particular do próprio governador do Estado que se fez presente visto ter sido médico em Humaitá³⁶. Depois de nove anos nas terras de “Vera Cruz,” Ferreira de Castro decide regressar a Portugal. Embarca no Rio de Janeiro e chega a Portugal em setembro de 1919 com:

Quatrocentos escudos apenas. Passa algumas semanas com a família, na sua aldeia, e resolve ir para Lisboa, a fim de fazer carreira no jornalismo e nas letras, sem nenhuma recomendação ou apoio seguro, confiado só nas suas possibilidades e no êxito já obtido no Pará, mas ignorado em Portugal³⁷.

As etapas que Ferreira de Castro passou dizem-nos que, mesmo na capital portuguesa, a vida não lhe foi nada fácil, voltando a viver o mesmo cenário de fome, necessidades, e longos períodos de sofrimento como os vividos no Brasil. Passa dias inteiros sem comer até que consegue colaborar no *Jornal Imprensa Livre*, dirigido pelo advogado e escritor Doutor João Campos Lima, com quem estabeleceu uma profunda amizade e que posteriormente lhe edita dois livros, na sua editora *Spartacus*. Um outro companheiro recente, o Doutor António Espírito Santos Lopes, na altura estudante de Direito, solidariza-se com o jovem autor

³² Cf. Bernard Emery, *A utopia humanista e luso-tropical na obra de José Maria Ferreira de Castro*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, p. 48.

³³ Cf. José Reis Barata, *Homenagem ao Escritor Ferreira de Castro no centenário do seu nascimento*, Covilhã, Câmara Municipal da Covilhã, 1998, p.6.

³⁴ Município brasileiro no extremo norte do estado do Amapá, Região Norte do Brasil. Disponível em: <https://www.estadosecapitaisdobrasil.com> [Consult. Em 2018.04.23].

³⁵ Cf. José Reis Barata, *Homenagem ao Escritor Ferreira de Castro no centenário do seu nascimento*, p.137.

³⁶ Humaitá é um município brasileiro localizado no interior do estado do Amazonas. Pertencente à mesorregião do Sul Amazonense e microrregião do Madeira. Informação Disponível em: Pt Wikipédia/Humaitá(Amazonas). [Consult. Em 2017.09.06].

³⁷ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.138.

disponibilizando-lhe o seu apoio material e moral que lhe permitiu fundar *A Hora, revista de atualidade e questões sociais* em 1922, de que saíram apenas seis números. Mais tarde, colabora no *Jornal O Tempo* e, posteriormente, na revista *ABC*, sob tutela do escritor Rocha Martins. Com dificuldades de diversa natureza e sem conta, publica *Mas...*, conjunto de textos ensaísticos e literários, constituindo assim a primeira obra sua editada e publicada em Portugal³⁸. Na mesma época, em outubro, lança a obra *Carne Faminta*, composição novelística de trinta e duas páginas, cujo teor decorre na Amazónia. Em 1923, publica as novelas *O êxito fácil e Sangue negro*. Em 1924, edita *A boca da esfinge* em parceria com o jornalista Eduardo Frias e, em seguida, *A Metamorfose*. No mesmo ano, *O êxito fácil* é traduzido para castelhano, sendo a primeira tradução de sua obra. Em 1925, edita *Sendas de Lirismo e de Amor* e a *Morte Redimida*. Em 1926, edita *A Peregrina do Mundo Novo, A Epopeia do trabalho e o Drama da sombra*, com ilustrações de Roberto Nobre. Em 1927, publica a coleção de contos *A casa dos Móveis Dourados* e o *Voo das Trevas*. Nessa senda, começa a escrever o romance *Emigrantes*, obra de grande sucesso nacional e internacional, vindo a assinalar uma nova etapa, uma nova fase artístico-literária. Entretanto, aparece no Porto, o magazine *Civilização*, de que foi o fundador e cuja liderança foi partilhada com escritor Campos Monteiro³⁹. É importante referir que, nesta época o autor atingia as três décadas de vidas. Continuava a colaborar em várias publicações entre elas *A Batalha e a revista A B C*, e o seu nome chegava às ilhas e a África e a ser facilmente reconhecido na classe jornalística. Em 1925, é aceite no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa e, no ano seguinte, é nomeado presidente, muito antes do golpe de 28 de maio que viria a dar origem ao Estado Novo.

Em 1927, integra pela primeira vez os quadros de um jornal, *O Século*, como redator e editor. Nesse contexto, em 1928, publica o seu romance *Emigrantes*, obra que veio dar-lhe rumo de literato consagrado em termos ancionais e atraiu sobre eles atenções. Dois anos depois, publica *A Selva*, obra com características autobiográficas. Esta acarreta uma maior consagração literária do seu autor por ter merecido receção internacional e ser traduzida em várias Línguas: asiáticas, europeias e americanas, tornando-se um livro universal. A morte de Diana Liz, escritora e companheira do autor desde 1927, em 30 de setembro de 1931, viria abalar Ferreira de Castro⁴⁰. O desgosto sofrido fá-lo interromper o seu percurso literário e, como solução para ultrapassar tamanho desgosto, o autor decide viajar pela Europa: Espanha e Inglaterra, na esperança de esquecer o infortúnio ocorrido. No seu regresso, abandona a direção do *Magazine Civilização* onde colaborou muitos anos e como forma de render homenagem a sua esposa prefacia e publica o primeiro livro póstumo de Diana de Liz, *Pedras Falsas*, em 1931, e *Memórias de uma mulher da época*, no ano seguinte⁴¹. No mesmo ano, o

³⁸ *Ibidem*, p.139.

³⁹ *Idem e Ibidem*

⁴⁰ Fundação Eng.º António de Almeida, *Ferreira de Castro 100 anos de vida literária, homenagem-ciclo de conferências* por Pedro Calheiros, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 2017, pp. 65-67.

⁴¹ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.140.

seu amigo contemporâneo Jaime Brasil, admirador das obras do autor, publica *Ferreira de Castro e a sua Obra*, a primeira biografia sobre o escritor. Meses depois, Ferreira de Castro adoece. Uma septicemia põe em risco a sua vida onde:

Onze sumidades médicas trataram-no. Mas conhece a gravidade do seu estado, mas aceita facilmente a ideia de morrer e pensa que a sua morte, se vier, será a melhor homenagem que poderá presentear a Diana de Liz⁴².

O nosso autor perde a esperança. Vê a sua morte próxima. Salva-o Professor Doutor Reynaldo dos Santos prestando-lhe todo o apoio material e moral. Entretanto, surge a tradução de *A Selva* em Espanhol. Após a melhoria, permanece na ilha da Madeira por um tempo. Refletindo o seu sofrimento nos anos anteriores e tendo-o como fonte de inspiração, escreve *Eternidade*, publicado em 1933, retomando assim a sua rotina literária. No mesmo ano, o romance *A Selva* foi traduzido em Alemão. Viaja então até ao Nordeste Transmontano e escreve o romance *Terra Fria*, cuja ação decorre num ambiente arcaico e fechado e é publicado em 1934, em folhetins no diário *O Século*, e depois em volume. No decurso, *A Selva* é traduzida em Inglês e publicada na Inglaterra, em seguida nos Estados Unidos e em Itália⁴³. Depois da inauguração de uma rua com o nome Diana de Liz e uma profunda homenagem em Évora, começa a escrever o romance *Intervalo*, que havia de deixar inédito, e teve como fulcro a Censura instituída no país pelo regime ditatorial. Entretanto, dirige todo o seu talento para a literatura. Abandona o jornalismo profissional. A Academia de Ciências de Lisboa atribui-lhe o prémio Ricardo Malheiro em honra da obra *Terra Fria*. E, em 1 de setembro de 1935, por iniciativa dos seus amigos, é-lhe entregue a direção do Jornal *O Diabo*, após a saída conflituosa de Artur Inês, a interinidade de João Antunes de Carvalho e a recusa de Julião Quintinha redator do periódico. Assim, Castro aceita o convite que lhe fora dirigido e exerce durante dois meses até se encontrar um sucessor para o cargo⁴⁴. Dando sequência ao seu percurso literário, faz uma viagem ao Mediterrâneo Oriental. Fruto desta viagem, resulta o livro *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*. Ao mesmo tempo, os romances *Emigrantes* e *A Selva* continuavam a ser traduzidas pelo mundo. Em 1936, começa a redigir a obra *Intervalo*, que não edita por razões políticas que se faziam sentir na devida altura e decide não escrever mais na imprensa periódica enquanto perdurar a censura.

No mesmo ano, conhece a pintora espanhola Helena Muriel, que se tinha refugiado no Estoril, com quem virá a casar dois anos depois. Retoma a obra *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* em 1937. As traduções dos seus livros em várias línguas aumentam o seu prestígio no estrangeiro aparecendo a edição francesa de *A Selva*, traduzida por Blaise Cendrars. Conclui a obra *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* publicada em 1938⁴⁵. Aceita escrever para o Jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, o que permite a Ferreira de Castro o exclusivo jornalístico duma série de crónicas e a ilustração das suas obras. Nessa fase, o escritor faz uma viagem

⁴² Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.141.

⁴³ Jaime Brasil, *Op., Cit.*, p.145.

⁴⁴ CASTRIANA, nº5, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2012, p.42.

⁴⁵ *Ibidem*, p.146.

com a sua esposa aos países escandinavos e à Checoslováquia. Fruto dessa e outras viagens, com apoio do jornal *A Noite* e a edição da Empresa Nacional de Publicidade, resulta a obra *A Volta ao Mundo* (1942, 1944), cujos serviços gráficos foram liderados pelo artista Roberto Nobre, que executou muitas das vinhetas e outras ilustrações da obra. A obra teve uma tiragem de mais de vinte e cinco mil exemplares, um número que fugia às obras anteriores e que rapidamente se esgotou em Portugal. Aquando da ocupação da região dos Sudetas, pelos alemães, Helena Muriel adoece gravemente em Paris, no fim do ano, e regressa a Lisboa convalescente. Após a declaração do fim da segunda guerra mundial, aparece em Portugal a primeira edição de luxo da obra *A Selva*, com ilustrações de diferentes autores⁴⁶.

Em 1945, nascia a sua filha Elsa Beatriz e após longas estadias na Serra da Estrela redige *A Lã e a Neve*⁴⁷. Como forma de lhe render homenagem, os seus conterrâneos afixam em 5 de maio, uma lápide na casa em que o escritor nasceu, em Ossela, com o seguinte texto:

Nesta casa nasceu em 24 de maio de 1898 o grande escritor Ferreira de Castro cuja obra de amor pela humanidade obteve projeção mundial⁴⁸.

As traduções e as homenagens pela qualidade das suas obras fazem de Ferreira de Castro um escritor de pendor universal. *A Lã e a Neve* é editada em 1947. No mesmo ano, aparece a tradução francesa de *Terra Fria*, publicada pela associação Carrefour, de Paris. Entretanto, ainda em 1947, publica em folhetins no jornal *O Primeiro de Janeiro*, o romance *A Tempestade*, que, de seguida, reedita em livro. Em 1948, Ferreira de Castro é homenageado pela *Société des Gens de Lettres* de Paris, por grandes figuras da literatura francesa. Em 1949, a Editora Guimarães e C.^a começa a publicação das suas obras completas em edições ilustradas com a participação de grandes pintores portugueses, mas o autor recusa a publicação das obras anteriores a *Emigrantes* (1928)⁴⁹. Em 1950, publica a obra *A Curva da Estrada*, escrita em grande parte em Pont-Aven, na Bretanha. Nesta época, escreve *A Missão*. Dado o seu sucesso, um agrupamento de homens de letras no Brasil convida-o a visitar o país. Ao responder ao convite, Ferreira de Castro declara que só poderia estar no Brasil quando a sua situação de saúde se tornasse estável, pois não queria morrer longe de seu país. Aparece então a edição francesa de *A Lã e a Neve*, selecionada pelo *Club Français du Livre*⁵⁰. De seguida, o autor começa a escrever a novela *A Experiência*. Estando em França, a saúde começa a complicar-se fruto de doença hepática contraída na sua estadia no seringal Paraíso. Começam as edições das suas obras na Alemanha, que não tinham sido possíveis antes devido ao regime nazi. No decurso do ano 1953, o estado de saúde de Ferreira de Castro agrava-se com uma intervenção cirúrgica que o deixou novamente em estado de coma.

⁴⁶ *Ibidem*, p.147.

⁴⁷ Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a Sua Personalidade, a Sua Obra*, p. 34.

⁴⁸ Homenagem de um grupo de amigos e admiradores, por Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.125.

⁴⁹ *Ibidem*, p.148.

⁵⁰ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, pp. 272- 273.

O Professor Doutor Paulino Valente declara aos seus admiradores, amigos e amantes das letras que o escritor tem poucas possibilidades de sobreviver. A situação crítica prolonga-se por cerca de vinte dias, porém recuperou da enfermidade⁵¹. Em seguida, recebe várias mensagens de simpatia assinadas por entidades do mundo inteiro em particular de Portugal. É assinalada a efeméride do 25.º aniversário da publicação da obra *Emigrantes*⁵². Em 24 de Dezembro, o autor perde a sua mãe D. Maria Rosa Soares de Castro, em Oliveira de Azeméis. Na celebração do quarto de século da obra *Emigrantes*, aparece a nova edição de *A Selva* com ilustrações do pintor brasileiro Cândido Portinari⁵³. Mais uma vez, oferecem-lhe um banquete no Porto, e o autor começa a escrever *As Maravilhas Artísticas do Mundo ou a Prodigiosa Aventura do Homem Através da Arte*. Visita os países do centro da Europa e os clubes literários franceses e alemães fazem tiragens especiais de algumas das suas obras. Mesmo assim, continuou a escrever *As Maravilhas Artísticas do Mundo*, no intuito de mostrar todas as suas grandes obras de arte em Portugal⁵⁴. Entretanto regressa a França, para dar sequência a escrita desta obra com anúncio prévio da sua publicação. Mais uma vez, é convidado pela Academia Paraense de Letras a visitar a Amazónia. Na Argentina e na França, surgem traduções de *A Missão*, editada e publicada pela *Revue des Deux Mondes*⁵⁵. Na sua curta ligação com a política, é convidado em 1958, por uma agremiação de democratas, para apresentar a sua candidatura à Presidência da República, mas rejeita o convite afirmando não estar satisfeito com as condições que lhe foram criadas e não ter vontade de abraçar a política. De novo, surge o convite para visitar o Brasil pela União Brasileira dos Escritores, *do Jornal de Letras* do Rio de Janeiro e da Casa de Ruy Barbosa, sob apoio do Ministério da Educação e Cultura do Brasil. O escritor aceita viajar porque a sua condição de saúde tinha melhorado. Embarca para o Brasil junto com sua esposa a 22 de setembro, sendo portador de uma mensagem da Sociedade Portuguesa de Escritores para a sua congénere brasileira. Chegando ao Brasil, foi alvo de recepção carinhosa pelos admiradores de São Salvador da Baía. Entra no Rio de Janeiro a 2 de outubro com uma recepção entusiástica que marcou o autor visto que nunca tivera tido uma recepção do género. A imprensa brasileira confirmou que o escritor foi “alvo de iniludíveis provas de apreço, desde o Chefe do Estado aos mais obscuros cidadãos brasileiros ou imigrantes portugueses”⁵⁶. É tornado cidadão carioca pelos vereadores da cidade maravilhosa. A recepção calorosa do autor à sua chegada ao Brasil constitui motivo de inspiração para prosseguir com o que mais gostava de fazer: escrever.

O seu “amor à escrita” arrastava milhares de admiradores em todo mundo. É recebido pelo Presidente da República do Brasil. Este revela-lhe ser um dos seus admiradores, ter citado algumas frases da sua obra durante a sua campanha eleitoral e convida-o a visitar a nova capital do país, Brasília. Outras homenagens foram-lhe prestadas pela União Brasileira

⁵¹ Idem e *Ibidem*.

⁵² *Op., Cit.*, p. 276.

⁵³ Cf. Álvaro Salema, p. 279.

⁵⁴ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.150.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 151.

⁵⁶ *Ibidem*, p.152.

dos Escritores e do Pen Club⁵⁷. No Rio de Janeiro, o autor foi recebido pela Faculdade de Filosofia e Letras e participou em colóquio com os alunos que o acolheram calorosamente. De seguida, autografa as suas obras em diversas livrarias a filas imensas de seus leitores⁵⁸. São-lhe ainda oferecidos banquetes, pelo *Correio da Manhã*, pela Colónia portuguesa do Rio de Janeiro e por numerosas individualidades; a Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro inaugura uma placa recordativa em alusão à sua chegada ao Brasil. No entanto, não foi possível honrar e atender todos os convites que lhe foram formulados visto que eram várias as solicitações. Em São Paulo, teve uma calorosa recepção, idêntica à do Rio de Janeiro, demonstrando assim o amor do povo diante deste homem, embora o autor permanecesse lá por poucos dias devido a outros compromissos.

O regresso a Portugal deu-se no dia 28 de setembro com numerosas entidades do Brasil a despedirem-se dele⁵⁹. Tinha chegado o tempo das homenagens. Em 1960, recebe o convite para participar em sessão organizada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, no dia 4 de fevereiro, em que o autor inaugura uma exposição bibliográfica e participa em duas sessões de autógrafos dos seus livros. De seguida, é-lhe oferecido um festim e nos dias 5 e 6 realiza-se um colóquio, no Teatro Nuno Álvares, com a lotação esgotada⁶⁰. A conferência do Doutor Óscar Lopes acerca do autor e das suas obras desperta o maior interesse. O colóquio termina com sessão de autógrafos das suas obras apresentadas pelos respetivos possuidores que havia muito esperavam a oportunidade. As filas com os seus leitores formavam-se em outros cantos da cidade, onde houvesse livrarias em que o autor fosse convidado como na Rua de Ceuta e de Santa Catarina. Esta foi considerada a maior homenagem a ser-lhe feita em Portugal⁶¹. Em julho do mesmo ano, Constant Burniaux, presidente da Real Academia da Bélgica, propõe um convite a Ferreira de Castro com objetivo de este ser sócio da mesma academia, mas o escritor recusa a proposta visto que já tivera recebido anteriores convites do mesmo género que recusara⁶². A 26 de julho, o município de Teresópolis sediado no Rio de Janeiro, na efeméride das comemorações do centenário da sua fundação, decide atribuir o nome do escritor a uma das ruas da sua circunscrição, o que efetivamente foi concretizado.

Em 1961, é homenageado novamente pela *Société des Gens de Lettres de Paris*. Na data, recusa-se a concorrer ao prémio Nobel. Todavia, no ano seguinte aceita de novo a eleição que obteve por maioria absoluta de Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores⁶³. Em 1965, o escritor doa a sua casa em Ossela à Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, com objetivo de esta a manter como a deixara na sua infância. Em 1966, acontecem os 50 anos de vida literária do autor com várias atividades agendadas em Portugal e no Brasil,

⁵⁷ *Ibidem*. respetivamente, p. 152.

⁵⁸ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.277.

⁵⁹ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.153.

⁶⁰ *Idem e Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*, p.154.

⁶² *Op., Cit.*, p.155.

⁶³ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.277.

entre outros países. Na mesma época, são publicadas novas edições das obras *Emigrantes* e *Terra Fria*. Em 1968, as edições portuguesa e brasileira publicam o seu último romance *O Instinto supremo*⁶⁴. No mesmo ano, a União brasileira de Escritores apresenta a candidatura de Jorge Amado e Ferreira de Castro ao Prémio Nobel da Literatura. O escritor português aceita por respeito ao brasileiro e este, ao português. Em 1970, em Nice, França, Ferreira de Castro vence o prémio Águia de Ouro no Festival do Livro de Nice, um prémio atribuído por unanimidade por um júri internacional. Este era então considerado como o primeiro prémio internacional ganho por um escritor português. Em 1971, o nosso autor, juntamente com Jorge Amado e Eugénio Montale, recebe o Prémio da Latinidade, concedido pela Academia do Mundo Latino, de Paris. Com o dinheiro recebido dos dois prémios, manda erguer uma biblioteca em Salgueiros, a sua terra natal⁶⁵. Após isto, em 1973, o escritor oferece uma parte da sua fortuna ao povo de Sintra. Esta vila romântica foi sempre o local preferido do escritor. Dela receberá várias homenagens e aqui participará em inúmeras sessões de autógrafos. Estando em Sintra, toma conhecimento da revolução de 25 de Abril de 1974 e participa no Primeiro de Maio imediato. No dia 5 de junho, sofre um acidente vascular cerebral em Macieira de Cambra, próximo da terra onde nasceu. Não foi possível recuperar da patologia associada e morre no hospital, no Porto, a 29 de junho de 1974⁶⁶. No mesmo ano da sua morte, publica-se o romance *Os fragmentos*, obra que o escritor havia deixado para a edição após a revolução do 25 de Abril e do fim da Censura. Assim, no ano seguinte, a Editora Lello publica o conjunto de suas obras intitulado *Obras de Ferreira de Castro*, visto que este já tivera pedido muito antes que se publicasse⁶⁷. Os restos mortais de Ferreira de Castro pousam numa encosta da Serra da Sintra, vila à qual doou o seu legado documental, a partir do qual se instituiu o Museu Ferreira de Castro.

1.1 Percurso Literário

Embora o essencial deste capítulo tenha sido abordado acima, cabe-nos dizer, indiscutivelmente, que Ferreira de Castro revolucionou o romance português na primeira metade do século XX e deve ser considerado uma das figuras maiores da literatura portuguesa. Tal feito mereceu-lhe o reconhecimento de muitos críticos, romancistas e ensaístas de sua geração e não só em Portugal, no Brasil e outros países. Notamos acima a consideração que Jorge Amado tinha por ele, aliás recíproca. Em Portugal, vários escritores reconhecem a qualidade e dimensão de suas obras. Destes, para não nos alongarmos, citaremos apenas alguns testemunhos. A começar pelo romancista Guedes Amorim que dele diz:

⁶⁴ *Ibidem*, p.280.

⁶⁵ *Idem e Ibidem*.

⁶⁶ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.155.

⁶⁷ *Idem e Ibidem*.

Chegou a ocasião de se dizer que o romance português deve a Ferreira de Castro, mais do que a qualquer outro autor, a fase renovada que hoje apresenta. Há vinte anos, quando este grande escritor publica *Emigrantes*, o romance que geralmente saía das mãos dos nossos autores, quando não se afundava num regionalismo palavroso, seguida de perto e mal as lições de Camilo e de Eça de Queirós⁶⁸.

Podemos dizer que as obras de Ferreira de Castro vão muito além do romantismo sentimental que ainda fazia escola em Portugal e noutras paragens no seu tempo. Ele foi capaz de nos transmitir uma visão do mundo cruel em alguns espaços e algumas relações. As narrativas de Ferreira de Castro mostram-nos um escritor pleno de recursos, que se renova a cada título, uma referência incontornável no seu tempo. Voltamos a Guedes Amorim que confirma o empenho social dos romances do nosso autor:

Sabemos todos que assim sucedia, não é verdade? Alguns autores franceses tinham aqui discípulos, mas os seus voos eram curtos. Os próprios imitadores de Proust iam ainda de fase de leitura assimiladora...E foi Ferreira de Castro, com uma riquíssima experiência em dois continentes, que veio dar nova vida à ficção, chamando o homem e os seus problemas económicos e sociais à mesa de anatomia do romance⁶⁹.

A adesão do público leitor às obras de Ferreira de Castro é indissociável da atitude cívica e da inflexível resistência do escritor: a sua determinação de não compactuar de qualquer modo com o regime que se fazia sentir. Nesse acervo, as diferenças artísticas entre Ferreira de Castro com outros autores não impediram a admiração recíproca de suas obras visto que diversos textos de natureza crítica, epistolar e autobiográfica permitim-nos avaliar a forma como se processaram as relações literárias e intelectuais do escritor. É a partir de 1928, com *Emigrantes*, que Ferreira de Castro se encontrará como autor, ao relatar a epopeia de um arquétipo, duma personagem exemplar compelida à expatriação por um modelo de organização social de desigualdade e, não menos importante, por uma estrutura cultural que privilegia a posse como forma de afirmação individual. *Emigrantes*, com as suas bem marcadas tensões sociais e ideológicas bem vinculadas, lança assim os fundamentos da novelística proletária e de clivagem social que, uma década mais tarde, é designada por *Neorealismo*. Simultaneamente, inscreve no romance português novecentista uma corrente marcadamente libertária sem paralelo nos autores seus contemporâneos, subdivididos entre: o casticismo de Aquilo de Ribeiro, de *Andam Faunos pelos Bosques*; o psicologismo de José Régio, de *Jogo da Cabra Cega*; o cosmopolitismo mundano de Joaquim Paço d`Arcos, de *Ana Paula*; o *realismo socialista*, de Alves Redol; e o *realismo integral*, católico de Francisco Costa de Cárcere⁷⁰. Na sequência da publicação da obra *Emigrantes*, Castro publica *A Selva*, em 1930, que vem confirmar o posicionamento ideológico do autor na via do romance social iniciada no livro anterior⁷¹.

⁶⁸ In *O século Ilustrado*, de 22 de Julho de 1950, Lisboa, p. 23.

⁶⁹ Idem e *Ibidem*

⁷⁰ Ricardo António Alves, *Ferreira de Castro 100 anos de vida literária*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2016, p.23.

⁷¹ *Ibidem*, p. 26.

A imensa obra como *A Selva*, em que o autor sobrepôs a sua verdade interna à da natureza e da sociedade, foi reconhecida como um dos grandes romances portugueses de atualidade, relativos ao século XX, e resultou na internacionalização do seu autor, que mereceu uma receção internacional jamais conseguida por qualquer romancista português em sua vida ou mesmo *post mortem*. Em 1973, a UNESCO confirma *A Selva* na lista dos dez romances mais lidos em todo mundo, graças às traduções para os mais diversos idiomas. Uma boa rasoira para sopesar este sucesso talvez possa ser o facto de *A Lã e a Neve* ou *Eternidade* não terem sido mandados apreender pela Censura, tal era o prestígio nacional e internacional do seu ator⁷². Os relatos seguintes mostram os recursos de um escritor que se renova a cada título e sedimentam o lugar de Ferreira de Castro como um autor de referência da sua época, no ponto de vista literário, cultural e sociológico: *Eternidade*, 1933; *Terra fria*, 1934; *A Tempestade*, 1940; *A Lã e a Neve*, 1947; *A Curva da Estrada*, 1950; *A Missão*, 1954; e o *Instinto Supremo*, em 1968⁷³. Por razões extraliterárias, que se prendem com a Censura imposta pelo Estado Novo, prestou também contribuições para a literatura de Viagens, com *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* 1937-38; e *A Volta ao Mundo* 1940-44; foi capaz de uma profunda digressão estética da Pré-História à Contemporaneidade, com *As Maravilhas Artísticas do Mundo* 1959-63; deixando inédito *Os Fragmentos* (1974), coleção que para além da lembrança memorialística abarca o romance *O Intervalo* e a peça *Sim, Uma Dúvida Basta*, em 1994⁷⁴. A divulgação de suas obras além fronteiras teve o reconhecimento de distintas personalidades da literatura mundial e valeu-lhe vários prémios como anteriormente mencionámos. Assim, ao concluirmos o percurso literário do autor, apresentaremos o retrato traçado por Fernando Jasmíns Pereira, que coloca em evidência a determinação e a força combativa com que o romancista usa a palavra para mostrar um homem inconformado com a desgraça da vida:

Ferreira de Castro é sobretudo, um romancista da miséria e da desorientação. É uma consciência que se ergue contra a desproteção, o aniquilamento a que nesta nossa sociedade são votados os pobres, desejando ardentemente um mundo justo em que tal não aconteça; é um coração que põe a esperança no amanhã com lema da sua obra; é um espírito que raciocina ser determinado processo verdadeiramente condutivo a essa sociedade ambicionada; é uma mentalidade formada em determinados quadros, angústia da morte, sem nada ver para além dela senão a hipótese de, num futuro mais ou menos longínquo, o homem matar a morte e viver perenemente feliz sobre a terra [...] ⁷⁵.

Nesse trecho, Jasmíns mostra-nos as divergências vividas por Castro numa sociedade ambiciosa como resultado das dificuldades vividas por si desde adolescente na região do Seringal. Por outro lado, vemos a vertente corajosa de Ferreira de Castro ao sufoco, ao enfrentar a dor, a morte na região hoje conhecida como campo de ação do seu romance.

⁷² In *Ferreira de Castro 100 anos de vida literária-homenagem ciclo de conferências*, por Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 2017, p.33.

⁷³ Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento* 1898-1998, p. 29.

⁷⁴ *Ibidem*, p.3.

⁷⁵ Cf. Fernando Jasmíns Pereira, *Ferreira de Castro- ficcionista: Introdução para o seu estudo*, Lisboa, Editora 33, 1956, p.22.

1.2. O autor e a influência do Neorrealismo

É costume dividir a História da Literatura Portuguesa em épocas e períodos. Tal divisão deve assentar em critérios válidos para além da questão cronológica de enquadramento epocal. O período literário foi definido como sendo:

Uma secção de tempo dominado por um sistema de normas, convenções e padrões literários, cuja introdução, difusão, diversificação, integração e desaparecimento podem ser seguidos por nós⁷⁶.

Nesse contexto, podemos dizer que os períodos literários não se seguem uns aos outros de forma rígida, isto é, como se até determinado dia houvesse o predomínio de certas características e no dia seguinte comesçassem a vigorar outras. Porém, cada período arrasta para si valores do anterior e projeta consequentemente outros no futuro. Sabemos, na verdade, que valores da estética medieval penetraram no Classicismo e que, por sua vez, valores do Classicismo transitaram para o Romantismo. Por isso, as datas propostas por vários autores como princípio ou fim de um período ou época não devem seguir-se com rigidez. Todavia, acutelados desses perigos, dividimos a história da nossa literatura em quatro épocas: Medieval, Clássica, Moderna e Contemporânea⁷⁷. Nesse contexto, centralizaremos o nosso estudo na época Contemporânea, cujo início podemos datar no ano de 1825, em que Almeida Garrett, publicou o seu *Camões*, e chamou a atenção dos escritores portugueses para o romantismo inglês e alemão⁷⁸. É claro que, no século XIX, podemos considerar dois momentos principais: o romântico 1825-1870 e o realista 1870-1900, seguidos pelos movimentos do século XX; Tradicionalismo, Modernismo e o Neorrealismo, entre outros, que chegaram aos nossos dias⁷⁹. Não particularizaremos a nossa abordagem ao Neorrealismo. Ferreira de Castro influenciou e foi influenciado por ele, mas a sua produção vai mais além. Concordamos com Mário Sacramento quando afirma:

O neorrealismo português foi e é um movimento ideológico e estético que exprimiu e exprime a incidência cultural dum processo histórico económico-sociopolítico cujas raízes mergulham no século XIX, mas têm, no atual, um marco indiciário: o ano de 1920⁸⁰.

A contextualização proposta pelo autor mostra que o movimento em Portugal não se limita à componente literária, estando igualmente associado às artes plásticas e à história da resistência antifascista. Todavia o Neorrealismo português em termos globais implica a referência a uma dupla problemática: primeiro, às motivações históricas e socioculturais subjacentes ao movimento em questão; segundo, a uma dinâmica de inovação literária obviamente própria de um fenómeno artístico que se apresenta como novo⁸¹. De facto, nas décadas 30, Portugal vive o renascer do Estado Novo, pautado pela Censura e repressão sob o

⁷⁶ Cf. António José Barreiros, *História da Literatura Portuguesa*, Braga, Editora Pax, S/ano, 13ª edição, p.41.

⁷⁷ Cf. *Idem e Ibidem*.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 42.

⁷⁹ Cf. *Op. Cit.*, p. 43.

⁸⁰ Cf. Mário Sacramento, *Há uma estética Neo-Realista?* Lisboa, VEGA, 2º Ed., 1985, p.23.

⁸¹ Cf. Carlos Reis, *Textos teóricos do Neo-realismo português*, Lisboa, Seara Nova, 1981, p.13.

governo totalitário de caráter fascista de Salazar. O Neorrealismo português caracteriza-se pelo caráter oposicionista contra o fascismo, pela dimensão social sempre presente e assume também dimensões políticas, reformadoras ou mesmo revolucionárias⁸². O compromisso com a transformação humana do mundo e a permanente articulação entre o individual e o coletivo são alguns dos traços que caracterizam as obras neorrealistas⁸³. No que concerne às principais influências diretas do movimento, citamos entre elas, alguns nordestinos brasileiros como Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queirós. Há também o contributo dos norte americanos da chamada Geração Perdida, John Steinbeck, William Faulkner, Hemingway, Gertrudes Stern e John dos Passos⁸⁴. Com a chegada deste movimento, surge uma nova tendência para literatura de crítica social, tanto na poesia, como na prosa, que uniu uma geração de que fizeram parte em Portugal: Alves Redol, Manuel da Fonseca, Afonso Ribeiro, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Mário Braga, Soeiro Pereira Gomes e Carlos de Oliveira. “A *Selva* de Ferreira de Castro, antecipou, aliás, o neorrealismo de Alves Redol”⁸⁵. Na divulgação do ideário neorrealista destacam-se as publicações: *Seara Nova*, *Sol Nascente*, *Pensamento*, *Síntese*, *O Diabo e Vértice*. No que concerne a *O Diabo*, semanário de crítica literária e artística, fundada em 1934, confirmamos que foi dirigido por Ferreira de Castro em 1935, e que tinha um campo de extensão bastante vasto, indo da atualidade política à crítica literária e cinematográfica, no contingente português como no brasileiro, com objetivo de ser um órgão vivo, ativo na informação e na crítica⁸⁶. O Neorrealismo não foi uma extensão do Realismo literário. Embora exista entre ambos um ponto ético comum que insiste na ligação da literatura à sociedade, o Neorrealismo distancia-se nos suportes ideológicos e na subsequente atitude face ao mundo circundante⁸⁷. No que a esta concerne, considera-se que a literatura deve exercer um papel ativo e interventivo, assim:

[...] romance, poesia ou ensaio deveriam converter-se em instrumento de compreensão transformadora do mundo. É real o compromisso do escritor com a sociedade, e sua obra é um instrumento transformador, na medida em que pode contribuir para a formação da consciência social⁸⁸.

O escritor neorrealista acredita no poder que a literatura tem de mudar a consciência humana e trazer reflexões e alterações na vertente social, na crítica e na compreensão do mundo real. Esta perspectiva já estava, no entanto, presente nas obras de Castro, o autor consagrado do romance *A Selva*⁸⁹. Todavia, a sua fase madura tem início quando publica o romance

⁸² Cf. Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento Neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Lisboa, Oficinas da Minerva do Comércio, 1977, p. 10.

⁸³ *Idem e Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*, p.73.

⁸⁵ Cf. Cristina Costa Vieira, Horácio em A Lã e a Neve 1947 um herói neorrealista? *In A Lã e a Neve de Ferreira de Castro, releituras, travessias, metamorfoses*, Covilhã, Tipografia da UBI, 2017, p.123.

⁸⁶ Urbano Tavares Rodrigues, *Um novo olhar sobre o NEO-REALISMO*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, p.15.

⁸⁷ Cf. Maria Adelaide A., Coelho, *A Selva de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007, p.33.

⁸⁸ *Apud*. Alexandre Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, Lisboa, Moraes Editores, 1977, p.33.

⁸⁹ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.43.

Emigrantes (1928). De facto, este encontra-se bastante longe do verdadeiro ideário socialista que, para os neorrealistas, é incompatível com quaisquer formas de compromisso com o Capitalismo ou com a ideologia e ideias capitalistas. Mas é com *A Selva* (1930) que o autor alcança prestígio de forma definitiva. É importante aferir que a nova corrente literária tem nitidamente como tema fundamental a denúncia social. Dessa forma, os escritores neorrealistas passaram a assumir uma posição mais crítica diante dos problemas sociais presentes na época, pois buscavam a conscientização do leitor para a realidade social e a miséria moral. Sendo uma literatura viva de tensão dialética, quer dizer, um instrumento de transformação social, os trabalhos afetos aos neorrealistas precederam a teorização que viria a acontecer de forma mais morosa. É sabido e aceite que é Alves Redol, com sua obra *Gaibéus* (1939), que inaugura o Neorrealismo em Portugal. Todavia, é nos anos 40 que o movimento assume as características de uma corrente literária individualizado. Em artigo de *O Primeiro de Janeiro*, de 1945, Mário Dionísio foi apontado como um dos teóricos desta corrente literária demonstrando-se que para os neorrealistas a observação é atuante; a sua preocupação não é copiar a Natureza, mas mudá-la. O Neorrealismo não aborda nem compreende o homem fora do seu ambiente social⁹⁰. Roberto Nobre e Alexandre Cabral identificam Ferreira de Castro como um neorrealista, o introdutor de um novo humanismo. Todavia Mário Dionísio e Álvaro Salema, teóricos neorrealistas, não identificam nas obras de Ferreira de Castro as bases fundamentais que caracterizam o movimento⁹¹. Porém, o nosso autor acompanhou de perto o nascimento do neorrealismo como manifesta Jaime Brasil:

Ferreira de Castro é atribuído o papel de precursor dessa jovem literatura [...] foi o primeiro que em língua portuguesa, tratou dos problemas sociais. Fez reportagem do drama dos que trabalham e escreveu o trecho do documentário humano⁹².

Apesar de Jaime Brasil se ter manifestado a favor da ideia da incorporação do nosso autor nas fileiras da nova corrente literária devido ao brilhantismo das suas obras com maior incidência no romance *A Selva*, onde a imputação assenta em um dos princípios do Neorrealismo, Ricardo António Alves afirma que:

Portugal tem atualmente, uma nova geração brilhantíssima, inquieta de cultura e de ver todos os problemas de frente. Penso que dentro de muito pouco anos essa geração ter-nos-á dado [...] obras notáveis e notáveis são já algumas das que têm aparecido nos últimos tempos⁹³.

Nessa perspectiva, nas obras de Ferreira de Castro, e em particular no romance *A Selva*, podemos constatar as mensagens de solidariedade e anuência fraterna aos problemas ligado ao homem, causas suficientes para ser considerado neorrealista. Roberto Nobre, partilhando a mesma opinião, remete para a obra *Emigrantes*:

⁹⁰ Cf. Alexandre Cabral, *Breves comentários à sua obra, In Vértice*, Vol.17, Nº 165, p. 286.

⁹¹ Cf. *Apud.* Maria Adelaide A., *Coelho, A Selva de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, p.34.

⁹² Cf. Jaime Brasil, *Os novos escritores e o movimento chamado "NEO-REALISMO"*, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.11.

⁹³ Cf. Ricardo António Alves, *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas encruzilhadas do século*, Lisboa,2002, Âncora Editora, p.102.

Naquele primeiro romance, estava o emigrante português, como paradigma do emigrante humilde de todo o mundo. Era o Neo-Realismo, embora então ainda assim não estivesse crismado. [...] Coube a Ferreira de Castro o papel de pioneiro, aquela gloriosa oportunidade do escritor que chegou na época porque soube antevê-la e corresponder fecundamente a ela⁹⁴.

A forma como Ferreira de Castro narra o percurso do jovem Alberto pode-se dizer que é muito linear e se torna até banal. Ela traça um quadro sem muitos acontecimentos, mas com muita descrição da selva, que se torna marcante ao longo da narrativa. No entanto, *A Selva* é uma obra madura. O autor opta pelo foco narrativo em terceira pessoa, mostrando desta forma um interesse maior pelo coletivo. Mesmo que narre a história de Alberto, evidencia-se um claro interesse pela causa dos seringueiros. Alberto é a figura que representa toda essa classe de aperreados. Sendo o único trabalhador letrado, que tem o direito de pensar, raciocinar, imaginar e julgar enquanto os outros se entregavam à um cativo selvático. Um fator importante na narrativa é a presença cruel, opressora e imponente da selva. Mesmo sendo uma obra neorrealista em germen, *A Selva* apresenta uma das grandes marcas do Neorrealismo a clivagem social; todavia nela sobressai a importância do espaço da narrativa, como se fosse um personagem integrante dos acontecimentos, como mostra o fragmento a seguir:

A selva, os homens que nela viviam, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil-era essa a minha ambição. No desdobrar duma greve, com alvoroçadas marchas, rúbidos estandartes, gritos, muitos gestos e protestos um operário lança a sua bomba a Belém do Pará. E, fugido as buscas policiais, ocultava-se, hoje aqui, amanhã ali, ao sabor inquieto das circunstâncias na cidade [...] Assim começava *A Selva*. Mas estas movimentadas cenas pareceram-me ainda demasiado romanesca para a obra que eu desejava fazer⁹⁵.

O fragmento anterior mostra claramente que *A Selva* constitui uma espécie de narrativa aerossférica. A selva descrita no romance também serve como um microcosmo para o que acontecia no mundo naquele momento (1930). O mundo vivia um hiato entre duas guerras mundiais. Em Portugal, o fascismo estava em ascensão com a ditadura de Salazar e o abuso do poder era praticado em boa parte do mundo, e tudo isso é visível no seringal Paraíso. Alberto tem consciência das injustiças ocorridas no seringal, mas não tem força para combatê-las. Por ser o único letrado no meio da selva, encontra-se isolado em todos os sentidos. Mais uma vez as relações de poder se fazem evidentes quando Alberto é promovido de seringueiro a guarda-livros e dessa forma o seu tratamento seria diferenciado dos outros seringueiros⁹⁶.

Voltando à negação das características neorrealistas a Ferreira de Castro por Mário Dionísio, diremos, no entanto, que este enquanto poeta, contista, romancista, pintor, professor e crítico literário, manteve com Ferreira de Castro relações pessoais e literárias de amizade e admiração recíprocas, manifestas em correspondência⁹⁷. No entanto, trata-se de duas figuras diferentes pela origem social, pela trajetória de vida, pelas opções artísticas e

⁹⁴ In *O Comércio do Porto*, de 26 de Julho de 1966, p. 13.

⁹⁵ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, Lisboa, Guimarães, 39ª edição, 2002, pp.18-19.

⁹⁶ Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, pp.32-33.

⁹⁷ Cf. Manuel José Matos Nunes, *Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, p. 25.

ideológicas e pela idade. Dionísio era dezoito anos mais jovem em relação a Ferreira de Castro. Fazia críticas às obras literárias deste por intermédio de cartas. Por seu turno, Ferreira de Castro enviava exemplares dos seus novos romances ao crítico neorrealista. Das várias recensões às obras de Ferreira de Castro, uma delas é sobre o romance *A Lã e a Neve*, onde Dionísio afirma que o romance trazia uma “marca vulto de grande relevo”⁹⁸ na visão literária da época. Ferreira de Castro foi considerado como pioneiro da literatura social portuguesa e cujo nome se inscreveu na história da literatura do século XX. É a ele “que os neorrealistas têm de agradecer para sempre como “desbravador da rota”⁹⁹. Para Mário Dionísio, Ferreira de Castro não é um neorrealista porque “o seu conceito do mundo e da vida e, conseqüentemente, do romance não é o mesmo que informa, indispensavelmente a visão do mundo, da vida, do romance”¹⁰⁰ dos escritores daquele movimento. O crítico situa-se na linha das “fileiras” da *Seara Nova*, dirigida por Câmara Reys entre fevereiro de 1942 a julho de 1943 e, apesar de toda a empatia com a personalidade de Ferreira de Castro, não cede na inserção deste na sua corrente literária¹⁰¹. Diante de tudo isto, podemos provar que o neorrealismo não foi uma extensão do Realismo literário. Embora existisse entre ambos o ponto ético comum, a ligação da literatura à sociedade, distanciam-se, porém, na linha ideológica que lhes estava subjacente, na subsequente atitude face ao mundo circundante e na caracterização do nosso autor¹⁰². De facto, o protagonista de *A Selva* é diferente de tantos outros do Neorrealismo pois não se assume como um sacrificado. Alberto pensa, vagueia, tem opinião, mas não se revolta contra o sistema que tanto o oprimiu e continua oprimindo severamente os seus colegas seringueiros. Porém, não são as ideias, mas as ações que tornam o personagem Alberto precursor do protagonista do Neorrealismo. Podemos, pois, concluir que Ferreira de Castro desempenhou no contexto literário, um papel preponderante que vai mais além de pioneirismo do Neorrealismo, advogando uma prática revolucionária mais do que sustentada na ideologia, assente na história concreta. Com efeito, nele, a obra não fica indiferente ao meio em que a narrativa se insere e, por isso, denuncia, evidentemente, o desejo de mudança, de construção de uma nova sociedade, foco dos seus romances, não ficando nada atrás das propostas da nova geração neorrealista. O escritor marcou a sua época, ao transportar para literatura o sofrimento do homem, a luta no seu dia a dia, os meios difíceis, adversos, que o constroem, os problemas dos seringueiros, a denúncia da exploração, a inconformidade, a justiça. Assim:

A Selva, nesse sentido, é sem dúvida um romance de comprometimento e de veios demarcadamente neo-realistas, que ultrapassa não só o propósito literário ao incidir na problemática socio-económico (o Neo-Realismo é, nesse sentido, um fenómeno

⁹⁸ Apud. Manuel José Matos Nunes, *Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa*, p. 26.

⁹⁹ *Op., Cit.*, p. 27.

¹⁰⁰ *Idem e Ibidem*.

¹⁰¹ *Ibidem*. p. 28.

¹⁰² Cf. Maria Adelaide Antunes de Brito Coelho, *A Selva do romance de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, p.33.

político-sociológico), como também a abstracção e a subjectividade, modernista (...) ¹⁰³.

Desse modo, o autor por experiência própria do mundo real em que viveu, elevou o seu grito com o objetivo de solidarizar-se com as almas que pereceram em busca de uma vida digna e que não tinham voz, pela justiça e pela esperança numa sociedade nova. Foi desta maneira o discurso neorrealista na obra de Ferreira de Castro:

O romance *A Selva*, enquanto obra assente em bases neo-realistas, pretende pôr em destaque, de forma impressiva, a luta adaptativa do homem face a um meio hostil e a uma sociedade estratificada. Nesta narrativa, a geografia física e humana conjuga-se, sendo que a «irreduzibilidade vegetal» exerce sobre os seringueiros uma influência que extravasa a própria exploração do patronato ¹⁰⁴.

Porém, a obra de Ferreira de Castro não se esgota nestas indicações. Acaba por ser um grito de quem sente na pele as amarras da dominação e o peso da discriminação, do amestramento e do trabalho por recompensar. Porque se trata de um romance de injustiças, em *A Selva*, as personagens manifestam na sua singeleza uma conturbação interior contra uma estrutura social susceptível de dobrar vontades e valores com base num encarnejamento cego que só se impõe porque faz apelo à ambição ¹⁰⁵. A isso não podemos tratar de um realismo estático, mas sim de um realismo dinâmico, de ação, de índole humana e reflexiva, de “chamamento à realidade” ¹⁰⁶ como Mário Dionísio designou por se inserir na contemporaneidade do escritor neorrealista.

1.3. Ferreira de Castro e as influências lusófonas: o novo romance brasileiro

A crítica e a ensaística das últimas décadas têm abordado algumas dificuldades que as obras de Ferreira de Castro oferecem às conceções e gostos prevaletentes. Todavia as mesmas acabam sempre por justificar uma reação sumária inicial, muito claramente assertiva: Ferreira de Castro conta-se sem dúvida entre os escritores mais importantes do século XX em Portugal e Brasil ¹⁰⁷. Neste caso, próximo de Ferreira de Castro, quer em estatura quer em idade e data de estreia literária situam-se : Amando Fontes (1899-1967), com *Os corumbás*, 1933; Joracy Camargo (1898-1973), com *Getúlio Vargas e a Inteligência Nacional*, 1940; José Lins do Rego (1901-1957), com *Menino de Engenho*, 1932; Rachel de Queiroz (1910-2003), com *O Quinze*, 1930; Jorge Amado (1912-2001), com *O País do Carnaval*,

¹⁰³ CASTRIANA, nº 4, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2009, p.29.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 27.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 39.

¹⁰⁶ Cf. Carlos Reis, *O discurso Ideológico do Neo-realismo português*, Coimbra, FLUC, 1983, p. 40.

¹⁰⁷ Cf. Óscar Lopes, *Cifras do Tempo*, Lisboa, Caminho, 1990, p. 167.

1931 e Firmino Teixeira do Amaral (1896-1926), com *O rigor do Amazonas*, 1916¹⁰⁸. É importante aferir que além dessas influências comuns brasileiras, Ferreira de Castro conviveu com outros autores do mundo literário, que também fazem parte do romance brasileiro e não excluimos, mas apenas selecionamos aqueles que citamos anteriormente por fazerem parte da época do autor. O tempo de Ferreira de Castro (1898-1974) é também o das narrativas dos seus romances, que não deixa de refletir as situações políticas e sociais por si vividas. Castro encontrou o seu primeiro grupo de admiradores nos anos 30, mas a sua obra só principiou a ser globalmente editada nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. O sucesso de Castro coincide com a segunda fase do modernismo no Brasil (1930-1945), a que o movimento neorrealista não é estranho. Porém, os romances brasileiros influenciaram o autor e, nesse momento, eram já chamados de romances neorrealistas ou romances regionalistas por abordarem aspectos sociológicos de algumas regiões do país, por exemplo, as consequências da seca do Nordeste, o sofrimento do povo, a situação de emigração no Brasil, dentre outras situações que afetam os coletivos humanos¹⁰⁹.

Sob outra perspectiva, o romance brasileiro da década de 30 teve como marco inicial a publicação do romance *A Bagaceira* (1928) do escritor José Américo de Almeida¹¹⁰. Rachel de Queiróz (1910-2003), escritora, jornalista, dramaturga e militante política cearense, foi uma das mais proeminentes artistas do momento, com a sua ficção social nordestina retratada na obra *O Quinze* (1930). O título faz referência ao ano em que a seca assolou a região do Nordeste nos anos de 1915, época em que Ferreira de Castro se encontrara no Brasil, enfrentando as desigualdades sociais, as desgraças do trabalho forçado¹¹¹. Graciliano Ramos (1892-1953), escritor, jornalista e político alagoano, deixou, como obra mais emblemática do período de Ferreira de Castro, *Vidas Seca* (1938), onde o autor aborda temas como a seca que assolava a região nordestina e a vida de uma família de retirantes que fogem do sertão e da miséria. Devemos destacar também um nome incontornável do novo romance brasileiro, José Lins do Rego (1901-1957), escritor paraibano, que explorou temas regionalistas apontando aspectos, políticos, sociais e económicos do país. A sua obra mais emblemática do período é intitulada *Menino de Engenho* (1932), que denuncia a realidade social e ao mesmo tempo apresenta a decadência do ciclo de açúcar nos engenhos nordestinos. Em seguida, Jorge Amado (1912-2001), escritor baiano, considerado um dos nomes mais sonantes da literatura regionalista brasileira do século XX, nas suas obras, explorou a diversidade étnica e social brasileira, da qual se destaca a obra *Capitães de Areia* (1937), romance urbano ambientado na cidade de Salvador na década de 30, cujos protagonistas formavam um grupo de menores abandonados chamados de “Capitães da

¹⁰⁸ Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, Covilhã, UBI, 2016, p.5.

¹⁰⁹ Cf. Franciane Gama Lacerda, *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência* (1889-1916), Belém, Ed. Açai, 2010, pp. 31-33.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 34.

¹¹¹ Cf. Silvino Dir Castro, *História da Literatura Brasileira*, Lisboa, ALFA, Vol., 1999, p.45.

Areia”¹¹². Dessa maneira, os artistas do novo romance brasileiro estavam empenhados em criar uma arte voltada para a realidade e, portanto, para as questões sociais, culturais, políticas e económicas que atingiam a sociedade e que constituíam motivos de contestações dos escritores dessa época. Finalmente, ainda um olhar para os folhetos de cordel, *A vida do seringueiro*, do poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral, uma vez que também ele tivera o mesmo trajeto de trabalho de Ferreira de Castro no seringal amazónico. Deixamos em paralelo dois trechos sobre o seringal, um de Ferreira de Castro e o outro de Firmino Teixeira do Amaral:

Cada seringueira leva tantas tigelinhas conforme for a grossura dela. Uma valente, como aquela piquiá que você está vendo ali, pode levar sete. Uma assim como esta, leva cinco ou quatro, se estiver fraca. Corta-se de cima para baixo e, quando se chega a baixo, o machadinho volta acima, porque a madeira já descansou. Seringueiro malandro faz mutá, mas aqui é proibido¹¹³.

Seguem num trote ligeiro ali pelas manhãzinhas vão golpeando as madeiras embotindo as tigelinhas, vão assim nessa jornada andando toda estrada madeiras por madeirinhas¹¹⁴.

Os trechos citados de um e outro autor mostram e fazem menção ao cotidiano dos seringueiros no seringal, na região do Amazónia. Tais protagonistas eram os responsáveis pela extração do látex na técnica da produção da borracha. O primeiro trecho faz parte do livro *A Selva*; o segundo concerne versos do folheto de cordel *A vida do seringueiro*, do poeta Firmino Teixeira do Amaral. Os dois autores tiveram uma passagem e experiência de trabalho na Amazónia no início do século XX. Ambas as obras oferecem uma análise da relação entre o homem e a natureza, relação que é bastante presente na rotina dos seringueiros¹¹⁵. A matéria das relações do homem com a natureza tem sido bem estudada no âmbito da história ambiental no quadro literário:

O objetivo principal da história ambiental é o entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados [...]¹¹⁶.

Os escritores daquela geração de 30 estavam preocupados com a denúncia das desigualdades e injustiças sociais no país, sobretudo na região do Nordeste, criando uma literatura ficcional crítica e revolucionária cujos temas eram a vida rural e agrária, a emigração e a exploração do látex. A crise financeira de 1929 refletia-se no Brasil em vários setores económicos e sociais de forma mais acentuada nas camadas mais desfavorecidas da sociedade. O desemprego, a miséria e a manipulação política, por meio da república das terras de “Vera Cruz”¹¹⁷ deixavam a população brasileira cada vez mais descontente. Além disso, sob o governo do presidente Washington Luís, despontava a Revolução de 1930, que

¹¹² Cf. Silvio Dir Castro, *Op., Cit.*, p.35

¹¹³ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p.90.

¹¹⁴ Cf. Firmino Teixeira do Amaral, *A vida do seringueiro*, Belém, Guajarina, s/ano., p. 9.

¹¹⁵ Cf. Geraldo Magella Neto, *História ambiental e Literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*, Pará, UFPA, 2011, p. 2.

¹¹⁶ Cf. Geraldo Magella Neto, *Op., Cit.*, p.3.

¹¹⁷ Nome dado pelos descobridores portugueses ao novo mundo que atualmente corresponde a parte Nordeste da costa brasileira relatando na Carta de Pero Vaz de Caminha. (Garcia, 1994, p.34.)

culminaria em golpe de estado e, por consequência, na deposição do Presidente da República e a chegada de Getúlio Vargas ao poder¹¹⁸.

Perante tal panorama, os literatos do novo romance brasileiro apresentavam uma nova estética, pautada nos temas humanos, psicológicos e sobretudo sociais do país. A escrita de Castro não podia ficar indiferente a esse sentimento de crise, embora tal influência não constituísse a principal fonte de inspiração para que Castro começasse a escrever. Sublinho que os romancistas brasileiros na década de trinta, além de tratarem as questões sociais como Castro fazia, pretendiam ser lidos pelo povo e utilizavam uma linguagem coloquial, popular e regionalista. Nesse sentido, entendemos que a literatura também é um instrumento de denúncia, dado que, por meio das obras literárias, é possível a manifestação de opinião sobre os usos e valores atribuídos à natureza em diversos momentos da nossa vida. E esta realidade é manifestada pelos dois escritores que atribuem valores e dramaticidade aos seringais da Amazônia no início do século XX: os já mencionados, Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral. É importante realçar que de entre os vários escritores referidos ao longo da nossa abordagem e referente a esse ponto, apontamos Ferreira de Castro como um escritor consagrado pelo cânone literário¹¹⁹ fazendo parte da chamada literatura erudita. Assim, no subtema acima, é possível trabalharmos com diferentes obras literárias que exploram questões sobre as relações entre o homem e a natureza, mesmo que tais obras não tenham o mesmo valor para os críticos, andam à volta daquilo que é a essência do novo romance brasileiro. Desse modo, ao propormo-nos analisar as obras do novo romance brasileiro, concordamos com a perspectiva de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira ao afirmarem que:

A literatura para o historiador é tomada como um testemunho histórico, sendo parte de sua investigação “destrinchar” não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social¹²⁰.

Analisando os discursos dos dois autores, cabe-nos dizer que estes utilizavam recursos estilísticos e efeitos retóricos, não obstante, as obras de Ferreira de Castro e de autores do novo romance brasileiro não deixarem de revelar aspectos das suas experiências pessoais ou das suas trajetórias e dos principais problemas humanos e naturais que arruinavam o meio social. Como confirma o próprio Ferreira de Castro no seu romance que:

[...] se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor. Tanto, tanto que algumas noites suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criara¹²¹.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 38.

¹¹⁹ Cânone literário reúne as obras consagradas pelas instituições legitimadoras das belas artes, tais como as Academias de Letras. Segundo Pierre Bourdieu, “o produto do valor da obra de arte não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir a crença no poder criador do artista.” Bourdieu salienta ainda que, a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida. [Bourdieu, 1996:259].

¹²⁰ Cf. Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, *A história contada: capítulo de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, p.7.

¹²¹ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p.17.

Todavia, confirmamos que *A Selva* não é escrita em formato de autobiografia, mas sim em formato de um romance cujo teor é narrado na terceira pessoa. Ferreira de Castro luta para que não sejam esquecidos aqueles cuja existência era, na verdade, ignorada, ou melhor, o autor mostra aos leitores o drama dos seringueiros no seio de uma floresta tão desconhecida ao grande público¹²². Por outro lado, apesar de serem obras de autores pertencentes a épocas diferentes, origens diferentes, quer um, quer o outro souberam influenciar o campo literário circundante. Assim as obras de caráter realista e naturalista foram destacam-se pelo seu realismo social. Não temos dúvidas que a prosa de ficção, o romance e a poesia social de 30, cumpriram a sua função ao destacarem os temas de que a corrente neorrealista faz lema, sobretudo, a luta de classes, a desigualdade social e económica e os problemas humanos. Atendendo a que anteriormente focamos a experiência vivida pelo dois autores, Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral na Amazônia, como seringueiros, é importante entender o contexto histórico a que se referem as suas obras, tratando-se do período da economia da borracha na Amazônia, período compreendido entre 1850 e 1920, em que fez história a extração do látex no seringais¹²³. Nesse sentido, estas obras oferecem contribuições relevantes para a compreensão da realidade contemporânea da região da Amazônia, porquanto a obra *A Selva* se constitui como fonte de pesquisa indispensável a todos os que pretendem lançar um olhar mais profundo sobre essa região, dando-nos assim uma profunda reflexão acerca da ligação entre o homem e a natureza no contexto ambiental. Entretanto, cabe-nos realçar que na obra *A Selva*, a floresta ganha maior destaque como confirma o próprio autor ao dizer-nos o que pretendia na sua obra com o cenário da selva:

Mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso¹²⁴.

Desta maneira, os homens sofriam uma dupla dependência a social e natural. No caso desta, eram como marionetes manejados pelas forças da natureza, visto que tinham de levá-la em consideração em qualquer tarefa do cotidiano. E, nessa passagem, fica claro que Ferreira de Castro tencionaria, com a sua obra, abordar a selva como uma personagem de primeira instância, de evocação e paradoxal, ao mesmo tempo, deslumbrante e temível.¹²⁵ Finalmente, Ferreira de Castro contrapõe a vida que levava no seringal com a vida que desejava ter se acaso permanecesse na sua terra natal. A Amazônia era assim vista de forma negativa perante a realidade portuguesa, embora Ferreira de Castro não tivesse desfrutado de uma situação próspera no seu país. Na obra, podemos perceber que, nas relações, o maior inimigo do seringueiro era a floresta e não o patrão. As relações com a floresta criavam maiores dificuldades do que as relações com o patrão. Daí, Ferreira de Castro efetivar a

¹²² Cf. Geraldo Magella de Menezes Neto, *História Ambiental e Literatura: O seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*, p.7.

¹²³ Idem e *Ibidem*

¹²⁴ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, pp.18-19.

¹²⁵ Geraldo Magella de Menezes Neto, *História Ambiental e Literatura: O seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*, p.12.

transferência do sentimento de subordinação, que predomina nas relações de produção que escravizam o seringueiro à floresta tendo em vista a necessidade de lidar com ela, sem conseguir visualizar formas de dominá-la ou submetê-la à sua vontade na luta pela subsistência naquele meio infernal, naquela prisão de exploração de homens. Vários aspectos dos seringais da Amazónia no início do século XX são trazidos à colação. A Amazónia constituiu a causa de milhares de mortes a um grupo de vários emigrantes em busca do lucro fácil, mas não concretizado por muitos num relacionamento escravo e patrão em busca de vida. No caso Ferreira de Castro, tem-se, mais uma vez, o relato de um viajante, de um europeu, de um civilizado que de facto viveu na Amazónia, que experimentou a rotina nos seringais da borracha e, nesse mesmo período, dava os primeiros passos no universo da criação literária, que nos leva a crer ser um conhecimento empírico do autor, que tece uma funcionalização do real experimentado por si mesmo, que leve a desestabilizar o leitor e a encaminhá-lo para a busca da metáfora do texto literário perante a realidade¹²⁶. Estas situações são factos achados no seu romance *A Selva* como resultado do ambiente vivido naquele mundo selvático opressor que perdurou vários anos em um ciclo da sua trajetória de vida. Nesse sentido, o nosso autor deixou-nos um memorial sentido. Sem dúvida ele pode ser considerado um escritor arguto, capaz de utilizar a sátira e a ironia de forma equilibrada, pessoalmente austero e sóbrio, respeitador, interlocutor disciplinado e atento. Nesse testemunho, Castro confirma-nos que o ano de 1930 foi o mais cruel da sua vida por tratar de questões de vida e de morte, ou seja da tragédia humana.

1.4. Ferreira de Castro na perspectiva da Universidade

Katyavala Bwila

Nesta seção colhemos o testemunho da abordagem do colega, professor Doutor Mário Joaquim Aires dos Reis, Doutorado em Estudos Literários (Literatura Africana de Língua Portuguesa), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese *Formas Metafóricas e Registos Descritivos na Escrita Carnavalesca de Manuel Rui*, sob a orientação do Professor Doutor Alberto Carvalho. O seu mestrado foi concluído em 2000, também pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a apresentação da dissertação *A Palavra, a Imagem, a Morte e a Mulher: Percepções do Mito de Crono em Clepsidra de C. Pessanha e em Nome da Terra de V. Ferreira*. Enquanto Leitor e investigador do Instituto Camões em Benguela, e do CLEPUL, tem exercido a atividade docente em diversas universidades, com destaque a UKB, onde leciona as cadeiras de Introdução aos Estudos Literários, Literatura Portuguesa, Brasileira, Teoria da Literatura, História da Língua Portuguesa dentre outras.

¹²⁶ Cf. Adriana Aguiar, *Ferreira de Castro: dos arquivos pessoais como paratextos literários*, Amazonas, UFA, 2012, p.3.

Nesta linha, o professor apresenta-nos o seu contributo sobre Ferreira de Castro e a receção das suas obras em contexto angolano. À vista disso, para o professor:

Ferreira de Castro, escritor internacionalmente conhecido é autor de uma vasta obra literária, traduzida em todo mundo. Ferreira de Castro não é e nem foi, até ao momento, um dos escritores a quem demos muito tempo da nossa atenção e da nossa leitura. Esta é a verdade. Outras leituras e outros autores ocuparam o nosso pensamento. Contudo, a primeira nota, como iniciantes pelos caminhos literários de Ferreira de Castro, é a de que o autor de *A Selva* cativou a nossa atenção e levou-nos ao colo e assim entramos suavemente ao sabor da sua pena no seu mundo e no mundo do seu tempo. Deleitou-nos a preciosidade e a beleza do seu dizer; um dizer feito e não um dizer escrito¹²⁷. Afirma-se totalmente como jornalista na sua época; século XIX a XX, deixando na temporada obras que abordam preocupações humanitárias: injustiças sociais, a dominação, a fome, o sofrimento e a miséria traduzida em denúncia; objeto da nossa abordagem. A génese da escrita de Castro está em Belém do Pará ou, até mesmo no Seringal Paraíso, por tê-lo acolhido como emigrante e por sua vez, sacrifica-se nas letras: *Criminoso por Ambição*, 1916. Entre os autores consagrados pelo cânone literário cujas obras avolumaram pela qualidade e quantidade está sem dúvidas Ferreira de Castro. O tempo de Ferreira de Castro (1889-1974) é o do seu percurso literário e do seu sucesso.

A Selva e *Emigrantes* são obras que produziram funda emoção e uma beleza luxuriante em Portugal e no resto do mundo; obras que deram um outro rumo, uma outra visão ao nosso autor. Castro, para escrever *A Selva*, disfarçou-se em emigrante, suportando os martírios que descreve, cujas atitudes enriquecem sobremaneira o romance. As honras de Ferreira de Castro pelos seus romances não abrangem apenas a literatura portuguesa no contexto social, mas além-fronteiras o caso em África e, em particular, no contexto angolano. A representação dos autores de Literatura Portuguesa Contemporânea na classe académica e na perspetiva da Universidade Katyavala Bwila é feita pelos Instituto Camões sediada em Benguela e Luanda. À volta disso, no contexto escolar angolano, a obra do autor é pouco estudada e conhecida, pois, há fraca proposta de leitura de romance nos programas de línguas e literaturas ministrada pela Universidade acima aludida. Aliás, o défice alastra-se nas demais instituições sediadas no país. Desta maneira, em contexto angolano, podemos dizer, um número escasso conhece Ferreira de Castro. Aqueles que possuem suas obras, conseguem-nas pelo facto de serem contemplados a uma formação pela Europa, ou seja, por terem a correspondência de um familiar no referido meio. Nessa perspetiva, digo que Ferreira de Castro e as suas obras tal como a de outros autores de sua época são menos conhecidos em contexto angolano na classe estudantil.

Fruto disso, Ferreira de Castro pode ser considerado um escritor fora de moda, mas não está ultrapassado. O conhecimento existente das suas obras não é grande, visto que não é saudável o hábito de leituras e de atividades culturais literárias no referente contexto: colóquios, jornadas científicas, mesas redondas

¹²⁷ Cf. Carlos Costa Gomes, *O lugar da ética na Obra Eternidade de Ferreira de Castro*, Comunicação apresentada nos IV Encontro de Ferreira de Castro, Oliveira de Azeméis, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, p.59.

acerca dos vários autores da Literatura Portuguesa Contemporânea, salvo, alguns estudantes que conhecem o autor e suas obras por gentilezas sob orientação de um professor português. De forma forçada, no programa de Literatura Portuguesa: Luís Vaz Camões, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, entre outros, são estudados talvez por serem autores de movimento literário diferente o do nosso autor. Será? decerto, trata-se de figuras diferentes em idade, em época, em movimentos estéticos e pelas paixões nas artes. No contexto benguelense, a receção às obras de autores portugueses e brasileiros na classe académica, tem sido um “calcanhar de Aquiles” dada a escassez de editoras e livrarias. As existentes apresentam pouca parceria e correspondência com as portuguesas no domínio da expansão e venda das obras do nosso autor e de outros. As obras *A Selva*, *Emigrantes* e *A Lã e a Neve*, entre outras, bem como, de outras figuras importantes da Literatura Portuguesa Contemporânea, conseguem-se pelo facto de se ter frequentado uma formação de pós-graduação em Portugal ou em outro país do velho continente; ou seja, conseguem-se caso se consultarem os arquivos da Biblioteca do Instituto Camões sediada na Reitoria da UKB. De outra maneira, nem todos encaram o significado profundo, generoso e humanístico que o autor nos transmite e muito bem; indo o mais longe ao defender e bem, sobre as desgraças dos humildes, pondo em evidência a vida e a beleza do seringal Paraíso, pois, o romance é uma obra de dor humana e de exaltação dos humildes; uma obra de piedade cristã. Por outro lado, nas obras de Ferreira de Castro, o escritor dá-nos a conhecer, ao longo da sua narrativa, o seu percurso literário, histórico, cultural, social, económico e político que são dados imprescindíveis na compreensão de suas obras bem como do panorama histórico de Portugal e do Brasil nos séculos XIX e XX.

Se olharmos na obra *Emigrantes* e *A Selva*, verificamos como era o fluxo emigratório de Portugal e com que objetivo os portugueses emigravam para o Brasil e o resto do mundo, que decerto, sob outra perspectiva, um Brasil na decadência do ciclo de borracha no século XX; à volta disto, o sonho de riqueza fácil levou muitas nações a mergulharem nesta batalha que resultou em glória para uns e tristeza para outros, o caso do nosso autor. Em detrimento disto, ao olharmos o nosso autor e as suas obras, com incidência em *A Selva*, nela assentam às bases neorrealistas pois, coloca em evidência, de forma impressiva a luta de um povo face a um ambiente terrível quase sem saída. Como afirma:

Ser português, ser italiano ou ser cá do Brasil, isso não tem importância. O que vale é ser proletário, é ser um homem. Nós somos todos irmãos. Os outros é que não são. Eles tiram-nos a pele em toda a parte do mundo, sem perguntar onde cada um nasceu¹²⁸.

Nas palavras do nosso autor vemos um sentimento de humanidade “um só povo em busca de uma só causa” à vista disso, Castro mostra-nos o exemplo dramático e desumano numa esfera social de contra-ataque de raças a uma conjuntura patronal, exploradora, preconceituosa, permitindo-nos olhar para *A Selva*, não apenas como uma obra neorrealista evidenciada no real-social, mas também como um universo intelectual, por um mundo mais fraterno e equitativo, livre de relações selváticas. Dessa forma, *A Selva* é um romance demarcadamente neorrealista ao incidir a

¹²⁸ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Lisboa, Guimarães Editoras, 2001, p. 203.

problemática social, económica que é alvo da essência do neorealismo. Em contrapartida, na essência da Literatura Portuguesa é necessário que abramos um espaço coeso de aprendizagem, para que os alunos conheçam o autor e as suas obras, pois trata-se de um escritor contemporâneo, humanista por experiência, cuja a obra/mensagem se aproxima da pragmática do humanismo cristão. Decerto, as suas obras estão repletas de um profundo humanismo e amor pela humanidade sofredora, que ele sempre desejou que fosse justa e fraterna.¹²⁹ Desta maneira, compreendemos que a literatura também constitui um recurso para o combate pelos direitos humanos, ou seja, utilizar as letras para denunciar e combater todas vicissitudes que assolam o homem. É desta forma que o nosso autor sempre pôs em evidência no seu trajeto autoral.

As obras de Ferreira de Castro constituem uma biblioteca viva, facto que muitos poderiam saber e aprender enquanto estudantes, sobretudo aos portadores da cadeira de Literatura Portuguesa no contexto angolano. O ilustre romancista, glória das letras luso-brasileiras, e do mundo em geral, colocou sempre a sua pena ao serviço da emancipação do homem através da denúncia de certas práticas desumanas ou injustas, sem recorrer a uma linguagem de violência ou ódio, mas sempre a profundo sentimento da humanidade como recurso à resolução de tais dilemas que assolavam o seu tempo e daqueles em quem partilhou a sua vida por um motivo “diálogo pacífico”. Na volta ao mundo, o meio vivido pelo nosso autor, podemos afiançar que Ferreira de Castro considera que o mundo era um cenário triste com milhões de pessoas vivendo mal. Com isso, Castro viveu demasiada miséria nos seringais e no resto dos continentes visitados por ele. Quis identificar-se por afinidade espiritual em os oprimidos e logo, quem lê as suas obras encontra sempre o sentimento manifestado, a causa justa, a magnanimidade. Causa que acaba por mostrar o trajeto brilhantíssimo no nosso autódida: José Maria Ferreira de Castro. Por fim, toda a ideia, obra que visa ajudar a compreender melhor a nossa literatura é sempre bem-vinda. Desta maneira, concordámos com a referida proposta e somos apologistas na ideia apresentada pela dissertação: *A Historicidade em A Selva de Ferreira de Castro: receção em contexto angolano*, por abordar um dos grandes escritores do século XX e um grande romance *A Selva*, cujo o teor da dissertação, uma parte recai em contexto benguelense e não só; bem como, em outras instituições onde há presença do curso de Linguística/Português, e nela integra as cadeira de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura para o desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão de várias tipologias textuais na classe estudantil angolana, dentro dos respetivos cursos. É desta maneira que o romance de Castro vem mostrar e testificar a elevação da dignidade literária do povo português, bem como o fôlego e o gesto de humanista visível na sua personalidade e nos seus livros; qualidade que poucos têm como literato, independentemente das circunstâncias vividas por cada. Pois, “a natureza inóspita, fauna e flora, esta tornada, anos mais tarde, a principal personagem dessa obra-prima intitulada *A Selva* (1930). Num texto evocativo, Ferreira de Castro nos justifica isso, referindo que este período

¹²⁹ Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento (1898-1998)*, p.133.

como sendo a mais cruel e como um dos mais dramáticos e angustiantes que lhe fora dado viver”¹³⁰. Logo, as suas obras nos mantêm a mais radical atualidade, do passado, como era Portugal; a emigração e, de um Brasil na decadência da borracha e um panorama histórico da região do seringal Paraíso que, para muitos antropólogos dos que lá passaram, constitui uma região histórica daquele país que foi o primeiro estado estrangeiro a reconhecer a independência de Angola. Uma decisão que teve forte resistência interna no Brasil, por setores conservadores, que tradicionalmente apoiavam o regime colonial português em África¹³¹.

Esta abordagem apresentada pelo professor mostra o resultado da incidência das obras de Ferreira de Castro naquele contexto. Compreendemos que o nosso autor é obscuro na classe académica angolana, embora ali encontre também alguns possuidores e amantes das suas obras; mesmo assim, o número é reduzido. O presente trabalho e a proposta para o Programa de Literatura Portuguesa, achamos serem realizáveis para que possámos levar a imagem do autor e de suas obras à academia benguelense, e se possa compreender o contributo de Ferreira de Castro para a Literatura Portuguesa do século XX.

1.5. As críticas subjacentes aos romances de Ferreira de Castro

Neste ponto, pretendemos aflorar as críticas de autores estrangeiros às obras de Ferreira de Castro e, por outro lado, mostrar a receção internacional daquele, as traduções das suas obras e o reconhecimento ou testemunhos que foram surgindo em todo o mundo sobre o nosso autor. O prestígio de Ferreira de Castro como escritor, como figura universal da nossa Literatura Contemporânea, tem levada à descoberta no autor dos ideais de liberdade e de dignidade humana e social, consubstanciados no homem e na sua obra. Através das experiências conjugadas da dor e da glória, da solidão e da solidariedade cívica, o romancista de *A Selva* tem conservado, ao mesmo tempo que a unidade inteira do seu carácter, a unidade essencial de uma criação literária irradiada ao mundo¹³². Não podemos igualar Ferreira de Castro ao seu contemporâneo Aquilino Ribeiro, criador de uma linguagem de excepcional beleza a que teve acesso por formação institucional. Porém confirmamos que Ferreira de Castro foi um escritor que, pouco a pouco, soube desenvolver uma linguagem sugestiva com um verdadeiro poder comunicativo.

O nosso autor é considerado como um humanista que sempre pôs os interesses de seu povo a frente dos seus. Falou sempre em nome da humanidade e sobretudo em nome dos pobres. Conferimos tais factos em *A Lã e a Neve*, em *Terra Fria*, na *A Selva*, nos *Emigrantes* e até, de certo modo, na *A Curva da Estrada*, ao escrever sobre as políticas que encarnavam as

¹³⁰ Cf. José Maria Silva ; Ricardo António Alves, *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro, releituras, travessias, metamorfoses*, Covilhã, Tipografia da Universidade da Beira Interior, 2017, pp.17-18.

¹³¹ Visão da abordagem do Professor Doutor Mário Joaquim Aires dos Reis, sobre Ferreira de Castro.

¹³² Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.43.

aspirações populares e cujo problema era permanecerem fiéis a essa opção de classe ou desviarem-se dela¹³³. Ao longo desta e de outras obras romanescas, Ferreira de Castro distingue-se de qualquer outro literato português pela capacidade de incutir enérgica vibração espiritual tanto às paisagens naturais, que descreve de preferência ao amanhecer ou ao anoitecer, como aos grupos de coletivos humanos, de qualquer origem, em trânsito permanente, através da perspectiva íntima de uma das suas personagens, que podemos considerar o seu desdobramento pessoal à maneira de como também o seu tempo resplandecia nos seus romances. E, para comprovarmos a afirmação, aduzimos Manuel da Bouça em *Emigrantes* (1928), Alberto, em *A Selva* (1930), Horácio, em *A Lã e a Neve* (1947), e remete-se ao limbo de *Rugas socias* (1918), de Silvestre Valente, seu pseudónimo. Entretanto, os romances de Ferreira de Castro chamaram sobre si inúmeros olhares à volta do mundo¹³⁴. Como é natural, dada a larga expansão de suas obras, as críticas que causaram foram divulgadas na imprensa estrangeiras de forma recorrente. É importante repetir que os romances de Ferreira de Castro foram acolhidos em vários países e obtiveram várias interpretações e reações. Os seus biógrafos depararão, no acervo desses estudos críticos, com elementos abundantes para o seu estudo.

E assim, dentro dos limites desse ponto, vamos reproduzir alguns desses ensaios críticos e o extrato doutros. Na Alemanha, o romance *A Selva* teve tradução e prefácio do Doutor Richard Bermann em 1932. Este correspondeu-se com Ferreira de Castro com quem manteve afinidades. Usava o nome literário de Arnold Hoellriegel e vivera muitos anos no Brasil onde aprendera o português¹³⁵. Richard Bermann faleceu no exílio no decurso da última guerra aquando da sua visita ao Brasil e foi lá que leu o romance *A Selva* e resolveu divulgá-lo aos leitores de língua alemã. No respetivo prefácio da primeira edição em alemão, manifesta a sua admiração por Ferreira de Castro que apresenta:

[...] Quando apenas contava 12 anos embarcou num navio de emigrantes para o Brasil. Do Pará mandaram-no, ainda criança, para o Rio Madeira. O que descreve com tanta realidade, no seu romance *A Selva*, tudo isso ele viveu. E aconteceu o que parecia pouco provável, quase impossível: dum momento para outro, conseguiu libertar-se do Inferno Verde. Tornou-se escritor, tornou-se o mais moderno e maior poeta-romancista de Portugal de hoje. Muitos estudaram na clássica Coimbra e escrevem lindas palavras; este é um autodidata [...]¹³⁶.

Este panorama dos admiradores e da popularidade das obras de Ferreira de Castro leva-nos a colocar a seguinte questão: o que está na base das traduções e das críticas ao romance *A Selva* em vários países? A perspectiva de R. Cansinos Assens sobre a trama e a teia de *A Selva* é empolgante:

¹³³ Cf. António dos Santos Pereira, *Ferreira de Castro, História e Imaginário: dos Emigrantes, através d' A Selva, até A Lã e a Neve*, p.5.

¹³⁴ Idem e *Ibidem*

¹³⁵ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p. 107.

¹³⁶ Cf. Richard Bermann, «prefácio da primeira edição do livro *A Selva* 1931» In Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.109.

La Selva, [...] es um passeio maravilhoso por la intimidad misteriosa de la selva y los corazones no menos misteriosos de sus humanos habitantes [...] ¹³⁷.

Posteriormente, no contexto do aparecimento da tradução italiana da obra, o crítico Alberto Viviane publicou um longo trecho dizendo:

[...] A obra de Ferreira de Castro torna-se, deste modo, por consequência lógica, essencialmente descritiva, de grande e especial poderio lírico, escrita numa prosa maravilhosa pela ressonância e pela limpidez, onde se iluminam os fenómenos sociais da vida que tenta pelo esforço, pelo sofrimento, pela obstinação, implantar-se à margem da floresta, bárbara e afadigadamente.

A Selva é seguramente uma obra mais forte e mais bela que este jovem escritor até hoje produziu; e é principalmente pela sua juventude que interessa segui-lo no seu trabalho criador, que nos reserva necessariamente. [...] ¹³⁸.

As críticas e elogios ao romance *A Selva* foram surgindo de país em país e continente em continente considerando que o sucesso da obra se deve à profunda humanidade de seu autor, que brilha nos fragmentos do seu romance, como resultado da capacidade de transmitir a vida rotineira dos seringueiros, e da qualidade da linguagem de seu autor. As críticas publicadas nos Estados Unidos, aquando do aparecimento de *A Selva*, com o título *Jungle* em tradução de Charles A. Wagner confirmam as qualidades de Ferreira de Castro:

[...]. É também um romancinho inocente, exteriormente. A capa não nos diz nada do seu fogo interior. Está cheia de luz do Sol e de sombras, como a capa de um livro chamada *Jungle* deveria estar. Depois há uma pequena nota de tradução por Charles Duff referindo-se ao autor português, ao estilo intraduzível de Ferreira de Castro e à maneira como ele emprega palavras e expressões que não têm equivalente exacto em inglês e não são encontradas em trabalhos de consulta. [...] ¹³⁹.

Já em França, como nos países de língua francesa, contavam-se às centenas as críticas às obras de Ferreira de Castro, cujos romances estavam quase todos traduzidos nesse idioma. Entretanto, só será possível reproduzirmos algumas. Começamos pelo escritor e crítico Blaise Cendrars. Este fez ponto de honra em traduzir o romance *A Selva*. O autor francês considera que o sucesso da obra se devia à profunda humanidade do autor, que transparece nas páginas do seu romance, imprimindo-lhe veracidade resultante tanto da autenticidade dos pormenores do dia-a-dia dos seringueiros, como da lealdade escrupulosa na reprodução da sua linguagem ¹⁴⁰. Depois de Blaise Cendrars, citamos o escritor René Maran a respeito da novela *A Missão* onde afirma:

Ferreira de Castro é um grande escritor português de renome internacional. A sua obra-prima *A Selva* foi traduzida, muito antes da guerra, pelo grande escritor Blaise Cendrars. [...] tal como *A Selva*, esta longa novela é uma obra-prima. Uma obra-prima inspirada, no seu conjunto, pela última guerra e que termina com uma frase de humor negro, de ironia negra. ¹⁴¹

Na obra *A Selva*, a esfera natural sobressai em relação à cultural. No entanto, a obra é um caso problemático ao ser pensada em termos de discurso crítico e fixação no cânone, pelo facto de se tratar de um autor português que garantiu para si um lugar tanto na

¹³⁷ Cf. R. Cansino Assens, «*És um passeio maravilhoso*» In Jaime Brasil, 1931, p 45.

¹³⁸ Alberto Viviane, «*Il Popolo Toscano*, Florença», In Jaime Brasil, p. 113.

¹³⁹ Charles A. Wagner, «*Do daily Mirror*, Nova Iorque» In Jaime Brasil, p. 114.

¹⁴⁰ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.43.

¹⁴¹ René Maran, «*Des les Nouvelles Littéraires*» In Jaime Brasil, p. 122.

produção literária universal, como na amazônica e na lusitana. Há, portanto, uma flutuação do lugar de referência do romance. No entanto, não oferece dúvida a sua classificação de romance português que trata o drama da emigração, onde a personagem Alberto é a síntese de um português civilizado no meio da selva que mantém a integridade moral até ao fim da narrativa. Por outro lado, *A Selva* é um romance amazônico porque se insere na tradição de representação da natureza mais agreste, cuja narrativa pretende também dar voz aos oprimidos que partilharam o seu sofrimento, a sua dor com o autor, para além da saga da passagem do personagem Alberto pelo seringal¹⁴². Grosso modo, na Bélgica, o mais célebre crítico desse país, o académico Professor Doutor Henri Liebrecht, publicou em *Le Soir* um artigo afirmando:

A partir do dia em que Blaise Cendrars decidiu traduzir para francês, mostrando assim a sua admiração, o poderoso romance de Ferreira de Castro, *A Selva*, conquistou para ele um largo público. [...] Os assuntos que trata, as personagens de que se faz o companheiro apiedado, as terras trágicas de que nos impõe a obsessão, levariam facilmente um autor menos sincero a adotar um tom declamatório para nos fazer apiedar da sorte esmagadora dos seringueiros no âmago das florestas do Brasil. [...]¹⁴³.

Adiante, o mesmo crítico, a respeito da obra, publicará um extenso ensaio sobre Ferreira de Castro, manifestando o seguinte:

Não conhecia ainda a obra de Ferreira de Castro pela primeira vez, li, em 1938, a tradução desse livro extraordinário, *A Selva*, que Blaise Cendrars acabava de dar sob o título de *Forêt Vierge*. Sim, um livro verdadeiramente extraordinário, alucinante pelo seu poder de evocação. [...]¹⁴⁴.

Assim, o aparecimento das traduções das obras de Ferreira de Castro levou-o a ser conhecido em França e na Bélgica nas vésperas da última guerra dando um passo largo para se tornar um escritor de referência planetária. O Brasil, país irmão vinculado a Portugal pelos laços da língua e dum longo período de história comum, tem sido obviamente o território onde a personalidade e as obras de Ferreira de Castro mais largamente têm sido apreciadas na imprensa. Jorge Amado, grande amigo e admirador de Ferreira de Castro, aliás, como este, daquele, um dos mais conhecidos escritores brasileiros da segunda geração do Modernismo, autor consagrado e com obras traduzidas em vários idiomas, ao prefaciá-la edição brasileira de *A Selva* de 1972, confirma que: “*A Selva* é um clássico de nosso tempo. Um desses poucos livros definitivos.”¹⁴⁵ O escritor brasileiro admira a qualidade e a dimensão da obra do autor português, a capacidade que Ferreira de Castro teve em compor o seu estrondoso romance. O autor confirma que a narrativa trazia à luz um aspeto que não era desconhecido no território brasileiro, mas talvez ignorado por muitas pessoas; o sofrimento, a dor, o dia-a-dia daqueles que trabalhavam na extração do látex. Esta era uma característica nova para quem esperava mais um romance de aventura. Jorge Amado frisava ainda o poder

¹⁴² Cf. Alexandre Pinheiro Torres, *Uma compreensão do povo português*. In: *Revistas colóquios/Letras*. Ensaio nº 21, set., 1974, pp. 17-18.

¹⁴³ Henri Liebrecht, «*da Académie Royal de Langue et Littérature Française, Le Soir, Bruxelas*», In Jaime Brasil, p.123.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p.127.

¹⁴⁵ Jorge Amado, «*prefácio da edição brasileira de 1972*», In Ferreira de Castro, *A Selva*, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2014, p.5.

de evocação e conscientização que a “nova literatura” acentuava no que tocava a Portugal, a caminho de meados do século XX, visto que a obra representa uma grande capacidade de recriação estética da paisagem humana e física da Amazônia. Reconhece-se ainda no escritor lusitano uma capacidade elocutória excepcional e o facto do contributo da experiência do mesmo ainda jovem ter vivido por alguns anos no coração da floresta e sentido na própria pele a mágoa dia após dia naquele mundo verde¹⁴⁶.

Na sequência de testemunhos e críticas, o mesmo autor volta a afirmar que:

Ferreira de Castro foi o escritor de duas pátrias, de duas literaturas. [...] intrinsecamente português era o mais lido e admirado tanto em Portugal como no Brasil. Seu público, imensa legião de leitores, tinha por ele mais que admiração, era um escritor amado, amigo de cada um¹⁴⁷.

Desta maneira, nesse depoimento do escritor brasileiro, percebemos que Ferreira de Castro quis sempre ser escritor. Fê-lo com todo o mérito, sendo justo o seu reconhecimento literário em Portugal e no estrangeiro. Para Jorge Amado, Ferreira de Castro era, como afirma nesse mesmo testemunho:

o Mestre do romance contemporâneo, seus livros levaram as emoções, as tristezas, os sonhos, a luta, as alegrias do povo brasileiro e do povo português, ao conhecimento de leitores dos quatro cantos do mundo, em não sei quantas línguas¹⁴⁸.

Foi desta maneira que Jorge Amado reconheceu e testemunhou que Ferreira de Castro foi o primeiro escritor laureado com o prémio *Aigle d'Or de Nice*, ao revelar ao presidente do júri, o Prémio Nobel Miguel Angel Austúrias lhe afirmara: “compadre me dizia, pode haver romancista tão grande quanto ele, maior eu não conheço”¹⁴⁹. Com esta evocação proclamada por Jorge Amado, deu-se assim crédito “ao pioneirismo de Ferreira de Castro que abriu o caminho para que os escritores portugueses e brasileiros ganhassem espaço e presença em língua estrangeiras”¹⁵⁰. Assim sendo, juntamos ao acervo de críticas e elogios às obras de Ferreira de Castro, alguns de um largo conjunto de modernos ficcionistas do seu país nomeadamente a Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Joaquim Paço d'Arcos, Fernando Namora, Maria da Graça Freire, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Botelho, Vitorino Nemésio e outros que dele bem disseram e veremos adiante¹⁵¹. A partir de *Criminoso por Ambição* até a última obra podemos dizer que Ferreira de Castro despertou no seio da classe dos letrados da sua época um enorme assombro pelas suas obras. Deixamos apenas alguns dos trechos dessas figuras a propósito do romance *A Selva*. Assim, Urbano Tavares Rodrigues dizia que: “*A Selva* é o livro excepcional que se escreve uma só vez na existência de um romancista: a narrativa

¹⁴⁶ Cf. Urbano Tavares Rodrigues, *A Selva: o homem entre a força da natureza*, Lisboa, S/ ed., 2004, p. 50.

¹⁴⁷ Jorge Amado, “Notícia de Ferreira de Castro”, in *Vária Escrita*, nº3, Sintra, 1996, pp.15-16.

¹⁴⁸ *Idem*, p.16.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p. 132.

matricial, cântico, elegia, tragédia, diário de suplícios e deslumbramentos”¹⁵². O professor, ensaísta, cronista, poeta e romancista Vitorino Nemésio confirma: “A grandeza de Ferreira de Castro está sobretudo no sestro e veemente narrador que aproveita da própria experiência o inferno do seringal na Amazónia brasileira”¹⁵³.

As diferenças artísticas e ideológicas entre Ferreira de Castro e os seus contemporâneos não impediram admiração recíproca e uma aproximação literária de amizade entre o nosso autor e os seus amigos. A partir de textos de natureza crítica, epistolar e autobiográfica, considera-se a forma como se procedeu a relação literária e intelectual entre Ferreira de Castro e as demais figuras da escrita de sua época¹⁵⁴. Percebemos e achamos que tal relação é estabelecida no domínio literário: reciprocidade de experiências literárias, auxílio nas colaborações em distintos jornais, nas publicações de obras, na divulgação da sua imagem até na crítica sobre as suas principais obras. O desenrolar dessa interação ocorria muita das vezes por intermédio de cartas dado que a localização geográfica impedia o contacto permanente entre eles. A maior parte das relações de Ferreira de Castro eram estabelecidas com figuras letradas, seus comparsas: Aquilino Ribeiro (1885-1963); Abílio Adriano de Campos Monteiro (1876-1933); Jaime Brasil (1896-1966); José Rodrigues Miguéis (1901-1980); Manuel Mendes (1906-1969); Roberto Nobre (1903-1969); Alves Redol (1911-1969); Orlando Costa (1929-2006); Álvaro Salema (1914-1991); Mário Dionísio (1916-1993) e Jorge Amado (1912-2001)¹⁵⁵.

Trata-se de homens diferentes pela origem social, pelo percurso de vida e político, pelas opções artísticas e ideológicas, mas estiveram, no entanto, muito próximos daquilo que era fundamental. Salienta-se que, tal facto se verificava até com escritores estrangeiros consagrados de sua época. Assim, no presente ponto, pretendemos apresentar tal incidência; mas, para não nos alongarmos, mostraremos apenas a relação de algumas figuras de sua época. Assim sendo, ao longo da nossa investigação e da abordagem encontramos mais de “Cem cartas a Ferreira de Castro”¹⁵⁶, pelo que, não será possível apresentarmos todas. Daí, dentre estas, selecionamos algumas que em adiante apresentaremos. As relações de Ferreira de Castro com os seus coetâneos eram de boa cortesia no domínio literário. Ou seja, relações de amizade literária e de admiração recíproca, não sendo possível apresentar toda a trajetória relacional do autor, elegemos apenas alguns que nos propusemos a apresentar¹⁵⁷:

¹⁵² Urbano Tavares Rodrigues, «In Várias escritas Nº 3, 1996», In Ferreira de Castro, *Sobre A Selva*, p.7.

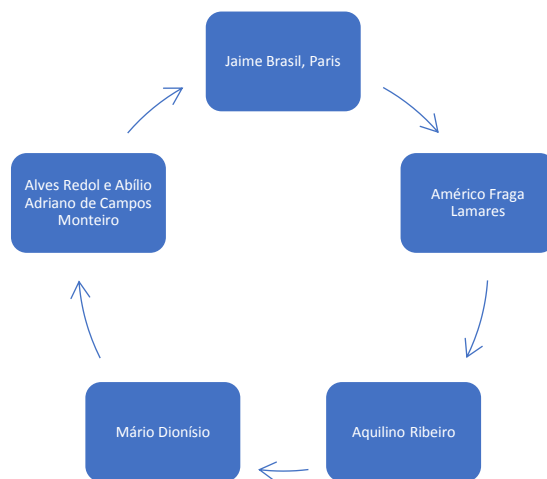
¹⁵³ Vitorino Nemésio, «In Memoriam de Ferreira de Castro 1976», In Ferreira de Castro, *sobre A Selva* p.7.

¹⁵⁴ CASTRIANA, nº1, *Estudos sobre Ferreira de Castro e sua Geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2004, p.13.

¹⁵⁵ Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p.11.

¹⁵⁶ Ver. *100 Cartas a Ferreira de Castro* «Seleção, leitura, apresentação e notas de Ricardo António Alves», Sintra, EUROPAM, 1992.

¹⁵⁷ O esquema apresentado da relação de Ferreira de Castro nas décadas 30 a 50 é adaptação nossa.



A começar, Artur Jaime Brasil Luquet Neto nasceu nos Açores em 1896 e faleceu em 1966. Foi escritor e jornalista libertário, considerado o único escritor com lastro em Paris. Estudou em Coimbra, com Adriano Botelho e outros, seguindo depois para a Escola de Guerra e entrando na carreira oficial do Exército¹⁵⁸. Afastou-se dela com a patente de tenente e enveredou cedo pela profissão de jornalista, que desempenhou por toda a vida, vindo a ser chefe da delegação em Lisboa do diário *O Primeiro de Janeiro*, sucedendo a Pinto Quartim, nos anos 50. Em 1932-33, publicou vários livros sobre a questão sexual, liberdade amorosa e controlo dos nascimentos, que lhe valeram polémicas com os católicos e o exílio em França e Espanha¹⁵⁹. Jaime Brasil foi um crítico literário e de arte, foi redator do *Primeiro de Janeiro*, do *Século*, do *Século da Noite*, da *República*, do *Diabo* e dirigiu o jornal *O Globo*, de efémera duração, e muitos foram os jornais e revistas em que colaborou, sendo à data da sua morte chefe da delegação em Lisboa de *O Primeiro de Janeiro*, cuja excelente página «Das Artes, das Letras» organizou, desde o início, durante muitos anos, e na qual colaboraram José Régio, Casais Monteiro, Gaspar Simões, Jorge de Sena, bem como inúmeros dos melhores autores das décadas de 40 e 50¹⁶⁰. Conheceu Ferreira de Castro em Lisboa em 1919,¹⁶¹ aquando do regresso deste a Portugal. Este tinha decidido enveredar pelo jornalismo, em Lisboa, sem qualquer conhecimento no meio. Ferreira de Castro entrou para a redação de *O Século* em 1921. É nesse mundo dos Jornais que Jaime Brasil se encontrou com Ferreira de Castro. Brasil comungou as suas ideias, conviveu e correspondeu-se com o romancista e partilhou páginas de jornais sobre temas afins¹⁶². Foi um admirador confesso de Ferreira de Castro e das suas obras e fruto dessa admiração resultou a coleção de várias obras sobre o autor dentre as quais *Ferreira de Castro e a sua obra* publicada em 1931; *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, publicada em 1961. Nesta confirma que:

¹⁵⁸ Cf. João Freire, *Jaime Brasil (1896-1966) Arquivo Histórico-Social*, Lisboa, Projeto Mosca, 2010, p.5.

¹⁵⁹ Cf. João Freire, *Op., Cit.*, p. 6.

¹⁶⁰ In *Correio dos Açores: Jaime Brasil Açoriano Injustamente esquecido*, Açores, 2012, p. 3.

¹⁶¹ CASTRIANA, nº 2, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, p. 113.

¹⁶² António dos Santos Pereira, “O tempo de Ferreira de Castro 1898-1974” In *Ferreira de Castro 100 anos de vida literária-Homenagem ciclo de conferência*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 2017, p.108.

Indubitavelmente, Ferreira de Castro foi renovador do romance português e o precursor, entre nós, da literatura de motivos sociais. Isso foi reconhecido por muitos críticos e romancistas das últimas gerações, tanto em Portugal como no Brasil¹⁶³.

Evidentemente, Jaime Brasil afirma a qualidade de Ferreira de Castro mostrando a sua ligação que perdurou muitos anos e o percurso que teve com o autor. Numa das suas cartas a Ferreira de Castro o autor usa a expressão camarada e amigo manifestando grande proximidade, como mostra a carta:

Sei que o Julião Quintinha já chegou, mas ainda não lhe falei. Como ele, porém, está em Lisboa, é fácil preveni-lo do dia da reunião. Ficou assente que esta, para discussão dos Estatutos, se realizaria na sexta-feira, 13, em minha casa, às 18 horas. Poderá V. vir nesse dia e a essa hora? Oxalá. Se não puder, mande-me as duas linhas combinadas. [...] Você, caro Castro, está um tanto afastado do ofício, mas isso não fará com que se desinteresse da sorte dos camaradas e lhes negue o seu apoio. Continuo a considerar que o seu nome seria uma garantia de êxito, na direcção do jornal, se ele vier a publicar-se -- e só virá se houver meios materiais para isso. Cá o espero na sexta, para conversarmos ainda sobre este ponto. Camarada e amigo sempre muito atencioso Jaime Brasil¹⁶⁴.

A citação vem mostrar a interligação entre os dois autores e uma correspondência de amizade criada entre ambos que se fazia sentir à distância e não só. Na mesma linha, destacamos Aquilino Ribeiro. Este nasceu em 13 de setembro de 1885, em Carregal, Concelho de Sernancelhe e morreu a 27 de maio de 1963, em Lisboa. É considerado um dos grandes mestres da língua portuguesa e dos maiores escritores portugueses do século XX¹⁶⁵. A vastíssima obra de Aquilino Ribeiro abrange domínios variados que vão desde o romance à novela e do conto às memórias, aos estudos etnográficos e históricos, à biografia, à polémica ou à literatura infantil. Conviveu com Ferreira de Castro quando foi eleito, em 1956, como presidente da Associação Portuguesa de Escritores, na qual fazia parte desse elenco Ferreira de Castro e, como prova do reconhecimento de que a sua obra gozava, mas também do consenso reunido à volta de uma figura tornada carismática pela sua postura cívica quase heroica. Com Ferreira de Castro, manteve fortes laços de amizade no domínio literário. A Sociedade Portuguesa de Autores mantém até hoje como objetivo a defesa dos direitos de autor¹⁶⁶. Mário Dionísio que já abordamos acima nasceu a 16 de julho de 1916, em Lisboa e faleceu a 17 de novembro de 1993. Destacou-se como poeta, romancista, pintor, professor, crítico literário e de arte, sendo reconhecido como principal fundador do movimento Neorrealista. Em 1933, inscreve-se na Faculdade de Letras em Filologia Românica, apesar da família lhe ter destinado o Direito¹⁶⁷. É aí que conhece Alberto Araújo, Fernando Santos, Ferreira de Castro, Álvaro Salema, Magalhães Vilhena, Vitorino Magalhães e muitos outros. Manteve com Ferreira de Castro relações pessoais, literárias, de amizade e admiração

¹⁶³ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p.100.

¹⁶⁴ *100 Cartas a Ferreira de Castro* «seleção, leitura, apresentação e notas de Ricardo António Alves, Sintra, GRÁFICA EUROPAM, 1992, p.87.

¹⁶⁵ Disponível em: [laicidade.org/documentação/história/Biografia/Aquilino Ribeiro](http://laicidade.org/documentação/história/Biografia/Aquilino_Ribeiro). [Consult. 2017-10-02]

¹⁶⁶ Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p. 9.

¹⁶⁷ Cf. Manuel José Matos Nunes, *Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, p. 25.

recíproca. Na coleção de cartas dos dois escritores, na autobiografia e no diário inédito de Mário Dionísio, bem como nas resenhas feitas por este na revista *Vértice* alusivo aos romances *A Lã e a Neve* e *A Curva da Estrada* encontram-se provas dessas relações que podem considerar-se exemplares. Numa carta de Ferreira de Castro para o autor do romance *Não há Morte Nem Princípio* 1969, pode se identificar [...] “por cima de todas as nuances, a nossa causa- a grande causa da humanidade-é só uma”¹⁶⁸. Na autobiografia de Mário Dionísio, o autor faz referência à forma como Ferreira de Castro o encorajou como seu amigo na escrita literária:

Eles viam na maneira absorvente como ao ensino me entregava a mais indesculpável das infidelidades. [...] O Ferreira de Castro, por exemplo, quando, no verão, estando eu em Sintra e ele em Calamares, nos encontrávamos com bastante frequência [...] dizia: “Cuidado! Não deixa passar a idade. O tempo voa...”¹⁶⁹.

Esta menção assume um especial significado por fazer parte de uma memória, de um balanço de vida que perdurou longos anos, apesar de no seio deles durar o fator distancia incluindo os factos narrados, em que só se regista aquilo que marcou e foi importante entre os autores. A familiaridade entre os dois autores em Sintra está ainda comprovada no diário de Mário Dionísio, num apontamento de 5 de setembro de 1956, pelo relato de uma conversa de café, descontraída, típica de férias, entre Mário Dionísio, Ferreira de Castro e Roberto Nobre¹⁷⁰. Do espólio de Mário Dionísio existem várias cartas com datas que vão de 27 de dezembro de 1944 a 15 de setembro de 1969. São documentos amistosos, de proximidade onde predominam os vocativos “Meu prezado amigo e camarada”, “Meu caro Mário Dionísio” ou “Meu querido Mário Dionísio” e vice-versa, terminado na maior parte das vezes com forma “Abraça-o o amigo admirador”¹⁷¹. A essência dessas cartas muitas das vezes visa a agradecer livros de Mário Dionísio e nela aproveitando relatar impressões de leitura, elogiando e estimulando o trabalho do seu colega de Letras. Ferreira de Castro enviava igualmente exemplares dos seus livros ao autor e crítico neorrealista¹⁷². Mário Dionísio conhece profundamente: *A Metamorfose*, 1924, *A Morte Redimida*, 1925, *O Voo das trevas*, 1927, *A Selva*, 5.ª edição 1935, *Terra Fria*, 2.ª edição 1935, *Emigrantes*, 4.ª edição 1936, *Eternidade*, nova edição corrigida pelo autor (sem data), *A Selva*, com ilustrações de Portinari 1955, dentre várias obras. O escritor neorrealista fazia algumas observações sobre linguagem e estilo que Ferreira de Castro utilizava nas suas obras. Aprecia nos romances do autor o estilo liberto do preciosismo académico, mas deplora a busca de efeito, porventura menos feliz, patente no uso de expressões como “luzes plenidiurnas”¹⁷³, “copiosas presenças humanas”¹⁷⁴,

¹⁶⁸ Espólio de Mário Dionísio, *Carta de 01-09-1947*, Casa da Achada.

¹⁶⁹ Mário Dionísio, *Autobiografia*, Lisboa, Edições «O Jornal», 1987, p.17.

¹⁷⁰ *Apud.* Manuel José Matos Nunes, Diário Inédito *Passageiro Clandestino*, entrada de 4-11-1956, espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada.

¹⁷¹ Manuel José Matos Nunes, *Ibidem*.

¹⁷² Na biblioteca do Centro de Documentação da Casa da Achada, há vários documentos com dedicatórias, particularmente *A Lã e a Neve* e *A Curva da Estrada* que tiveram as referidas resenhas da *Vértice*. Com isso, salientamos aos investigadores em poderem consultar.

¹⁷³ *In Vértice* Vol. IV, nº49, Lisboa, Seara Nova, de Agosto de 1947, pp. 302.307.

¹⁷⁴ *Idem e Ibidem*.

olhares condutores de voluptuosas ideias”, “arquipélagos de nódoas”¹⁷⁵ etc. Entretanto, vai mais longe ao afirmar que:

Este gosto sensacional da forma já discreto mais ainda visível, trá-lo Ferreira de Castro lá mais de trás, das suas obras de juventude de que a novela *A Peregrina do Mundo Novo* é um claro testemunho¹⁷⁶.

Em alguns casos, Mário Dionísio chegava a criticar as obras de Ferreira de Castro, mas no sentido pedagógico. Todavia, para além das diferenças, havia entre ambos um recíproco discernimento, tolerância, respeito e exigências. É assim que numa das críticas referente às obras *A Curva da Estrada* e *A Lã e a Neve* onde testa a capacidade de renovação de Ferreira de Castro, a superioridade do seu trabalho concluindo em alusão ao ensaio *Da viabilidade do romance português de interesse universal* da autoria de José Bacelar, ensaio que ele acolhera desfavoravelmente em crítica feita n’ *O Diabo*¹⁷⁷ declarando: “é afinal possível escrever um romance português de interesse universal. Basta que o seu autor seja, por exemplo, Ferreira de Castro”¹⁷⁸. Tal crítica surge quando Ferreira de Castro se encontrava em Paris e numa fase em que mantiveram correspondência acerca da possível colaboração do escritor na edição especial da *Vértice* comemorativa do décimo aniversário da revista e do centésimo número de revista. E, na carta datada de 27 de maio de 1951, Ferreira de Castro responde as críticas comentando:

Meu caro Mário Dionísio:

Que pena eu não saber isso do nº especial da revista antes de vir pra cá! Como já tomei público várias vezes, eu não escreverei nada expressamente para a imprensa portuguesa enquanto houver Censura. Esta decisão vem desde 1936. Contudo, poderia arranjar um trecho de qualquer trabalho meu, se estivesse em Lisboa. Daqui é impossível. Ora eu só penso regressar a Portugal em fins de setembro. Estive a pensar e não encontrei maneira de satisfazer o seu desejo, que era também o meu. Paciência ficará para nº que se seguir ao meu regresso¹⁷⁹.

Assim, perante a amizade literária e intelectual entre estas duas personalidades e a intimidade das suas relações pessoais, não podemos inferir momentos infelizes por mau relacionamento nas carreiras de um e outro.

De seguida, destacamos a relação entre Ferreira de Castro e Alves Redol, cujo fundamento foi quase o mesmo. A vida e a personalidade de Alves Redol são extremamente complexas não sendo possível apresentar todo o seu percurso. O romancista nasceu a 29 de dezembro de 1911 em Vila Franca de Xira e faleceu a 29 de novembro de 1969 em Lisboa. Concluiu os seus estudos no curso comercial em Lisboa em 1927¹⁸⁰. Teve uma passagem por Luanda no ano de 1928, para onde enviava com regularidade uma série de crónicas que revelam qualidades literárias promissoras, ao mesmo tempo que já acusam uma certa

¹⁷⁵ *Idem e Ibidem*.

¹⁷⁶ *Apud*. Manuel José Matos Nunes, *Carta de 1-09-1947*, Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada.

¹⁷⁷ *In Vértice* Vol. X, nº236, de 1 de Abril de 1939, pp. 221-222.

¹⁷⁸ Ricardo António Alves, introdução, leitura e notas, *Ferreira de Castro-Roberto Nobre, Correspondência (1922-1969)*, Sintra, Editorial Notícias/ CMS, 1994, pp.98.

¹⁷⁹ Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada, Dos-2-13-doc5-001/002.

¹⁸⁰ Cf. Garcez da Silva, *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca* «Notas biobibliográficas», Lisboa, Caminho, 1990.

consciencialização dos problemas sociais, que o ambiente africano lhe despertava. Regressou à Metrópole em 1931. A sua literatura tem enfoque na denúncia dos principais problemas sociais¹⁸¹. Teve uma passagem na revista *O Diabo* com a publicação do conto *Kangondo* que lhe abriu os seus horizontes na carreira de escritor. É considerado como um dos fundadores do Grupo Neorrealista de Vila Franca e do Neorrealismo em Portugal com a sua mais famosa obra *Gaibéus*, 1939¹⁸². Alves Redol deixou mais de quinze romances, entre os quais: *Marés* (1941); *Avieiros* (1942); *Fanga* (1943); *Anúncio* (1945); e *Porto Manso* (1946). Destacamos ainda meia dúzia de contos: *Nasci com Passaporte de Turista* (1940); *Espólio* (1943); *Comboio das seis* (1946); *Noite Esquecida* (1959), dentre outras. Teve passagens pelo teatro publicando várias peças: *Forja* (1948); *Maria Emília* (1966) e *O Destino e C.^a* e *Jogos dos Mitos Cansados* (1967). O autor deixou ainda peças de literatura infantil: *A Vida mágica de Sementinha* (1956); *A Flor Vai Ver o Mar* (1968); *A Flor Vai Pescar Num Bote* (1968)¹⁸³. Detentor de vários prémios dentre as quais Ricardo Malheiros com o romance *Horizonte Cerrado* (1949) em 1950. Alguns dos seus romances estão traduzidos em várias línguas. Em Vila Franca de Xira, um ambiente político pró-oposicionista, destacamos o *Mensageiro do Ribatejo*, jornal criado em 1930 e extinto em 1941 de que faziam parte Artur Inez, Jaime Brasil e Julião Quintinha, constituiu uma rede de contactos que faria daquela região um dos mais importantes territórios da história do comunismo em Portugal¹⁸⁴. Nessa rede de contactos, pontuam ao longo dos anos cerca de três dezenas de nomes como Dias Lourenço, Carlos Pato, Garcez da Silva, Soeiro Pereira Gomes e Ferreira de Castro. Desde 1933 até 1974, estes militantes envolveram-se em diversas atividades de cariz político e cultural. Foram influenciados pelo 18 de janeiro de 1934, sobretudo pelos acontecimentos da Marinha Grande, mas também por episódios internacionais da luta de classes como a revolta dos mineiros asturianos. Alves Redol confessa a sua amizade por Ferreira de Castro ao abordar os trabalhos de tradução das suas obras em França:

Camarada e Amigo [...] devo esclarecer que não foi da minha conversa com Guibert que resultou a tradução de qualquer livro de Ferreira de Castro, pois o contrato de «Eternidade» já estava estabelecido de há muito e bastante adiantado o trabalho da sua publicação. Simplesmente tive oportunidade de mais uma vez de prestar homenagem ao talento do grande romancista e meu amigo muito dilecto, lembrando a tradução de «Emigrantes» como lembrei a da Poesia de Fernando e outros [...]. Como ainda romance de vários autores que me pareceram dignos de bem servir o conhecimento da nossa literatura em França. No que respeita a «Emigrantes» foi-me solicitado para pedir a Castro que se não comprometesse com outro editor, o que é impossível, uma vez que a sua publicação já está garantida por outra casa, segundo o autor de «A Selva» me comunicou.
Um abraço do camarada e amigo muito grato. Alves Redol¹⁸⁵.

¹⁸¹ Idem e *Ibidem*.

¹⁸² Cf. Eugénio Lisboa, *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Lisboa, Europa América, Vol.III, 1985, pp.37-39.

¹⁸³ Hemeroteca digital nº37, *Biografia Sumária de Alves Redol*, Lisboa, 1947.

¹⁸⁴ Cf. João Neves, *Etnográfica: o comunismo mágico científico de Alves Redol*, Lisboa, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, p.6.

¹⁸⁵ Hemeroteca digital nº38, *Carta de Alves Redol a Ferreira de Castro*, Lisboa, 25 de janeiro de 1947.

Na mesma linha, abordaremos a relação do nosso autor com Orlando da Costa, Roberto Nobre e Jorge Amado. Orlando da Costa nasceu em Lourenço Marques, hoje Maputo, em Moçambique, a 2 de julho de 1929 e faleceu a 27 de janeiro de 2006 em Lisboa. Em vida, foi um escritor comunista e *copywriter* português. É importante realçar o facto histórico de Orlando Costa ser o pai do atual Primeiro Ministro António Costa e do Jornalista Ricardo Costa¹⁸⁶.

Ferreira de Castro, a 6 de novembro de 1972, em Lisboa, escreve uma carta de profunda amizade literária ao seu amigo Orlando Costa. Na essência da carta está a justificação da demora da leitura da peça teatral de seu amigo acompanhada de uma carta da *Seara Nova* e, por outro lado, a informação da sua situação de saúde que na altura em Lisboa lhe merecia a maior atenção. Desta, extraímos três trechos que elucidam essa amizade:

Meu caro Orlando da Costa:

Desculpe-me a demora em agradecer-lhe o livro que Você me mandou em julho. Só o recebi em fins de setembro, acompanhado numa carta da «Seara Nova», a dizer-me que o volume se havia misturado com outros e de aí o atraso em enviar-mo. Não devemos querer mal ao pessoal da «Seara», pois estas coisas acontecem com relativa frequência e a mim próprio já uma ou duas vezes aconteceram também¹⁸⁷.

Acerca da carta, o nosso autor volta afirmar:

Regressei a Lisboa no princípio de outubro, com saúde cada vez pior, e aqui vim encontrar a herança de todas as ausências- e Você sabe, por si mesmo, o que é esse legado de actos adiados¹⁸⁸.

Por fim, terminamos com o trecho em que o nosso autor dá satisfação a Orlando Costa, após a recepção, de ter lido a sua peça:

Enfim, só nos últimos dias pude ler a sua bela peça. Digo *bela* porque o é efectivamente, pelo brilho e construção do diálogo, pela fluência da dramatização, pelos pormenores originais, e até pela ambiência que Você criou. Magistralmente e constitui um dos grandes méritos do seu trabalho. Peça difícil, dado o tema. Difícil porque foi escrito pensando nas limitações em que vivemos. Você saiu-se, porém, o melhor possível. (...). Abraço-o e felicita-o o seu velho admirador Ferreira de Castro¹⁸⁹.

Portanto, perante os legados literários de todas essas personalidades acima citadas e a exemplaridade das suas relações intelectuais com o nosso autor, estes conseguiram criar um ambiente de profunda amizade e de familiaridade no domínio literário. E, não deixa de ser uma razão feliz o facto de o autor deixar marcas mesmo em vida e após a sua morte. Estes e outros factos são indicadores das influências positivas que se registaram na vida de Ferreira de Castro e dos seus companheiros de Letras e comprovam as qualidades das suas obras.

Finalmente, uma palavra sobre a relação de Castro com Roberto Nobre e Jorge Amado. O primeiro, nasceu em São Brás de Alportel, Lisboa, em 1903, e faleceu em 1969. Foi um cineasta, crítico de cinema e pintor português pertencente à segunda geração de pintores modernistas em Portugal¹⁹⁰. Foi amigo e contemporâneo de Ferreira de Castro. Numa das suas

¹⁸⁶ Disponível em: a enciclopédia livre com: Orlando Costa. [Consult. Em 2017-11-02].

¹⁸⁷ CASTRIANA, nº 3, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, p. 43.

¹⁸⁸ *Idem e Ibidem*.

¹⁸⁹ CASTRIANA, *Op., Cit.*, p. 43-44.

¹⁹⁰ Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Nobre. [Consult. Em 2017-11.17].

cartas escritas a Ferreira de Castro, a 17 de junho de 1949, em Lisboa, consta o seguinte trecho:

Meu caro Castro:
Julgo que esta ainda o apanhará em Paris.
Encontrei aqui as coisas do 2.º volume dos «Pequenos Mundos» muito engasgadas. Calcule que ainda não tinham impresso os «hors-texte». Só hoje os acabaram de imprimir. Estou a apertar para que avancem com a «Selva». O Martins esqueceu tudo por causa da «Feira», que este ano rendeu cerca de 50 contos. Os desenhos da «Lã e a Neve» estão em poder do Amorim. Como não me diz se, na hipótese da edição francesa com ilustrações, estas serão impressas cá, se aí, apressei-me a pedir ao Amorim para inutilizar as chapas (...)¹⁹¹.

A carta acima, certifica mais uma vez o fio boas das relações de Ferreira de Castro com os seus contemporâneos, a base de uma correspondência com figuras letradas de sua época. Trata-se de um período que abrange os anos cinquenta, que vem mostrar as relações de amizade, de admiração recíproca existente entre eles, e os momentos da vida literária do autor de *A Selva*, que revela mais uma vez a atenção de quem para além de amar a arte, vivendo nela, socializou-se facilmente com os seus amigos.

Nós corroboramos a capacidade única de Ferreira de Castro no tratamento romanesco da realidade amazónica que conheceu. A grande floresta, um mar de verde em um mar de água em um arco-íris de beleza, despertava por si, pelas descrições magníficas, um interesse universal. A narrativa da vida das gentes na conjuntura de um mundo à procura dos seus recursos não diminuía o mesmo, dada a capacidade de Ferreira de Castro em conseguir penetrar o interior humano de todos os que viveram naquela, tornada um grande centro de emigração do século XIX ao XX, na época da corrida à borracha. O autor de *A Selva* confirma-nos que “pretendia na sua obra que o cenário, mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne sangue e osso”¹⁹². Na obra, para além do autor narrar a beleza da região, não deixa de pôr em evidência a atitude dos seringueiros em um contexto de dominação. Desta maneira, a narrativa da beleza da selva amazónica é acrescida da vivência do próprio autor que transmite aos leitores uma visão geral de como foi a região.

Ferreira de Castro sendo um grande ficcionista de grande resistência, que experimentou na pele a miséria e o sofrimento, soube exprimir como poucos os dramas sociais do seu tempo¹⁹³. Nele, o seu grande valor literário equivale ao seu enorme valor humano. Ali manifesta o dom de uma expressão literária carregada de emotiva comunicabilidade. Naquela obra ele consegue traduzir os anseios, os desafios, a dor de um homem estimulado pela necessidade da luta pela vida, pelo amor e pela liberdade. Em contrapartida, o compromisso com os desfavorecidos é um fator essencial nas obras de Ferreira de Castro. Todas as suas raízes as mais superficiais e as mais fundas o ligam ao povo

¹⁹¹ 100 Cartas a Ferreira de Castro «seleção, leitura, apresentação e notas de Ricardo António Alves», p. 105.

¹⁹² Ferreira de Castro, *A Selva*, Lisboa, Cavalos de Ferro, 2014, p.15.

¹⁹³ Cf. Jaime Brasil, *In Vários estudos sobre Ferreira de Castro e sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1974, p 44.

e ele sente-se orgulhoso nisso. O seu realismo inovador, precedendo o de uma geração literariamente forte e rica, gera-se na experiência vivida, em que se gravam os cunhos inapagáveis do sofrimento do infantil emigrante, do sonho, do terror, da saudade, da ansiedade vivida na selva amazónica e de uma vocação sentimental e moral, de uma natureza humana pessoal no seu mais vasto sentido¹⁹⁴. Bernard Emery, no seu artigo *Do mito amazónico à reivindicação do luso-tropicalismo: o caso de José Maria Ferreira de Castro*, diz em poucas linhas a razão do sucesso do autor, capacidade de descrição do exótico e um fundo de humanismo:

E, é por ter, entre outras coisas, compreendido muito bem tudo isto que Ferreira de Castro escreveu uma obra-prima universalmente reconhecida, intitulada *A Selva (...)* o sucesso extraordinário de *A Selva* e a sua projecção internacional inimaginável para um escritor autodidacta, pouco ou mal introduzido nos meios literários, provêm da união frutuosa do exotismo e do humanismo, do triunfo grandioso da Natureza desenvolvido em contraponto da miséria e do sofrimento humanos¹⁹⁵.

No entanto, se Ferreira de Castro estivesse vivo, hoje, acreditamos que contaria a mesma história, mas com um pendor mais reduzido, com descrições mais simples e com uma narrativa menos salteada duma situação para outra, prendendo-se ao real. Porém o que ficou é a sublime imagem da beleza “selvática amazónica”. Ele compreendeu bem o mecanismo exótico do medo, do vencedor e do vencido, da suposta superioridade civilizacional como o designámos, que imagina tudo em volta do seu *alter ego*, caso da personagem Alberto¹⁹⁶. A qualidade literária de Ferreira de Castro permite-lhe contrapor à densidade florestal a ferocidade humana. No entanto, em forma de conclusão prévia, concordamos de facto que o autor foi capaz de, no livro *A Selva*, de ir além do drama vivido por um adolescente na floresta bárbara da Amazónia e reproduzir de forma singular todas as forças naturais e os casos humanos e sociais que ali se cruzam de forma dramática. Não deixamos, no entanto, de assinalar que o arranque do seu percurso literário não pode ser desligado do sofrimento pessoal vivido no Brasil e em Portugal, ainda que também percebamos quão fundas foram as suas leituras do romance social americano, brasileiro e obviamente português como ainda vamos ver.

1.6. A influência da Literatura Social Norte-americana nos romances de Ferreira de Castro

A literatura social norte-americana é constituída por obras de conteúdo libertário, obviamente levada a cabo por autores que nasceram nos Estados Unidos da América. Tanto a literatura norte-americana como a inglesa passaram por processos de periodização que

¹⁹⁴ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, pp. 41-42.

¹⁹⁵ CASTRIANA, nº3, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2007, p. 70.

¹⁹⁶ *Ibidem*, 74-75.

achamos não ser necessário identificar porquanto não constituem a nossa principal preocupação no presente ponto¹⁹⁷. Todavia parece-nos óbvia a influência da literatura social norte-americana em Ferreira de Castro. Dentre a multidão de grandes escritores surgidos nos Estados Unidos na passagem dos séculos XIX para o XX, destacamos Jack London pseudônimo de John Griffith Chaney. Este autor nasceu pobre no seio de uma família miserável em 1876, na cidade de São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos da América e morreu possivelmente de uma overdose de morfina, no dia 22 de novembro de 1916¹⁹⁸. London teve uma infância difícil e não chegou a conhecer o pai. Há de confundir seu destino com o do seu personagem autobiográfico, Martin Eden¹⁹⁹. Aos quarenta anos era já um consagrado escritor e repórter, com obras traduzidas em mais de dez idiomas. Para Luís Eugénio Ferreira:

Jack London foi lido por gerações sucessivas de americanos, gozando igualmente de uma extraordinária expansão em toda Europa. Jack London apresenta-se-nos como um dos mais curiosos escritores da América no Norte, de entre os que, seguindo a pura linha realística, entroncam nas correntes tradicionais de uma vida aventureira e irrequieta²⁰⁰.

As obras de Jack London têm milhares de admiradores entre eles americanos e estrangeiros, dada a sua larga expansão pela Europa. O autor tinha um jeito muito peculiar de redigir os seus livros. Conseguia colocar no papel as aventuras que vivia na própria pele. Por isso, a sua vida sempre se misturou com a ficção e vice-versa. Poucos autores se comportavam de maneira tão parecida com o que escrevem. Pela vida de aventuras que John Griffith Chaney levou, às vezes, é difícil distinguir ficção e realidade. Baseado nas experiências de uma vida trágica, deixou vinte romances e duzentos contos, dentre eles, muitos considerados clássicos da literatura americana: *A filha da neve*, 1902; *O grito da selva*, 1903; *O lobo do mar*, 1904; *Caninos brancos*, 1906; *Martin Eden*, 1909; *A praga escarlata*, 1912 e *O andarilho das estrelas*, 1915²⁰¹. Não citamos as obras completas do autor, mas apenas mencionamos as principais. Jack London estreou-se aos dezassete anos com o conto *Typhoon off The Coast of Japan*²⁰². Com esta obra, venceu o primeiro prémio num concurso literário promovido pelo *jornal Morning Call* de São Francisco²⁰³. Mas, nessa época, London era obrigado a dividir a sua paixão pela escrita com a dura luta pela sobrevivência. Desde a tenra idade, foi jornalista até aos seus quinze anos, quando se empregou numa fábrica de conservas. Em anos de sua infância e adolescência ocupou-se nos mais diversos tipos de trabalho para garantir o mínimo sustento e ajudar a família²⁰⁴. Na fábrica, chegou a fazer horas extras, esfalfando-se em jornadas até 18 horas diárias. Na época, Jack London não tinha ainda consciência política, mas aprendera, pela própria experiência, o mecanismo

¹⁹⁷ Cf. Luís Eugénio Ferreira, *História da Literatura americana*, Lisboa, Arcádia, 1960, pp. 22-23.

¹⁹⁸ Disponível em: www.dendramedica.com Jack London (1876-1916). [Consult. 2018.05.22].

¹⁹⁹ Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p.2.

²⁰⁰ Cf. Luís Eugénio Ferreira, *História da Literatura americana*, p.48.

²⁰¹ Cf. In o *Globo: nas obras de Jack London, uma vida aventureira contada com muito talento*, Rio de Janeiro, Infoglobo, 2016, p. 2.

²⁰² Disponível em: <https://americanliterature.com/author/jack-london>. [Consult. 2018.06.02].

²⁰³ In o *Globo: nas obras de Jack London, uma vida aventureira contada com muito talento*, p.3.

²⁰⁴ Cf. In o *Globo: nas obras de Jack London, uma vida aventureira contada com muito talento*, p.3.

de exploração capitalista, cuja teoria viria a descobrir depois nos livros²⁰⁵. Dotado de vigorosa e fértil imaginação, Jack escrevia compulsivamente. Mas teve de percorrer um longo caminho até que as suas obras merecessem a atenção dos editores. Nos anos 1893 e 1894, os Estados Unidos foram afetados por uma crise económica de proporções devastadoras²⁰⁶. O desemprego alastrava, gerando inquietação entre os trabalhadores e a organização do movimento de luta pelo emprego. Por essa época, foi organizada uma marcha sobre Washington a fim de exigir do Congresso a dotação de uma verba de cinco milhões de dólares para investimento em obras públicas. Em Oakland, cidade onde vivia London, um cidadão apelidado “General Kelly” organizou brigadas de operários para se juntar à marcha nacional²⁰⁷. London fez parte do “Exército de Kelly.” Pelo seu espírito aventureiro e individualista e pelas condições precárias em que se realizava a marcha, o movimento viria a fracassar. London começou uma vida errante de andarilho, em que conheceu e fez de tudo. Foi preso e conviveu com a escória da sociedade norte-americana. Por outro lado, Jack London tomou contacto na juventude com a obra de Babeuf, Fourier, Proudhon, Saint-Simon, Darwin, Spencer, Nietzsche, que deixaram influência marcante em seus escritos²⁰⁸. Por indicação de um seu companheiro de estrada na vida de vagabundo, buliçoso como ele e dado a filosofar, leu o *Manifesto Comunista*, de Karl Marx. Instintivamente inclinado a combater as injustiças e já revoltado com as iniquidades do sistema capitalista, London tornou-se um socialista consciente e visceral²⁰⁹. No seu caderno de notas, Jack registrou as suas impressões da obra fundamental da teoria do socialismo científico. O trabalho precoce para garantir a sobrevivência e a vida de andarilho exerceu um papel decisivo na formação da consciência política de Jack London. Mas foi o seu estágio entre os pesquisadores de ouro do Klondike que lhe deu a matéria-prima para o primeiro grande período da sua criação literária. Em 1897, com a descoberta do metal precioso no Klondike começou a sua paixão pela escrita no Alaska. A luta pela sobrevivência em um meio hostil foi a grande obsessão de Jack London: tema recorrente na coleção de sua obra *Call of The Wild*, (1903) ou *O Anjo da Selva*. Para não nos alongarmos pois, a propósito da influência de Jack London em Ferreira de Castro trazemos à colação o testemunho de António dos Santos Pereira que afirma:

Ferreira de Castro conheceu pois bem Jack London, muito antes de este ser conhecido em Portugal. Deve tê-lo lido em francês. Este autor norte-americano só foi publicado em português, pela Editorial Inquérito, nos anos da segunda guerra Mundial²¹⁰.

Nos finais da segunda guerra mundial, Jack London foi conhecido em Portugal por intermédio das publicações e traduções das suas obras: *História de um cão de circo*, 1944; *Memórias de um bebedor*, 1944; *A voz da selva*, 1945; *O lobo dos mares*, 1945 e *O amor à*

²⁰⁵ Idem e *Ibidem*.

²⁰⁶ *Op., Cit.*, p.4.

²⁰⁷ Cf. Mário Carlos Fernandes Avelar, *O nascimento de uma nação: nas origens da literatura americana*, Santarém, Edições Cosmos, 2008, pp.176-178.

²⁰⁸ Disponível em <https://www.livros-digitais.com/autor/jack-london>, p. 2. [Consult. 2017-09-30].

²⁰⁹ In *o Globo: Jack London ganha nova biografia e livro de fantasia*, Rio de Janeiro, Infoglobo, 2013, p.2.

²¹⁰ Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p.4.

vida 1945, pelas Editoras Inquérito, embora o nosso autor Ferreira de Castro o conhecesse muito antes desta época²¹¹. É importante aferir que o tempo de Jack London (1876-1916) antecede e coincide ainda com o de Ferreira de Castro (1898-1974), mas eles são de facto solidários nas causas, trajetórias, bem como na forma como ambos abraçaram o mundo das letras e denunciam as mazelas e as violências do capitalismo. Nunca antes, nos Estados Unidos América um escritor denunciara sem rebuços de linguagem o capitalismo e fizera a defesa do socialismo e mesmo da revolução social. Se os valores éticos cultivados na obra daquele autor pertencem a outra época, de outro ponto de vista, nada é mais atual. Como nenhum outro escritor de sua época, como poucos do século XX, incluindo-se entre os mais talentosos autores do chamado realismo social. Jack London conseguiu fazer uma literatura plena de frescura, energia, relação intrínseca com a vida e aquele tônus vital, dramaticidade e carga emocional indispensável para que uma peça escrita seja uma verdadeira obra de arte²¹². Na melhor tradição de Walt Whitman, ele foi o último escritor a exaltar os longínquos rincões da América do Norte e o homem americano. Descreveu com aguda percepção as grandezas e misérias de sua época, fez profissão de fé no humanismo e por isso mesmo a profecia de um devir de fraternidade, considerado inatingível hoje, quando as trevas parecem ser mais perenes do que as das mais longas noites do inverno do Alasca. A obra de Jack London é atual e tende a permanecer²¹³. A vida sofrida, a doença e as experiências humilhantes não fermentaram apenas no escritor, mas no militante. Ingressou ao Partido Socialista. Dedicou grande parte de sua obra adulta a descrever o mundo dos operários, dos desempregados, dos miseráveis. A luta pela sobrevivência, seja na natureza, seja na civilização industrial, é o motor de sua criação. *The Call of The Wild*, 1903, o chamado *Anjo da Selva* é uma obra fundamental da literatura norte-americana e transformou o nome de Jack London na lista dos mais conhecidos mundialmente²¹⁴ o autor espelha nas suas obras muitas das experiências que teve durante toda a sua trajetória de vida como fará Ferreira de Castro. Apesar disto, confirmamos que Jack London naturalista da literatura norte-americana foi o elemento chave na influência do nosso autor Ferreira de Castro com a sua literatura social, *Critical realism ou Neorealismo*. Os autores da literatura social americana da época centravam num único pano de fundo: problemas sociais e políticos; linhas que caracterizam as obras de Ferreira de Castro e Jack London, como nos confirma o nosso autor, no Pórtico de *Eternidade*, e bem:

Nós não queremos morrer! Nós não queremos morrer! Meu irmão longínquo, que te perdes na hipótese, sobre o curso de todos os séculos vindouros, escuta! Escuta o nosso desespero de seres efémeros, esta ansiêndade infinita que nos tortura há muitos

²¹¹ Idem e *Ibidem*.

²¹² In *o Globo: Jack London ganha nova biografia e livro de fantasia*, p.3.

²¹³ Cf. Mário Carlos Fernandes Avelar, *O nascimento de uma nação: nas origens da literatura americana*, p.43.

²¹⁴ *Ibidem*, p.44.

milénios [...] Nós não queremos morrer! A nossa vida está pletórica de iniquidades, de miséria, de renúncias e de sofrimentos- e nós, apesar disso, não queremos morrer²¹⁵.

O facto acima, vem consumir aquilo que é a idiosincrasia em quase todas as obras de Ferreira de Castro na sua literatura social do século XX.

1.7. Ferreira de Castro e a problemática do empenho político: um escritor português frente às desigualdades humanas no Estado Novo

No presente ponto, abordaremos a ligação entre Ferreira de Castro e a política, fazendo menção às obras censuradas pelo Estado Novo e a uma curta ligação que o romancista teve com a política. Todavia é digno de menção o seu posicionamento face à política: “eu não sou político, eu não quero absolutamente nada da política. Eu não desejo ser senão o modesto escritor que tenho sido, mas desejo sê-lo livremente”²¹⁶. O autor é exemplo para todos não apenas como um escritor, mas também como homem; mostrou-nos que se pode ser escritor e estar ligado a política sem curso superior. Embora sejam conhecidas as suas posições contra a Censura, antes e depois do Regime derrubado com o 25 de Abril, afirmou sempre que “a liberdade de pensar é indissociável da dignidade humana”²¹⁷. Há quem pretendia explicar a escassez ou a má qualidade da produção literária e artística deste tempo pelas restrições à liberdade do pensamento, da criação imposta, sobretudo pelos regimes de autoridade²¹⁸. Com isso, Ferreira de Castro com seu conceito e prática de liberdade de pensar levou-o, inclusivamente, a não professar nenhum credo religioso, nem a aderir a qualquer facção ou partido político, apesar de reiterados convites e da sua valia entre os intelectuais neorrealistas e nos meios anarco-sindicalistas²¹⁹. De forma irónica, podemos afirmar que obteve a “licenciatura” no seu percurso de vida. Ainda não tinha dez anos quando ficou órfão de pai. Adquiriu o “mestrado” ao embarcar para o Brasil pouco depois desse triste acontecimento. O “doutoramento” surge quando trabalha nos seringais da Amazônia em autêntica escravatura legalizada²²⁰. Ferreira de Castro lutou sempre pela democracia integral, pela liberdade e pela justiça. Vinha do tempo em que a federação anarquista Ibérica tivera um grande peso na Península. É um escritor rodeados de amigos e companheiros ligados ao anarquismo e à política. O nosso autor nunca foi militante de nenhum partido, mas a sua visão do mundo era, radicalmente, a da esquerda socialista e pela sua posição clara e

²¹⁵ Ferreira de Castro, «Pórtico» *Eternidade*, Lisboa, Guimarães e C.ª, 1942.

²¹⁶ *Homenagem ao Escritor Ferreira de Castro no Centenário no seu nascimento*, Covilhã, Câmara Municipal da Covilhã, 1998, p.7.

²¹⁷ *Ibidem*, p.8.

²¹⁸ António Ferro, SALAZAR, Aveiro, Edições do Templo, 1978, pp.266-267.

²¹⁹ *In Ferreira de Castro 100 anos de vida literária-homenagem ciclo de conferência*, por Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, Fundação António de Almeida, 2017, p.16.

²²⁰ Cf. *In homenagem ao escritor Ferreira de Castro no centenário do seu nascimento*, Covilhã, p. 29.

coerente em defesa da democracia, pelos direitos do seu povo e pelo prestígio que possuía, foi uma das figuras auscultadas pelo PCP, em 1958, aquando da sua candidatura à Presidência da República. Como confirma e bem Álvaro Salema:

Em 1958 é convidado a apresentar-se como candidato do povo português à Presidência da República, declinando as instâncias que lhe são dirigidas nesse sentido com base num amplo movimento de opinião. Afirma-se sem aptidões para uma atuação política que lhe exigiria condições pessoais muito diversas do seu temperamento²²¹.

O nosso autor sempre se opôs ao encantamento do poder político, que inebria os homens de ação. Não deixou de lutar pela causa comum da liberdade sempre que a sua consciência ditou que o fizesse. O seu envolvimento, quer no Movimento da Unidade Democrática, durante as Presidenciais de 58, quer na constituição da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1954, foi disso paradigmático²²². Ferreira de Castro era presidente do Sindicato dos Profissionais de Imprensa quando se deu o golpe de 28 de Maio de 1926 e abriu caminho à instituição da Censura. No decurso da sua posição irredutível contra esse pilar do Estado Novo, abandona o cargo pouco depois, sem, porém, evitar o encerramento compulsório daquele órgão²²³. Mais do que apolítico, definiu-se como antipolítico e, enquanto tal, desaprovou a excessiva interferência dos libertários nas organizações dos trabalhadores, escrevendo: “aos libertários cabe exercer a sua ação ou nos organismos específicos ou nos respetivos sindicatos, mas como simples componente deles e não como mentores”²²⁴.

O Estado Novo e o salazarismo confluem em algumas das características da conceptualização do fascismo. De certo, o Estado Novo em Portugal, na era do regime salazarista, foi marcado pelo autoritarismo. Trata-se do regime que vigorou no país desde 1933 a 1974, em referência ao estadista António de Oliveira Salazar que chefiou o governo a maior parte desse tempo (1932-1968)²²⁵. Durante este período, a Censura esteve sempre acima dos literatos em várias vertentes culturais: como na imprensa, no jornalismo e na literatura e pusera fim à liberdade vivida durante a Primeira República (1910-1926). Com efeito, em 1910, a monarquia fora derrubada em Portugal e dera-se início, então, à fase da chamada primeira República, todavia marcada por forte instabilidade política e problemas económicos sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial²²⁶. Além da constante oposição dos monárquicos, da qual a “Revolta de Monsanto” e a “Monarquia do Norte” são exemplos significativos, não acontecera o milagre político e económico que transformasse um país de estruturas arcaicas²²⁷. As conturbações políticas levariam o país, em 1926, ao golpe que ficou conhecido como o “28 de Maio” e a uma ditadura militar de sete anos apoiada pelos mais

²²¹ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, p.276.

²²² Cf. Maria João Cabrita, *Cultura: revista de história e teoria das ideias*, Lisboa, S/ed., 2009, p. 6.

²²³ Ana Cristina L. Martins de Carvalho, *Terra nativa: relação Eco-humana na vida e na obra de Ferreira de Castro*, Tese de Doutoramento, Lisboa, FCSH-UNL, 2015, p. 182.

²²⁴ *Apud.* Alberto Pedroso e Ventura António, *Alexandre Vieira 30 anos de sindicalismos*, Lisboa, Edições 1 de Outubro, 1985, p.137.

²²⁵ Cf. Heloisa Paulo, “*Aqui também é Portugal*” *A Colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*, Coimbra, FLUC, 1997, pp.19-20.

²²⁶ A. H.de Oliveira Marques, *O Estado Novo das Origens ao fim da autarcia 1926-1959*, Vol. II, Lisboa, Fragmentos, 1987, pp. 76-77.

²²⁷ Heloisa Paulo, “*Aqui também é Portugal*” *A Colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*, p.38.

variados setores da sociedade portuguesa²²⁸. A vida literária de Ferreira de Castro acontece assim toda em período da vida portuguesa muito difícil. Algumas das suas obras foram censuradas pelo regime que vigorou no país. Uma delas é *A Missão*, obra editada pela Guimarães Editora, a 17 de maio de 1957, como afirma e testemunha o autor:

Este livro, com o seu socialismo imundo, mereceu justos reparos ao nosso censor, mas sob este aspeto não é pior do que os outros corifeus das escolas realista e neorrealista como alguns de Abel Botelho, de Eça de Queirós etc. que por aí circulam, até em edição popular, patrocinada pelo Estado²²⁹.

Em 1933, a Censura já se fazia sentir de uma forma intensa nos jornais e mais tarde passa para a esfera literária. O escritor, cuja obra fora “inevitavelmente sinistrada” por esse “Santo Ofício,” aponta a literatura como grande vítima da Censura. Fazendo jus ao seu génio inconformista e insubmisso, recorda ao entrevistador uma circular enviada aos jornais, proibindo “a transcrição de páginas de Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e (...) Oliveira Martins”²³⁰; acusa o ataque às obras de Aquilino Ribeiro, Alves Redol e José Régio; e denuncia que as obras-primas estrangeiras estão a ser vedadas aos leitores portugueses. Além dele, várias outras obras foram proibidas. Na lista negra de autores portugueses, constam: Urbano Tavares Rodrigues, Manuel Teixeira Gomes (1950); Miguel Torga, *Bichos* (1954); Alves Redol, *Porto Manso* (1946); Aquilino Ribeiro, *Quando os Lobos Uivam* (1958); Natália Correia, *Comunicação* (1959); e Vergílio Ferreira, *Aparição* (1959). Na época, os livros podiam ser subordinados à Censura prévia após deixarem as mãos do autor ou, em alternativa, arriscar o confisco pós-edição. Todavia muitos enfrentavam o filtro da autocensura durante o ato criativo. O processo auto censório foi intenso e penoso em Ferreira de Castro. A ele alude em numerosas ocasiões²³¹. Tal fenómeno aconteceu também no estrangeiro onde várias obras foram censuradas caso do escritor Jorge Amado e Jean-Paul Sartre e todos aqueles que tomavam partido pelos marxistas²³². Voltando ao nosso autor, reafirmamos que foi eleito Presidente do Sindicato da Imprensa em Lisboa em 1926 e, em 1945, denunciou os efeitos nefastos da Censura e a ditadura do regime salazarista. Ferreira de Castro emitiu várias opiniões acerca do assunto:

Até 1935, os censores embora intervindo, de quando em quando, na literatura, faziam-no sobriamente. Daí em diante, porém, escrever um romance em Portugal era uma espécie de auto-suplicio, desde que não se tivesse a mentalidade da situação dominante. E a verdade é que a grande maioria dos romancistas portugueses não a tinham nem a tem²³³.

Dando sequência à opinião do autor face ao sofrimento que a classe literária e jornalística viveu por causa da Censura, o nosso autor ainda afiança:

²²⁸ António dos Santos Pereira, *Ferreira de Castro, História e Imaginário: dos Emigrantes, através d'A Selva, até A Lã e a Neve*, p. 8.

²²⁹ *Apud.* António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p. 43.

²³⁰ Ana Cristina L. Martins de Carvalho, *Terra nativa: a relação Eco-humana na vida e na obra de Ferreira de Castro*, p. 182.

²³¹ *Ibidem*, p. 183.

²³² Disponível em: <http://lusofonia.com.sapo.pt/literatura-portuguesa/literatura-engajada>, p.2. [Consult. 2018-01-22].

²³³ António dos Santos Pereira, *Op., Cit.*, p.49.

Para escrever conforme os cânones da censura, o romancista devia fingir ignorar todas as grandes inquietudes do homem do nosso tempo e escrever uns romances convencionais, deslocados da sua época, uns romances sujeitos a tantas restrições, que seria fastidioso enumerá-las todas aqui, tanto mais que elas são bem conhecidas. Escrever assim é uma verdadeira tortura²³⁴.

Nesta linha de opinião, volta a advertir que:

Porque o mal não está apenas no que a censura proíbe, mas também no receio do que ela pode proibir. Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sobre a mesa de trabalho e essa invisível, incorpórea presença tira-nos toda a espontaneidade, corta-nos todo o élan, obriga-nos a mascarar o nosso pensamento, quanto não a abandoná-lo, sempre com aquela obsessão: «Eles deixarão passar isto?» [...]²³⁵.

Diante disto, Ferreira de Castro foi sempre contra a Censura no domínio literário na ansiedade e no desejo de transformação do povo português que só poderia decorrer com o derrube do governo fascista e a implantação de uma nova sociedade que de facto aconteceu com o fim do Estado Novo em 1974 e a que ainda pôde assistir antes de falecer. O nosso autor mostrou sempre a sua posição como escritor “cidadão e humanista” o quanto a arte pode ser transformada em ferramenta para a construção de um mundo mais justo²³⁶. Nesse sentido, a obra de Ferreira de Castro se destaca, na medida em que ele não visava apenas a qualidade literária, mas uma conjugação entre o fazer literário e a prática de intervenção do intelectual que deseja denunciar as injustiças sociais e descobrir horizontes de mudança nas relações sociais, transformando o mundo em que vivia²³⁷.

Daí, nas suas obras, observamos a conjugação da qualidade artística, do compromisso social e desejo de justiça entre os homens. Por outro lado, Ferreira de Castro não só critica os censores, mas também pretende a transformação da realidade efetiva da sociedade portuguesa contra todos os anquilosamentos deste regime. No entanto, sabemos que a Censura não atuou de maneira uniforme durante o período salazarista²³⁸. Ferreira de Castro foi opositor a essa regência, lutou com as armas do intelecto, pelas liberdades banidas, pela justiça social, pela dignidade e emancipação do homem. Apoiando incontestavelmente a candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República ao escrever uma mensagem em defesa do seu povo:

Eles vêem em todo o compatriota que não conhecem um possível inimigo-um homem que lhes pode fazer mal. Eles desconfiam de tudo, até dos mendigos, algumas vezes até dos parentes, até da sua própria sombra. Eu não sou político, eu não quero nada, absolutamente nada, da política. Eu não desejo ser senão o modesto escritor que tenho sido-mas desejo sê-lo livremente ²³⁹.

Na mesma temática, Castro volta a explanar que :

²³⁴ Idem e *Ibidem*

²³⁵ Idem e *Ibidem*

²³⁶ Disponível em: <http://www.cenferreiradecastro.org/?id=2.1.3>, p.128. [Consult.2017-10-10].

²³⁷ Óscar Lopes, «Ferreira de Castro: uma grande carreira de romancista», *In jornal de letras e ideias*, nº 721, de junho de 1998, p. 13.

²³⁸ Eduardo Coelho; António Macieira Coelho, *Salazar o fim e a morte*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995, pp. 92-94.

²³⁹ Cf. Ricardo António Alves, *In 100 Cartas a Ferreira de Castro*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1992, p. 23.

E se falo de mim não é porque me considere com muita importância, mas apenas para dizer que sei, por mim próprio, pelas limitações que tenho sofrido à minha vida intelectual, quando foi sacrificada até agora, por este regime que nos oprime, a minha geração e as gerações vizinhas da minha²⁴⁰.

De certo, Ferreira de Castro, desde sempre, foi um dos escritores opositores ao Estado Novo e à Censura salazarista embora, não tendo uma ligação permanente na política, mas sempre entendeu e defendeu, e bem, os direitos do seu povo e, em particular, dos seus colegas de letras que sentiram e vivenciaram a Censura na pele até 1974.

²⁴⁰ *Idem e Ibidem.*

Capítulo 2: Ferreira de Castro e *A Selva*

Fazemos aqui uma abordagem ainda mais direta no todo e nas partes do romance *A Selva*, e em particular, como o autor viveu e percebeu a Amazônia, construiu as diferentes personagens, e mereceu a consagração literária, já anunciada antecipadamente, antes de conferirmos a sua recepção em Angola no contexto da Universidade em que trabalhamos. Aqui se demonstra a centralidade da narrativa na figura de Alberto. As diferentes personagens vão aparecendo espelhadas nele até ao clímax final que é o incêndio libertador de um fim de ciclo.

2.1. Ferreira de Castro na Amazônia

Tal como referimos anteriormente a chegada de Ferreira de Castro a Belém do Pará, na terceira classe de um navio, deu-se em 1911. E, na mesma época, após curta permanência na cidade, é encaminhado em fevereiro para o seringal Paraíso, junto ao rio Madeira, em plena selva amazônica. Nessa época, tinha doze anos²⁴¹. Nos finais do século XIX e princípio do século XX, a região do seringal no Amazônia foi centro de atração de milhares de imigrantes, numa época da declinação da borracha, mas mesmo assim a busca de riqueza fácil foi o “lema” de milhares de imigrantes, ali deslocados com as secas que se faziam sentir na região do Nordeste.

Desse modo, a imigração para a Amazônia ainda era vista como fonte de rendimento e de melhoria de vida para muitos. Era uma motivação dada pelos proprietários dos seringais que necessitavam de mão-de-obra para a extração do látex. Assim, a obra *A Selva* aponta uma trajetória muito comum do imigrante português na experiência de um sonho que não se transformou em realidade, e antes na ilusão da floresta. Contudo, a imagem mais forte que o autor trouxe é a experiência na região onde a rotina foi a “luta infernal.” A comparação entre a Amazônia e a sua terra natal pode ser pensada apenas como recurso narrativo, utilizado pelo autor para estabelecer semelhanças, pois se trata de um lugar para onde se deseja voltar²⁴². Nesse sentido, A Amazônia, para Castro, é um engano, uma experiência que não trouxe boas lembranças; Portugal era visto como um refúgio do bem. Apesar da Amazônia ser vista como um lugar de maravilhas pelos rios, animais, plantas e o ar oxigenado, nada disso importou ao nosso escritor, que em todo o momento contrapôs a vida de seringueiro que teve na Amazônia com a vida que gostaria de ter em Portugal. Tal como salienta Geraldo Magella de Menezes Neto:

²⁴¹ Cf. Álvaro Salema, *Ferreira de Castro, a Sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra*, pp.267-268.

²⁴² Cf. Isabel Cristina Martins Guillen, *Errantes da Selva: história da migração nordestina para Amazônia*, Campinas, UNICAMP, 2009, p.178.

Amazônia é representada como a terra das ilusões, e Portugal como o melhor lugar para se viver. A idealização da terra de origem também era uma estratégia para esquecer os problemas vividos na Amazônia e os sonhos perdidos²⁴³.

A vida no seringal é relatada como um perpétuo estado de entristecer como consequência da queda da borracha irrecuperável na região e da seca que se fazia sentir. Esta, transportava mais uma vez na mente do autor a imagem do sofrimento infernal. Ferreira de Castro transpõe para a personagem Alberto toda uma dialética, presença típica de situação de emigrante. Na sua estadia, ao ler a carta enviada pela mãe, de que já podia regressar a Portugal, logo que os insurretos de Monsanto haviam sido anistiados²⁴⁴, o personagem Alberto recorda-se de sua terra natal:

O que desejava, sobretudo, era ver o cenário perante o qual eles representavam. As ruas de Lisboa, as salas da Faculdade, os primeiros discípulos, a sua casa e sua mãe... A mãe! Como lhe custaria pouco o ato, outrora inadmissível, de denunciar às velhas aspirações, se tanto fosse necessário, para volver à terra distante! Cada vez sentia menos o domínio das teorias que o haviam forçado a emigrar [...]²⁴⁵.

Ferreira de Castro via e ouvia, sentia a selva como uma unissonância sem fim para mudar de vida, mesmo com o passar do tempo a saudade da terra natal se fazia sentir no seu interior. A beleza imensa da floresta não podia seduzir de forma alguma a personagem alter-ego, pois não o seduzira a si autor. Nessa sequência, o personagem Alberto reserva o sonho para o seu regresso a Portugal:

Via-se já, com grande alvoroço íntimo, a desembarcar em Lisboa e a enternecer-se ante a cidade preñe de recordações: - «Foi aqui que me sucedeu isto, foi ali que me sucedeu aquilo...» Depois eram os abraços da mãe, chorosa e velhinha em delirante contentamento. Mais tarde seriam os amigos à mesa do café: ele a falar do que vira e do que fizera, dos seus heroísmos anónimos e das suas abominações. Duvidariam por certo, de tudo quanto não o denegrise ou tivesse a expressão fabulosa da brenha inconcebível. Quem ia acreditar que se podia cortar o peixe com um facão, dentro da própria água, quando os cardumes subiam o rio?²⁴⁶

O personagem Alberto ainda fazia comparação em relação com os seringueiros, visto que, no romance este muitas das vezes se sentia “superior” em relação a outros seringueiros, tanto pela sua origem quanto pela sua formação de estudante em Direito, quando relata: “de novo se sentia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente”²⁴⁷. Outra ocorrência que se verifica é quando Alberto viu Agostinho a ter relações sexuais com uma égua, mesmo com a prova da explanação de Firmino de que na região dos seringais não haviam mulheres. Alberto, “como a bordo, sentiu-se novamente diferente e de todos separado daqueles homens, pelo nojo que lhe provocavam. Não poder fugir dali, fugir de tudo aquilo, libertando-se do pesadelo!”²⁴⁸ É importante referir que para além de Alberto, os outros companheiros também viviam a mesma realidade manifestada por ele, em relação à terra natal: pela dor e saudade da

²⁴³ Cf. Geraldo Magella de Menezes Neto, *História Ambiental e Literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*, p.15.

²⁴⁴ *Ibidem*, p.16.

²⁴⁵ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 206.

²⁴⁶ *Ibidem*, p.207.

²⁴⁷ *Ibidem* p. 77.

²⁴⁸ *Op., Cit.*, p. 112.

ausência de mulheres na região como Ferreira de Castro deixa claro numa das passagens do romance:

Mas, lá longe, mal chegados à Amazónia, o que queriam era voltar. Mesmo os que se haviam arrastado em êxodo, deixando, durante o trajeto, os pais velinhos em delírio, ou mortos os filhos de tenra idade, não pensavam noutra coisa além do sertão distante. Todas as riquezas da selva e toda a imensidade da sua rede potâmica, que compensava os longos dias de sede, se desvalorizavam quando eles as punham em confronto com o pobre lugarejo em que tinham nascido²⁴⁹.

Dessa maneira, o romance *A Selva*, os seringais da Amazónia e a terra natal do autor aparecem em oposição pelo facto da região apresentar uma conotação negativa; de outra forma, Portugal aparece de forma positiva, chegando a ser mesmo idealizado. Assim, Ferreira de Castro fala de si mesmo e ao mesmo tempo cria o personagem que é quase antípoda do autor. E, no lugar do jovem de origem simples e com poucas perspetivas, temos o bem-nascido adulto. No da criança pobre e disposto a lançar-se ao trabalho duro, encontramos o jovem indolente, o bacharel em Direito cuja auto-imagem é inflada de orgulho²⁵⁰. Finalmente, no lugar do humanista socialista, vemos um monárquico cheio de preconceitos. O teor autobiográfico, surge em vários trechos do romance, tendo importância fundamental na génese da obra. Mas a opção do autor em criar uma personagem distinta de si permite-lhe um exercício mais amplo no jogo de oposição que encontramos no texto²⁵¹. Portanto, no romance temos um percurso de transformação na formação de um personagem. Alberto faz um deslocamento longo ao sair de Portugal, em direção à Espanha e ao deixar a Europa para se estabelecer no Brasil e ao zarpar de Belém para se empregar no Paraíso, o seringal encaixado na floresta²⁵². E, para além do deslocamento geográfico do jovem, temos um deslocamento um tanto mais complexo, pois se trata de trajeto de uma posição supostamente estável cuja culminância é uma carreira na burocracia portuguesa para uma situação de absoluta instabilidade em que viver o dia seguinte era apenas uma possibilidade cheia de riscos. A sua passagem pela região do seringal desafia os traços iniciais, rompe firmezas e concebe um outro sujeito, com outra perspetiva em relação a si e aos outros. Daí, o tributo ao romance:

Drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza, estava destinado a ser, desde o princípio ao fim, para o seu próprio autor, uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão²⁵³.

Dessa maneira, o autor dedica o romance à tremenda caminhada dos companheiros de lutas, povos humildes e aos conquistadores que estavam impedidos de sair das longínquas matas das margens do rio Madeira em busca do pão e dos suplícios que atormentavam milhares de imigrantes na região do seringal da Amazónia, ajudando-nos assim a compreender o seu passado. Castro, quer tivesse vivido no mar ou na montanha, na aldeia ou na cidade, sempre havia de ser literato; já nascera fadado para as letras, pois:

²⁴⁹ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p.148.

²⁵⁰ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazónia*, Oliveira de Azeméis, Revista Portugal, 2001, p. 36.

²⁵¹ Cf. Vander da Conceição Madeira, *A Selva: viagem de descobrimento*, São Paulo, USP, 2009, p.26.

²⁵² Idem e *Ibidem*.

²⁵³ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 17.

Ele próprio, logo nos seus primeiros passos, com plena consciência dessas qualidades inatas, francamente tivera afirmado ter nascido para a literatura. Deste modo no sertão amazónico, sempre que podia passava ao papel as mais flagrantes impressões colhidas naquele inferno verde (...) lá, aos seus catorze anos começou a escrever o seu romance que tem por cenário a selva e por protagonista um pobre seringueiro que, como ele, de Ossela (...) ²⁵⁴.

Foi assim que Ferreira de Castro estando no seringal percebeu a amargura, durante os seus três anos e meio e nela. Ali teve a oportunidade de estudar, em todos os pormenores, a fauna e a flora desse mundo bárbaro e assombroso e a vida daqueles seres desbravadores que extraíam a borracha para colmatar a fome. Percebeu o valor da liberdade quando conseguiu sair dali pelos os seus dezassete anos. Pode reconstruir o seu sonho que desde a infância o empolgava e fora decisivo para a sua evasão da selva ²⁵⁵. Ferreira de Castro, que deixou este mundo em 1974, continua hoje vivo pela sua inconfundível arte, pelo brilho de sua pena, pelo talento refletido em sua obra pois, pela capacidade se perceber a saga humana, que continua sempre difícil para a maioria:

Os homens transitam do Norte para Sul, de Leste para Oeste, de país para país, em busca de pão e de um futuro melhor. Nascem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência, olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver ²⁵⁶.

Deste esforço resultaram as mais sonantes obras; os romances *A Selva*, *o Emigrantes*, *A Lã e a Neve*, *Eternidade*, dentre outras como já dissemos; são obras lidas em todos os tempos em Portugal, no Brasil e no resto do mundo ²⁵⁷. Destacamos obviamente aqui *A Selva* e vamos descer à apresentação das suas personagens de imediato.

2.2. Acerca das Personagens

2.2.1. O protagonista da Selva amazónica: Alberto

Analisando o enfoque geográfico e cronológico da ação do romance, esta decorre na região do Amazonas, seringal, no Norte do Brasil. Na vertente cronológica o romance enquadra-se na época da problemática da emigração e da decadência da borracha na região do seringal. O ciclo da borracha é uma das fases económicas do Brasil e abrange os anos de 1879 a 1912 ²⁵⁸. É notório que no romance prevalece a perspetiva omnisciente da instância narrativa, veiculada por um narrador heterodiegético, que não fazendo parte do universo

²⁵⁴ Cf. Alberto Moreira, *Ferreira de Castro antes da glória*, p. 31.

²⁵⁵ Luciana Stegagno Picchio, *A Selva de Ferreira de Castro: um romance piloto*, In *vária Escrita*, nº 3, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1996, p.24.

²⁵⁶ Ferreira de Castro, *Pórtico «Emigrantes»*, Lisboa, Guimarães Editores, 25.ª Edição, 2002.

²⁵⁷ *Ibidem*, p.36.

²⁵⁸ Data do primeiro ciclo da borracha, época de progresso e expansão da borracha na região do seringal e o período enquadra-se o nosso autor. Disponível em: pt.wikipédia.org/wiki/ciclodaborracha. [Consult. 2018-01-19].

diegético, manifesta um conhecimento seguro de tudo o que nele vem à acontecer²⁵⁹. Desta maneira, o narrador difunde a imagem da selva e do outro, segundo a visão subjetiva de Alberto, tendo, subjacente, o filtro da origem, educação, cultura e ideologia deste²⁶⁰. Quanto às personagens do romance, elas estão classificadas em principais: Alberto; e secundárias: Agostinho, Balbino, Caetano, Dona Yáyá, Juca Tristão, Firmino, Guerreiro e Tiago. Não pretendemos esgotar a caracterização de todas elas, mas deixamos os traços essenciais. Salientamos que para além destes, existem outras que caracterizamos como terciárias e alguns desempenham a função de figurantes fazendo parte do desenlace da narrativa: Alípio, Alexandrino, Binda, João, Feliciano, Elias e Romualdo, entre outros.

Nesse sentido, o romance narra o percurso do jovem Alberto, o herói, de vinte e seis anos de idade, estudante de Direito, prestes a concluir o grau de licenciatura. Um jovem magro, alto, de olhos castanhos, cabelos loiros e cor branca²⁶¹. Com a revolta de Monsanto de janeiro de 1919, em que participaram João de Azevedo Coutinho e Aires de Ornelas de Vasconcelos, o jovem da narrativa de Ferreira de Castro foge para a Espanha e, de imediato, para o Brasil, sendo amnistiado em 1921²⁶². Ou melhor, o motivo da sua retirada de Portugal é a sua participação na fracassada revolta de 1919, que visava o restabelecimento da Monarquia e o fim da Primeira República. O jovem é exilado por motivos políticos, o que acaba por diferenciá-lo de um simples emigrante que abandona o país em busca de uma vida melhor, como foi o caso de Ferreira de Castro. Assim, Vander da Conceição Madeira afirma que:

A referência histórica indica que a chegada de Alberto à Capital do Pará dá-se nos anos 20, período de agravamento da crise na exportação da borracha brasileira (Ferreira de Castro chegou ao Brasil no início dessa crise). A queda nas vendas do produto faz com que Alberto perca o seu emprego no comércio, levando-o à condição de dependente da benevolência de seu tio Macedo²⁶³.

A chegada do português e sua instalação nessa região permite-nos compreender e identificar as complicações de representação do jovem e do nativo. Numa primeira fase, o romance figura como espaço da pureza, da ingenuidade rústica e do primitivismo, mas à medida que o barco o levava àquela vastidão, o espaço ganhava contornos monstruosos. Daí surgem as comparações entre a terra natal e a floresta amazônica:

A partida do Justo Chermont abriu na alma de Alberto uma nova amargura, um súbito e contraditório amor ao navio, não pela sua terceira, mas por algo de imponderável, de indefinível que ele representa, quando acostado ao porto. Parecia-lhe que ficava agora mais só, mais isolado do Mundo. E ficou-se a segui-lo com a vista, a seguir as duas chaminés que iam fumegando rio acima, mas que em breve e sem ele fumegariam também rio abaixo, para Manaus e Belém-sobretudo para Belém, que ficava apenas a quinze dias de Portugal...²⁶⁴.

²⁵⁹ Cf. Vander da Conceição Madeira, *A Selva: viagem de descobrimento*, p. 24.

²⁶⁰ Maria Adelaide Antunes de Brito Coelho, *A Selva do romance de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, p. 90.

²⁶¹ Descrição extraída do filme *A Selva* de Leonel Vieira. Disponível em: Centro de Estudos Ferreira de Castro, Ossela, [Consult.Em 2017-09-16].

²⁶² Cf. António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p.18.

²⁶³ Cf. Vander da Conceição Madeira, *Op., Cit., p. 26*.

²⁶⁴ Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 74.

A partida a Belém do Pará, a bordo do Justo Chermont, Alberto vive momentos menos bons, de tensão com imaginações de como será o seu futuro após a chegada ao seu novo mundo. O jovem, começa a observar com indiferença os demais companheiros a bordo, mantendo a resistência em não aceitar ser incorporado na cultura dos outros. À luz disto, observamos o pensamento eurocêntrico da personagem Alberto ao longo do romance, que abordamos de imediato. Com efeito, ao chegar a Belém do Pará, instalara-se na casa de seu parente. A vida do jovem foi transformada em noites de imaginações e convulsões de como seria o seu futuro na sua nova terra. Encontrava-se desprovido de qualquer ocupação, vivendo momentos difíceis na incerteza do seu horizonte²⁶⁵. O seu parente, vendo o sofrimento do jovem e analisando o seu estado financeiro que não eram propício para custear os encargos do jovem, formula um convite para este tentar a vida nos seringais, com um discurso repleto de prosperidade:

Eu tinha pensado...É que está aí um seringueiro- o Balbino, aquele que anda sempre com charuto na boca-que foi ao Ceará buscar pessoal para o rio Madeira, Mas, ontem, fugiram-lhe três homens... Ora, eu pensei...Sim, talvez falando com ele tu pudesses...²⁶⁶.

O exposto acima mostra o convite formulado por Macedo, seu parente, acompanhado de hesitação em encaminhar Alberto para os seringais, consciente da atual situação que ali se vive, da dificuldade da região e pelo facto de o sobrinho desconhecer a região e que de certo modo encontraria inúmeras dificuldades em enfrentar tal desafio. Também como podemos fazer menção às condições que eram impostas aos seringueiros ao longo da viagem que indiciam desde início uma tentativa de desistência e de fugir. Após ter analisado a proposta do seu parente, Alberto interroga-se e responde:

Rio Madeira...Rio Madeira...Não é lá que há muitas febres?
No rio Madeira...
É; em todos os seringais há muitas febres...
Macedo contrariou-se, mas resistiu, encarcerando e substituindo as palavras de exaltação que ferviam dentro dele²⁶⁷.

O trecho mostra uma certa persistência de Macedo em convencer o jovem a tentar a vida nos seringais e, por outro lado, mostra as dúvidas levantadas por Alberto em aceitar o convite formulado pelo parente na imaginação da atual realidade da região do seringal. De facto, Macedo tenta forçar Alberto a aceitar a tentativa de aventura no Paraíso. Desta forma, Alberto torna-se vítima do sistema. Finalmente, Alberto aceita ir para o seringal na Amazónia e a partir de então, manteve uma grande resistência em se aceitar como seringueiro. Resiste a ver, a aceitar a realidade, a adaptar-se e fazer parte da cultura dos outros, pois aquele não era o seu mundo. Ferreira de Castro confirma que:

Alberto sentia impulsos de morder as próprias mãos, de despedaçar fosse o que fosse transformando em energia a sua debilidade. A humilhação dava-lhe cóleras

²⁶⁵ Cf. Eurico Pedro de Andrade Alves, *Ferreira de Castro, e o Seringal Paraíso*, Oliveira de Azeméis, S/ Ed., 1994, p.18.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 26.

²⁶⁷ *Idem e Ibidem*.

mesquinhas, desejo vis e ignaros. E a crise só terminou ao fechar do dia, quando, com a fadiga do espírito, se adensou a tristeza da vida ali e a imperativa realidade²⁶⁸.

Reiteradamente a posição que Alberto tomava era, de alguma forma, que fosse identificado e reconhecido como um ser superior aos demais, tanto ao longo da viagem como diante de seu parente. No seu pensamento: o seu fato passado a ferro era a forma de manifestar a superioridade em relação à “manada”, a que ele não quer pertencer²⁶⁹. Assim, com a sua chegada ao seringal Paraíso, faz-se o contacto entre o civilizado (europeu) e os seringueiros (nordestinos). Todavia, a receção do grupo foi humilhante fruto do reflexo das desavenças que outrora tinham acontecido no seringal como consequência da instabilidade social e económica que acontecia na região antes da chegada da nova equipa. Contudo esta era a forma como os homens brancos olhavam os indígenas, na ilusão de superioridade e da não aceitação, de não humilhação face aos povos nativos. Nesse ambiente, Alberto via o seringal como monstro e aqueles que coabitavam ali como seres inapreciáveis, este, imprestáveis como se prova nos seguintes trechos:

Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo se sentia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente²⁷⁰.

Alberto não compreendia a sensibilidade dos que encontravam horas normais naquele tempo que para ele decorria com sentido provisório e alvoroçado. Tudo aquilo tinha já o involucro do que se recorda para toda a vida com tristeza e mal-estar²⁷¹.

Os dois cenários mostram o cruzamento do Alberto com o seu novo espaço selvático, o microcosmo Paraíso, um mundo com entrada e sem saída. O meio em que o jovem se encontrara é um meio inferior à supremacia do seu mundo europeu. Said confirma que “as fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneira previsível”²⁷², Com isso, a maneira como o estrangeiro encara muitas vezes a terra do outro, como um mundo que não existe, ou seja, inferior ao seu território de origem. Em vista disso, Alberto resistia ao novo lugar, aos novos hábitos, ao novo meio em que estava inserido. Permanecia a sua visão de europeu e a não aceitação sociocultural das terras dos outros. O seu único desejo é manter a sua honorabilidade eurocêntrica diante do seu novo mundo²⁷³. De facto, os trabalhadores nos seringais eram tratados como escravos, seres inferiores, sem valor intelectual e moral. A cena imediata mostra como, no desembarque, Balbino contava os novos seringueiros e lhes dava explicações:

Balbino ia contando os homens e dando explicações a Juca Tristão. Alberto pensava, olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem os escravos em plagas longínquas, quando a voz rude do pastor lhe recordou que também ele fazia parte do rebanho:
-Você!

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 46.

²⁶⁹ Ednaldo Tartaglia Santos; Odete Burgeile, *A inversão de papéis no romance A Selva, de Ferreira de Castro, em uma perspectiva pós-colonial*, p.118.

²⁷⁰ Ferreira de Castro, *A Selva*, p.70.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 77.

²⁷² Edward W. Said, *Orientalismo: o Oriente como intervenção do Ocidente*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 92.

²⁷³ Ednaldo Tartaglia Santos; Odete Burgeile, *Op., Cit.*, p. 119.

Tinha já saído todos. A prancha estava livre e um marinheiro, de caixa aos ombros, aguardava apenas que ele passasse para ir depor o volume em terra. Alberto evocou a sua mala (...) ²⁷⁴.

A presença de Juca Tristão alerta Alberto: “(...) quem era a personalidade que tantas vênias desfrutava. - É o Juca Tristão-elucidou o outro- É o seu patrão...” ²⁷⁵. Nesse episódio, vemos mais uma vez a resistência de Alberto em não aceitar enquadrar-se na categoria dos outros, reconhecer a sua personalidade, de igual aos outros. Visto que, diante da ação, todos têm o mesmo nível. De facto, o ambiente também jogou um papel preponderante em forçá-lo à não aceitação. Assim sendo, quando inquiriram ao Juca Tristão sobre o que fazer com o português, ele disse:

-Ó Balbino: aquele homem que você trouxe...

-Qual homem? Ah! É o português que me recomendaram em Belém.

Caetano viu-se despenhar-se o momento de vaziar o despeito que lhe havia causado a escolha de Balbino para ir ao Ceará:

-Não compreendo como você trouxe uma peste dessas. Já é sabido que carcamano e marinheiro só são bons para regatão... ²⁷⁶

A interação mostra o sentimento que Alberto esperava. O que sonhava encontrar no seringal a traduzir-se na prática “encontrar riqueza fácil”. Alberto, o português, o estrangeiro não foi bem-vindo ao seringal, a partir do momento em que é recebido e identificado. Assim, mais uma vez, o facto mostra a humilhação do português no território em que outrora a sua nação fora colonizadora e agora estava submetida às ações dos próprios colonizados. Entrando, naquilo que foi o dia-a-dia no seringal e sobre as transações comerciais, quando um seringueiro apresentava resultados, Juca Tristão vendia-lhe tudo o que ele necessitasse. Foi assim a rotina dos seringueiros e que de certa forma corresponde a uma forma dos seringalistas manterem presos os seringueiros. Quanto à integração e acompanhamento, Firmino, o brasileiro, procurou sempre, de forma incansável, enquadrar Alberto no seu novo mundo. Desse modo, ambos estabeleceram uma relação de afetividade e amizade. Firmino mostrou-lhe as técnicas de extração do látex nas árvores de borrachas, desevidou-lhe os principais segredos para tentar vencer a selva e foi mais além ainda ao emprestar-lhe as suas vestes: calçado apropriado de modo a não danificar o seu “traje de gala”. O mundo em que estavam inseridos era a selva amazônica ²⁷⁷. O amigo aconselhou-o várias vezes de modo a proteger o seu “traje passado a ferro” que não era apropriado para a prática da atividade na região:

-Você não deve trazer o seu «paletot» vem um espinho danado. Uma folha de inajá e fica com um rasgão que nem que fosse de faca. Assim, assim, enquanto não tem blusa. Tire também o colete e a gravata, que atrapalham um homem e lhe dão calor ²⁷⁸.

Neste trecho, vemos o grau de solidariedade apresentada pelo Firmino ao seu amigo Alberto, mostrando-lhe a verdadeira realidade de vida que um seringueiro carregava no ambiente

²⁷⁴ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 70.

²⁷⁵ *Idem e Ibidem*.

²⁷⁶ *Ibidem*, pp. 74-75.

²⁷⁷ Ferreira de Castro, *A selva*, p. 86.

²⁷⁸ *Ibidem*, p.87.

amazônico. Por outro lado, como salientamos, os seringueiros eram tidos apenas como mão-de-obra para os patrões, nesse caso, Juca Tristão, era o homem forte na posição de detentor do poder. Mantinha o domínio do monopólio em relação aos seringueiros, no microcosmo Paraíso. Em vista disso, as atividades dos seringueiros eram avaliadas na prestação de serviços e na vertente comportamental, aos domingos. Muitos desses seringueiros eram obrigados a consumir a “cachaça”, bebida preciosa, no seringal, para ridicularizar a saudade perante as suas famílias e as suas pátrias. Isto fazia que estes esquecessem várias humilhações impostas pelos proprietários dos seringais. Como mostra o trecho abaixo:

Mas entre os párias havia grande solidariedade sempre que se tratava de cachaça. Por um gole da bebida que se estrangulava a tristeza nas longinquas solidões seriam capazes de palmilhar léguas e léguas da floresta ou de entregar, por um litro, o produto de muitos dias de labor. Aqueles, porém, que estavam em vésperas de ter saldo e eram mais beneficiados por Juca (...) ²⁷⁹.

Desta maneira, a cachaça simboliza o refúgio de muitos seringueiros a fim de se esquecerem de certos problemas que viviam nos seringais e, por outro lado, para se entreterem. O meio não oferecia a diversão e a rotina diária era bastante pesada visto que descansavam apenas aos domingos. A cena mostra claramente a relação de poder do colonizador brasileiro Juca Tristão em relação ao português Alberto, e aos demais pela forma como eram tratados com hostilidades pelo seringalista Juca Tristão. Ainda sobre os vários problemas que se viviam no seringal Paraíso, possuir um rifle ²⁸⁰ era garantia de subsistência, devido ao meio que apresentava vários animais ferozes que muitas das vezes atacavam os homens e a maioria das vezes terminava em tragédia ou seja, em mortes. É importante salientar que o rifle era o instrumento de defesa dos seringueiros. Por sua vez, Alberto não o possuía dado que Juca Tristão lhe negara a arma e aos demais seringueiros. E, na senda disso, a conversa entre dois seringueiros, Alberto fixa algumas palavras a propósito da conversa e questiona Juca Tristão. Este, por sua vez, responde sobre a negação de um rifle:

Lá dentro repetia-se o diálogo de há pouco, agora entre um «brado» de Popunhas e Juca Tristão, que lhe negava também um rifle.
Uma frase trouxe Alberto à realidade:
-Eu não vim aqui para perder a vida, seu Juca! ²⁸¹

Nenhum seringueiro estava ali para perder a vida embora o meio fosse inseguro dado aos animais selvagens que ali habitavam, mas o sonho de enriquecer fácil ainda pairava sobre os seringueiros. Desse modo, temos o colonizador brasileiro Juca Tristão a impor regras e atitudes desumanas diante dos outros cuja imagem e semelhança são iguais e diferentes apenas no estatuto: um patrão outro subordinado, seringueiro. Sendo assim, os contrapontos da selva, a distância da terra natal, o sistema exploratório do seringal, a maneira de subsistência, a forma de tratamento, patrão-seringueiro, tudo colaborava para o monopólio do colonizador brasileiro que, em nossa perspectiva, Juca Tristão impunha no microcosmos

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 120.

²⁸⁰ Espingarda para matar animais para subsistência e ao mesmo tempo para se defenderem contra os animais ferozes.

²⁸¹ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 122.

Paraíso aos seringueiros²⁸². Este foi o real tratamento de vida, de rotina, e de luta diária que Alberto enfrentou no seringal Paraíso. Outro facto curioso ainda à volta do romance: muitos seringueiros entravam em dívidas, pelo facto de não terem honrado o compromisso com o patrão. Este, por sua vez, tomava severas medidas, achava o que bem entendia, vendia o que bem entendia, comprava a preços baixos aos seringueiros as bolas de borrachas e negociava a quase o dobro do que se praticava em Manaus e Belém, constituindo um sistema exploratório onde o único beneficiado foi, e sempre, o patrão. No seringal, a regalia era sempre para o seringalista e prevalecendo os prejuízos para os seringueiros. Com isto, o seringal tornava-se um inferno para os trabalhadores onde a utopia, a ambição, a expectativa, quer do seringalista como do seringueiro não tinham lugar. Perdiam-se os sonhos de riqueza fácil, pois a vida significava dívida para os seringueiros e como consequência disso eram expostos ao sistema exploratório sem poderem beneficiar desse sacrifício. Assim, nesse meio, Alberto perdia o “status” de letrado, de civilizado, igualando-se aos demais seringueiros, o que demonstra o quanto estava envolvido ao sistema de exploração do microcosmos Paraíso. Desta maneira, o português e os seringueiros nordestinos da narrativa partilhavam as mesmas experiências de vida que os levam a perder, em alguns dos casos, o senso civilizatório, imposto pelo seringalista Juca Tristão. Como consequência, alguns relatos e cenas resultavam em práticas da zoofilia, em alguns casos de pedofilia e até mesmo de estupro. Contudo não focaremos esses aspetos porque fogem daquilo que pretendemos mostrar ao leitor.

No decurso da narrativa, surge a oportunidade de Alberto ser promovido. Juca Tristão necessita de alguém para trabalhar no barracão:

Posto o caso, durante o jantar, ao siso do guarda-livros, ele afirmara sem detença:
-Mas parece muito bem. Os judeus e os portugueses nasceram para o comércio.
Ficou tudo resolvido (...) - Seu Juca lhe quer falar. Venha comigo.
Enfiando no escritório, os dois roçaram a escrivania onde se extraíam as contas das vendas, empurraram segunda porta e quedaram-se, por fim, num recinto (...)
-Que habilitações tem você?
-Habilitações...²⁸³

Na sequência, o patrão volta a afirmar que:

Que sabe de comércio?
Eu estive a estudar Direito e tinha quase concluído o meu curso quando...
-Quanto deve este Binda?
-Está bem. Você vem cá para barracão, já que não dá nada a cortar seringa. Depois se vê quanto pode ganhar. Traga as suas coisas lá do centro e se apresenta amanhã. Ouviu?
- Ouvi, senhor Juca. Muito obrigado²⁸⁴.

A oportunidade mostra claramente que o grau de formação de Alberto é decisivo para a sua promoção, embora ainda desprezível pelo patrão. A inspiração de superioridade bateu às portas do jovem, uma nova etapa surge como forma de reconhecimento. Alberto encarava o lugar como um “bicho de sete cabeças” e estando a exercer a função de caixeiro, mesmo assim, era humilhado pelo patrão, mas também pelos outros seringueiros como consequência

²⁸² Ednaldo Tartaglia Santos; Odete Burgeile, *A inversão de papéis no romance A Selva, de Ferreira de Castro, em uma perspectiva pós-colonial*, p. 122.

²⁸³ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 150.

²⁸⁴ *Ibidem*. pp. 149-151.

da insurreição da sua promoção diminuindo assim a sua tarefa árdua de seringueiro. Porém, em ambientes sociais, Alberto era tratado como um ser inferior em relação aos outros. Nesta senda, a adaptação de Alberto à sua nova função, dava-lhe uma outra personalidade, uma outra dignidade em relação ao patrão. Alberto vê com maior serenidade as ações do senhor Guerreiro, de Caetano e de Balbino, ganhando assim “status” no seio destes. Ao longo da narrativa, Juca Tristão viaja para visitar a sua fazenda em Marajó²⁸⁵ no norte do estado do Pará, e estar algumas semanas com à família, em detrimento disso, vejamos a reação de Alberto:

«Mas ir, como? Como? Somente Juca Tristão gozava o privilégio de poder ausentar-se dali sempre que assim o entendesse. Era o único que partia, com bom saldo na carteira, subisse ou descesse a borracha. Alberto invejou-o então; uma inveja seca e latente, uma inveja quase ódio. Ao mesmo tempo sentia um forte alívio com a sua ausência²⁸⁶.

No desenlace da narrativa, Alberto recebe uma carta de sua mãe vinda de Portugal. A carta trazia a novidade que ele fora amnistiado e que os republicanos haviam, enfim, resolvido amnistiar os insurretos de Monsanto de tal forma que muitos que estavam em Espanha, já haviam regressado²⁸⁷. Desta forma, o desejo de Alberto em regressar no seu país estava cada vez mais próximo, mas estava preso à dívida contraída no seringal que de certo modo condicionava a sua saída do seringal amazônico. Seguidamente, recebe outra carta de sua mãe. Nela, havia o dinheiro para o seu regresso a Portugal. Deste modo, a retirada de Alberto dos seringais estava cada vez mais próxima de se concretizar:

Alberto leu, releu, os olhos húmidos de emoção, o passado a ressurgir, vivo, vivo e fascinador como nunca.
«Os republicanos...Os monárquicos...» Tudo aquilo lhe soava imprevisivelmente a oco, longínquo e sem sentido. Arrefecera-lhe a paixão, as suas antigas ideias pareciam-lhe de tempos remotos, dum outro eu que se perdera e esfumara na lonjura. Examinava agora, a sangue-frio, a sua causa vencida e nenhum ódio guardava para os adversários que combatera anos antes²⁸⁸.

As duas notícias deixam Alberto mais ansioso na esperança do seu regresso a Portugal, e começa a contar os dias de como abandonar o inferno verde. Juca Tristão, quando soube da notícia do jovem, perdoou a dívida. Porém, Alberto deveria esperar o patrão afim de arranjar o seu substituto para exercer o seu cargo. Desta forma, a narrativa encerra com o barracão a arder e todos preocupados com ausência do Juca Tristão:

-Logo que me levantei, fui ver se o salvava. Tentei entrar com o Alexandrino e o João, deitando as portas abaixo com um machado. Não foi possível. Era demasiado tarde. Queimámo-nos todos e nada conseguimos. É horrível! Eu ainda julguei que ele tivesse saído pelo lado do quintal, mas andei por lá e não o vi. O fogo parece que queimava petróleo. Não sei como se pôde dar uma coisa assim!²⁸⁹.

²⁸⁵ É uma ilha brasileira situada no estado do Pará, no arquipélago do Marajó. Disponível em: feriasbrasil.com.br/pa/ilhademarajo. [Consult. 2018-02-17].

²⁸⁶ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 178.

²⁸⁷ António dos Santos Pereira, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, p.18.

²⁸⁸ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 193.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 245.

O trecho acima mostra a preocupação de Alberto e Elias sobre Juca Tristão quando o barracão pegava fogo. A incerteza do desaparecimento deste é resolvida pelo negro Tiago que confessa o crime:

-Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair (...) - Me mande para cadeia, branco (...) - Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou.... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura (...) - Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade com o negro velho. Eu é que sei!²⁹⁰.

A citação mostra o desabafo e a revelação do negro Tiago, o ex-escravo, sobre a morte do patrão. Este era o criado do patrão e viveu um drama muito triste provocado até pelos próprios seringalistas. Trataram-no em muitos casos com bastante insubordinação e humilhação ao longo da narrativa. Nesse contexto, podemos dizer que a mão-de-obra negra no seringal, o sonho de riqueza fácil não se traduz na prática pois a vida foi árdua para todos. E, por outro lado, a ação do negro Tiago foi bem-vinda para pôr fim ao sofrimento que Juca Tristão impunha aos seringueiros dando-lhes assim a vitória de libertação do cativo.

Entretanto, foi assim que Ferreira de Castro revelou ao mundo a sua vida, a sua experiência naquela região do Amazonas na referência do personagem Alberto por via do romance *A Selva*. Mas achamos que a experiência como aquela só se põe fim através da denúncia social, tal como fez o nosso autor no seu romance. A obra de Ferreira de Castro serve como subsídio para compreendermos certos comportamentos incorretos de muitos patrões perante os seus subordinados, criados, mesmo ao serem contratados para um trabalho honesto, frequentemente são sacrificados e desprezados. Ao mesmo tempo mostra-nos como era amazônia na época da exploração da borracha: a sua fauna, a flora e os rios.

2.2.2. Juca Tristão

Embora já evidenciámos o personagem Juca Tristão, quando fazíamos alusão ao personagem Alberto, tal abordagem foi genérica. Nesse sentido, achamos necessário abrir um ponto específico para falarmos do personagem acima com maior relevância. Assim sendo, Juca Tristão é um brasileiro, “era um homem baixo, moreno, mãos grossas, tendo nos dedos grandes anéis em ouro com brilhantes,”²⁹¹ detentor do poder no seringal, pois tinha dinheiro, fazendas e domínio sobre as terras do seringal. Juca Tristão, o prócere, caracterizado pela ganância, pelo anseio de lucro fácil, de imediatismo, e pela exploração humana como mostra o trecho:

Se comprava a doze mil-réis, mas era a seu Juca. A nós, ele dava cinco. Mesmo assim, houve negro que arranjou saldo. Pouco... Um pelega para queimar lá no Ceará e voltar logo pelo mesmo caminho. Mas, depois, a borracha começou a baixar, a baixar.... Hoje, está a cinco e seu Juca paga a metade. Eu não sei bem; eles, às vezes,

²⁹⁰ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 246.

²⁹¹ Cf. Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazónia*, Oliveira de Azeméis, Revista Portugal, 2001, p. 43.

dizem que ela está a cinco e lá em Manaus está a sete ou a oito. Assim um homem não levanta o cangote. Eu tenho estado sempre a dever. Não há maneira de me livrar desta conta!²⁹²

O trecho acima mostra o resultado de exploração posto a um dos seringueiros Firmino. Por sua vez, manifesta o seu descontentamento em função do sacrifício imposto pelo patrão Juca Tristão que, para além da exploração dura posta aos seringueiros, vendia os produtos aos seringueiros a um preço injusto em relação ao normal que se praticava em Manaus. Porém Juca Tristão desempenhava a função de patrão no seringal Paraíso, tal como afirmamos acima, concretamente com as funções instaladas em escritório: controlava e fazia registos de entrada de produtos (borracha) apresentadas pelos seringueiros, aplicava as regras aos seringueiros, encarregava-se de listar a distribuição dos bens alimentares entregue aos seringueiros para o sustento da “manada”, enquanto estes iam para a labuta. Desta forma, ainda tomava conta da mercearia, anotando os fornecimentos aos seringueiros que pagavam as suas dívidas com a produção da borracha. Por outro lado, os seringueiros nem sempre levavam as quantidades que queriam ou que o patrão desejasse. Pois eram controlados em relação às suas dívidas, que eram sempre maiores do que os saldos.

Assim, esta foi a forma escravagista a que os seringueiros eram expostos no intuito de assegurarem o seringal²⁹³. Quando estes tinham saldo positivo, eram-lhes fornecidas mercadorias, até aquele acabar. Porém, de imediato, o patrão dava-lhes outro saldo, pelo que gerava nova dívida e, desta maneira, os seringueiros eram condicionados; não poderiam sair do seringal. Caso o seringueiro não conseguisse o saldo, estes não eram atendidos, e logo, eram obrigados a caçar ou a pescar para não morrerem de fome, mas sempre com necessidade de autorização pelo Juca Tristão²⁹⁴. Este personagem vivia com o lucro e esforço dos seringueiros, que muitas vezes eram obrigados a endividarem-se para permanecerem nos seringais por muito tempo como num presídio onde nunca mais se livravam das dívidas. No seringal, a receção dos alimentos dependia da capacidade de trabalho que cada seringueiro apresentasse ao patrão. Assim, em muito casos, quando os seringueiros iam ao trabalho, Juca Tristão recreava-se após o uso da cachaça; quando se encontrava meio etilizado realizava a sua diversão com disparos aos jacarés à volta ao rio, e noutras ocasiões, com o seu rifle colocava uma laranja sobre a cabeça de um dos seringueiros, o negro Tiago, e realizava o disparo que muitas das vezes resultava em falhas²⁹⁵:

(...) Juca Tristão compreendia-os totalmente. Imperava, sorridos, e deixava-se adular. Podia beber em liberdade, dizer o que lhe aprouvesse, ser completamente ele, sem a enervante noção duma vaga inferioridade, como lhe sucedia quando estava ao lado de Guerreiro²⁹⁶.

²⁹² Cf. Ferreira de Castro, *A Selva*, p.95.

²⁹³ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p.46.

²⁹⁴ *Idem e Ibidem*.

²⁹⁵ Maria Adelaide Antunes de Brito Coelho, *A Selva do romance de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, p. 110.

²⁹⁶ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 217.

Juca Tristão era o torturador dos seringueiros. Inesperadamente, é Tiago, o velho negro, que força a resolução do conflito. Revoltado com o tratamento que Juca Tristão dava aos seringueiros e que lhe recordava os tempos de escravidão, pega fogo à casa do patrão. Juca Tristão morre no incêndio e encerrando-se assim a sua dura dominação sobre os seringueiros que estavam sujeitas a uma prisão quase sem fim no seringal paraíso:

A casa aviadora explorava Juca, ele, por sua vez, explorava os seringueiros, que eram, no fim, os únicos explorados. Juca podia, ao menos, protestar, enquanto que aos seringueiros nem sequer isso seria permitido²⁹⁷.

No trecho acima, pode-se observar um paradoxo entre patrão e trabalhador na medida em que mostra uma tarefa árdua que Juca Tristão dava aos seringueiros. Deste modo, vemos a postura dos seringueiros diante do patrão. Estes não tinham vozes para reclamar a dor do sofrimento, do esforço e do produto que traziam para Juca Tristão. Diante de tudo isso, a decisão, tomada pelo negro Tiago, de incendiar a casa veio dar solução e liberdade a muitos seringueiros que estavam presos na selva amazônica. Daí, se não fosse a ação executada pelo seringueiro Tiago, achamos que o sofrimento continuaria.

2.2.3. A senhora Yáyá

Antes de apresentar esta personagem, é importante ressaltar que a presença feminina no romance de Ferreira de Castro não ganha grande destaque. Na Amazônia, havia poucas mulheres, ou seja, as que ali viviam, estavam comprometidas com seus maridos. Por outro lado, a ausência de sexo feminino nesta região era normal dada a natureza a que eram expostos os seringueiros: condições de trabalho, de vida, alimentação, habitabilidade que não eram propícias à existência dessas figuras:

Os dois homens iam também silenciosos. Subitamente, porém, Alberto interrogou:
-Então aqui não há mulheres? Firmino respondeu com a humildade de quem desejava absolvição para a cena repugnante da tarde:
-Não; não há. Para seringueiro sem saldo, não há... Porquê?
-Porque seu Juca não quer.
-Ora essa! (...) Depois, se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. (...) O que o seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará²⁹⁸.

A citação acima mostra a realidade de vida dos seringueiros e a ausência de mulheres na região do seringal. Apenas o patrão tinha o poder e a liberdade de ter mulher em relação aos seus subordinados seringueiros. Portanto, das poucas mulheres que coabitavam ali, destacamos a Dona Yáyá, a única mulher branca no seringal, esposa do senhor Guerreiro, que segundo as características era uma mulher com:

(...) os olhos fixos no bananal que se erguia, cercado de jurubebas e embaúbas, na margem oposta do igarapé. Firmino tirou o chapéu e Alberto imitou-o, surpreendido

²⁹⁷ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 226.

²⁹⁸ *Ibidem*, pp. 110-111.

por aquele rosto de outonal beleza e vaga melancolia, ali onde tudo dir-se-ia elementar e inacabado²⁹⁹.

Segundo a narrativa, Alberto na ânsia dos seus desejos chega a desejar e seduzir a dona Yáyá, tudo como consequência do isolamento e ausência do sexo feminino na região, ou seja, o desejo sexual era causado pela ausência feminina; era maior de certo modo e incomodava os seringueiros durante muito tempo. Ausência de mulher no seringal, muitas vezes levava os seringueiros ao desespero que resultava por vezes na prática de relações sexuais com animais:

Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta³⁰⁰.

A citação faz alusão à cena levada a cabo por Agostinho para aliviar seus desejos sexuais através de uma égua. A princípio, o próprio Alberto, sendo um homem civilizado, não aceita essa prática zoófila. Contudo, com o passar dos tempos em meio daquele “inferno”, Alberto acaba por perceber a causa da aventura sexual feita pelo seu colega. Nesta narrativa, pode se perceber que o homem pode cometer uma loucura incrível diante de uma situação difícil na vida. No centro, temos Alberto um homem sociável, letrado, de educação elevado em comparação com seus colegas seringueiros. Dona Yáyá, ao longo da narrativa, podemos caracterizá-la como sendo uma das personagens figurante ou até mesmo terciária com poucos registos ao longo da narrativa, embora o seu marido, Guerreiro, apresente um caso diferente. Trata-se de uma senhora nobre, pelo seu papel de dona de casa. A sua função acontece quando toma decisão de acudir à situação delicada de Tiago, quando este mostra ser o responsável pelo incêndio e pela morte do patrão. É uma mulher que apesar de não viver na pele o sofrimento dos seringueiros, de certo modo, pressentia o sofrimento carregado pelos contratados até quando Tiago tomou a decisão de pôr fim a esse sofrimento e ter provocado um incêndio. Nesse ambiente de tensão, aparece a reação da mulher:

Dona Yáyá, de olhos angustiados, a cabeça toda desmelenada emergindo do camisação branco com que dormia quando Tiago soltara o alarme, mostrava-se já exausta em cada passo que dava. (...) Dona Yáyá julgara já dispensável o seu auxílio e, com a mão compondendo os cabelos desgrenhados, viera sentar-se, rendia, sob a sapotilha. Certo, também, da vitória, o senhor Guerreiro postou-se ao lado dela, seguindo dali os trabalhadores³⁰¹.

A reação de Dona Yáyá após Tiago ter incendiado o barracão, mostra ser uma mulher que para além do compromisso que tinha com seu marido e dos encargos de casa, pressentia desde muito cedo o sofrimento dos seringueiros, compreendia a verdadeira intenção dos seringueiros em “libertarem-se” da dominação de Juca Tristão. Daí, compreenderemos ao longo do romance que foi a favor da tomada de decisão de Tiago ao matar Juca Tristão. Como mostra o trecho abaixo do cenário bárbaro:

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 78.

³⁰⁰ Ferreira de Castro, *A Selva*, p.102.

³⁰¹ *Ibidem*, pp. 243-244.

Dona Yáyá, em novo desespero, levava as mãos à cabeça- e o senhor Guerreiro, subitamente indignado, ergueu-se num arremesso, estendeu os braços para o negro e sacudiu-o com furor:

-Miserável!

A mulher prendeu-se logo a ele, gritando, ampliando a confusão- Deixa-o! Deixa-o! Meu Deus, acudam! - e Tiago, violentamente impelido, foi embater no corpo do Elias³⁰².

2.2.4. Firmino

Firmino é caracterizado como um cearense mestiço, rosto comprido, dentes brancos de olhos acastanhados pretos, cabelos encaracolados³⁰³, a cabeça coberta com seu chapéu de palha, tipo artesanato de nomenclatura “capeline”, com sua vestimenta digno do seringal, botas compostas de borrachas adequadas para o seringal³⁰⁴. Esteve no seringal seis anos antes da chegada de Alberto ao Paraíso. Como tantos outros, estiveram no seringal motivados pelo sonho de riqueza fácil, não concretizado. Estabeleceu uma profunda relação de amizade com Alberto no seringal. É importante referir que no romance há muitas paisagens que ilustram a profunda amizade entre os dois seringueiros. Mas selecionaremos apenas alguns dada a extensão. Assim, Firmino tendo recebido Alberto, procurou sempre integrá-lo no seringal Paraíso. O cearense foi solidário com o seu novo companheiro, ao emprestar-lhe a sua vestimenta apropriada ao seringal, ao ensinar-lhe a arte de pescar, os principais segredos para se triunfar no seringal e ao expor-lhe as técnicas de extração do látex:

-Olhe, seu Alberto. Tira-se a tigelinha assim... Quando está alta, com cuidado para o leite não cair em cima do nariz.... Depois se derrame no galão. Está vendo? Mete-se dentro a ponta do dedo- assim- e se dá uma volta no fundo para tirar todo leite. Quando se acaba, se metem as tigelinhas uma nas outras e se põem todas de boca para baixo, em cima deste pau, como estavam quando nós viemos cortar. Compreendeu?

-Compreendi. Obrigado³⁰⁵.

A citação mostra o Firmino a ensinar as primeiras técnicas de extração do látex ao Alberto. O cearense ensinou o português a arte de cortar a árvore sem arrancar a casca e tirar o leite para a produção da borracha. A chegada de Firmino ao seringal foi numa época em que a exploração da borracha estava estável:

Quando cheguei ao seringal, ainda a borracha se comprava a dez e a doze mil-réis.

-Então muita gente enriquecia...

Se comprava a doze mil-réis, mas era seu Juca. A nós, ele dava cinco. Mesmo assim, houve negro que arranjou saldo³⁰⁶.

Firmino empenhou-se em instruir Alberto e ambos suportaram o sofrimento a que eram expostos no seringal. Mesmo assim, esses eram banalizados com uma vida dura no Paraíso. A forma como se relacionava com Alberto era num espírito de humildade, paciência e de

³⁰² Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 246.

³⁰³ *Ibidem*, p. 154.

³⁰⁴ Características extraídas do Filme *A Selva* do realizador Leonel Vieira, apresentada por costa do Castelo Filmes, S.A, 2002. Disponível na Biblioteca UBI. [Consult. Em 2017.11.09].

³⁰⁵ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 94.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 95.

familiaridade, consciente de que a vida no seringal era cada vez mais difícil, e predominavam nele a relutância e o sonho de abandonar o cativeiro selvático e voltar à sua terra natal a ver a sua família:

(...) Minha mãe morreu o ano passado. (...)
- Eu gostava dela! Era uma velha boa, o que se pode dizer boa! E o que mais me custa é que eu ouvia sempre as palavras que ela me disse quando saía para estes sítios: «Meu filho: até ao Dia de Juízo! Nunca mais te vejo!» (...). Desde que vim para o seringal, nunca vi a cor do dinheiro... Também tive um irmão. Não sei se é vivo, se morreu³⁰⁷.

Apesar de ter revelado ao Alberto sobre a morte de sua mãe; a atenção de Firmino não recaía apenas no Alberto, mas sim também no trabalho sobretudo na paciência que dava ao Alberto dada as dificuldades que este apresentava no seu novo cosmos. Ao fim da tarde, Firmino e Alberto, às vezes para se distraírem, tentavam pescar com um acordo mútuo “ao embarcar na canoa, feita de velho tronco, cavado ao centro, afirmara que se pescavam vários peixes saborosos naquela podridão”³⁰⁸. Realçamos que a forma como Alberto se integrava ao barracão começava a mudar o seu posicionamento em relação ao patrão e ao seu amigo. Assim, o sentimento de dignidade de Alberto refletia o sentimento de superioridade e de poder diante do patrão e de seu amigo. Nos tempos livres, Firmino incansavelmente com Alberto, participavam nas festas no seringal:

Alberto compreendeu que Firmino só não fora bailar também para não o deixar sozinho.
-Por que não vai?
-Depois.... Tenho tempo. E seu Alberto não dança?
-Eu, não, mas vá você. Por mim, não deixe de ir³⁰⁹.

No seringal para além da principal atividade, eram organizadas festas e noite adentro consumiam a “chicha e cachaça”³¹⁰ que deixavam os seringueiros na esperança e vã de dias melhores. Após Juca Tristão ter selecionado Alberto para o escritório, amizade entre Firmino e este esvaiu-se um tanto:

-Agora vão ficar, lá no centro, duas estradas sem seringueiras... Alberto estremeceu. Sim, era verdade, dali em diante Firmino seria a única existência humana na claridade de Todos-os-Santos. Noites e dias a sós consigo, sepultado na solidão, sem ninguém que o distraísse, sem ninguém partilhando a mesma vida, os mesmos perigos, sozinho e remoendo sempre os mesmos pensamentos, em condena e persistência de doido varrido³¹¹.

A citação acima mostra a tristeza de Firmino aquando o seu companheiro foi promovido para trabalhar no escritório. Firmino sentia-se sozinho, imaginava as estradas em que percorriam, os perigos que corriam, as práticas que tinham na extração do látex, a arte de pescar. Tudo isso resultou numa imensa solidão do cearense, sem ninguém para conversar, para partilhar a mesma vida e para distrair-se. A barraca tinha para Alberto um sentido de responsabilidade pela incumbência que lhe fora atribuída. Alberto sentia o seu espírito calmo

³⁰⁷ Ferreira de Castro, *A Selva*, p.95.

³⁰⁸ CASTRIANA, nº4, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, p. 29.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 128.

³¹⁰ Bebida típica do seringal. Muito utilizado pelos seringueiros.

³¹¹ *Ibidem*, p. 152.

pela mudança de funções e a esperança de dias melhores. Por outro lado, a ligação entre os dois se torna cada vez mais distante devido a promoção de seu companheiro:

Firmino ajudou-o depois, na luz turva do amanhecer, a pôr a mala sobre o boi. E, quando tudo ficou pronto, abriu os braços e rompeu a chorar.
-É para seu bem seu Alberto, mas eu tenho pena de ficar sem você...
-Também eu, Firmino! - E abraçou-o, confundindo com as dele as suas lágrimas fraternais³¹².

A relação entre os dois companheiros foi uma rotina habitual, visível na uniformização dos hábitos, que de certo modo veio abalar Firmino quando imaginava os bons momentos passados com o português. E com a partida deste de Todos-os-Santos, Firmino ficou mais isolado no seringal não conseguindo suportar aquela deportação. Firmino via a sua vida cada vez mais embrulhada, pois com quem desabafava os seus sufocos era com o português, o seu companheiro de longa caminhada. A reação foi recíproca para com o Alberto; evidentemente, ser-lhe-ia também difícil abraçar uma outra ocupação, pois o que estava em jogo no seio dos dois não era a mudança de atividade, mas sim na procura de estratégias apropriadas para poderem libertar-se do poderoso Juca Tristão, que havia muito os aprisionava no Paraíso.

2.2.5. Balbino

Balbino, “vulgo caçador de mão de obras,” “era um homem magro, alto, com seu fato branco e chapéu de palha na cabeça”³¹³, “de corpo alto e seco entrou na «Flor da Amazônia» mais rabioso do que nunca”³¹⁴. Tem como característica no romance a persuasão pela força da palavra enganosa cheias de promessas que jamais se cumpriam. Tinha como tarefa procurar e levar os seringueiros à Amazônia, que pudessem trabalhar na extração do látex. Não se importava com o destino a que eram submetidos aqueles pobres trabalhadores³¹⁵, que acreditavam no seu discurso, no intuito de melhorarem as suas condições de vida, para logo que fosse possível regressarem às suas terras. Muitos dos trabalhadores abandonavam as suas próprias famílias que não voltariam a ver.

Como salientamos anteriormente, as causas dos seringueiros aceitarem este desafio de irem para o vale do Amazonas eram a seca que se fazia sentir em grande parte do Nordeste do Brasil e a pobreza, constituindo assim o abandono de suas terras no sonho de riqueza fácil, mesmo com o medo das informações que reinavam sobre a região: as “febres”, as doenças endêmicas que pairavam sobre Amazônia. Desta forma, com essa prática, Balbino acabava por levar milhares de pessoas para um destino incerto, não desejado e forçado. Muitos descobriam mais tarde a realidade a que eram submetidos³¹⁶. Decerto, alguns acabavam por fugir, outros, arrependiam-se da contratação, pois quanto maior o número a

³¹² Ferreira de Castro, *A Selva*, p.154.

³¹³ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p.20.

³¹⁴ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 23.

³¹⁵ Abrahim Baze, *Op., Cit.*, p. 20.

³¹⁶ Idem e *Ibidem*.

contratar para o patrão, maior seria o pagamento para ele. Voltando ao que anteriormente já afirmamos da interação entre Macedo e Alberto que resultou na formulação do convite ao seu sobrinho para o seringal:

-Eu tinha pensado...É que está aí um seringueiro- o Balbino, aquele que anda sempre com charuto na boca- que foi ao Ceará buscar pessoal para o rio Madeira, Mas, ontem fugiram-lhe três homens...
Ora, eu pensei... Sim, talvez falando com ele tu pudesses...³¹⁷.

A citação, exposta mais uma vez, mostra claramente a formulação do convite feito pelo Macedo, ao protagonista da ação. Esta ação mostra aquilo que foi o papel de Balbino como recrutador de mão de obras. É importante referir que Balbino, apesar de possuir uma grande função no romance, apresenta poucos registros ao longo da narrativa. Ao longo do embarque Balbino não prestou atenção ao nosso protagonista, mesmo com o convênio estabelecido antes com Macedo. Predominou o silêncio e um Alberto pensativo:

flutuava um cheiro de redil e as primeiras náuseas sacudiam Alberto, incipiente naquelas andanças, quando surgiu, com passos curtos, olhos perscrutando à direita e à esquerda, o corpo gordalhudo de Macedo³¹⁸.

Balbino, por sua vez, a quem Macedo encomendara Alberto, sempre com seu charuto na boca, persistiu num silêncio total, uma interação invisível, sem prestar a devida atenção e solidariedade ao jovem. Aquando da chegada a Manaus, veio a ter reação ao encontrar o pessoal e ao não autorizar ninguém a desembarcar. Apesar da falta de interação entre o dois, Alberto mostrou a rebeldia. Acabou por desembarcar. No seu regresso, “entrou a bordo com a mesma facilidade como saíra”³¹⁹. À chegada destes ao Seringal, Balbino volta a encontrar-se com o seu “bando”, cumprimentando-os “com a rasa dum «tu» impregnado de superioridade”³²⁰. E assim “Balbino ia contando os homens e dando explicações a Juca Tristão”³²¹ Alberto, observando, pensava e:

Olhando o seu novo mundo olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem os escravos em plagas longínquas, quando a voz rude do pastor lhe recordou que também ele fazia parte do rebanho³²².

Após este ato, “esgotados os quinze dias da tradição, Alípio, Balbino e Caetano puseram-se a trotar por centros e varadouros, em análise aos progressos da nova récu a de «brados»”³²³. Viriam a inspecionar os seringueiros na região de Todos-os-Santos, onde encontraram Alberto e os demais seringueiros. Balbino preferiu as seguintes palavras ao Firmino:

-Como é que você deixa esse homem estragar os paus?
-Eu...

³¹⁷ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 26.

³¹⁸ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 35.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 61.

³²⁰ *Ibidem*, p. 72.

³²¹ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 70.

³²² *Idem e Ibidem*.

³²³ *Ibidem*, p. 101.

-Não pode ser! Isso não é cortar seringa nem nada e ele já tem tempo de saber! Esses portugueses e carcamanos, quando estão lá na cidade e precisam de nós, não têm vergonhas nenhum e fingem de mansos para os trazermos. Depois se tornam malandros e são traiçoeiros como surucucu³²⁴.

O cenário mostra o insulto e estereotipo do resultado da inspeção feita por Balbino especificamente ao Alberto, lamentando a inexperiência do jovem na sua nova atividade de seringueiro. Assim sendo, com estas palavras, “Alberto enrubescera e as suas mãos fecharam-se com o veemente desejo de castigar o insulto”³²⁵. Mas assim, Balbino foi persistindo, “encostado à égua, tirou o rifle que trazia às costas e lentamente pô-lo de través sobre o dorso do animal, com uma naturalidade deliberada”³²⁶. Com seu tom e poder autoritários volta ainda a acrescentar:

-Mas a mim não há malandro nem sem-vergonha que me ponha o pé no cangote! Quando eu voltar, quero ver como as coisas vão. Um homem tem pena desses bichos que dizem que sabem fazer tudo e depois estragam os paus, que até parece de propósito. Entendeu, Firmino? Até à volta...³²⁷.

Como vemos, aquando da inspeção dos trabalhos, Balbino prestou atenção sobre a evolução de Alberto e antes de terminar a sua missão de inspeção, e ir-se embora, deixou um recado de que no seu regresso pretendia encontrar melhorias na aprendizagem de Alberto. E este por sua vez, perante tais palavras:

Ficou imóvel, de encontro à porta, o olhar fixo no chão e no cérebro um vácuo enorme. Os raciocínios perdiam continuidade e lógica, sobrepondo-se, amalgamando-se confusamente, enquanto um insecto de muitas pernas, a deambular na parte do terreiro que os olhos dele abrangiam, parecia-lhe que vagueava sobre as suas próprias pupilas, ao sabor da indignação abafada³²⁸.

Alberto, conhecendo a ditadura de Balbino, ficou entristecido com a postura deste: caracterizado com o poder de pesporrência de ditador, de ânsia de ganância, de querer enriquecer-se com o sacrifício dos outros, viciado no ganho fácil e de humilhar aqueles que trabalham para si. Contudo, mesmo com o sofrimento que o português levava no seringal, a vontade de se livrar do seringal era grande, mas o fator dívida condicionava-o a não abandonar a região, mas sim, a permanecer por muito tempo no Paraíso, pois o lema era “trabalhar para alguém e endividar-se sempre.” Foi assim que Alberto viveu as imensas dificuldades do seringal Paraíso, as doenças, o isolamento e principalmente a dependência do patrão, que levava automaticamente o empregado a um trabalho árduo de escravo. Porém, Alberto, já havia decidido aquando da formulação do convite para o seringal:

-Eu irei atendendo tão somente à vontade do seu hospedeiro, pois, o seu coração não lhe pedia tal viagem, embora o hospedeiro tenha insinuado a conquista de novas terras, com possibilidades de grandes riquezas. Estava, naquele momento, a entregar ao próprio destino, ao padecimento da própria sorte, o jovem emigrante³²⁹.

³²⁴ *Ibidem*, p. 104.

³²⁵ *Ibidem*, respetivamente, p. 104.

³²⁶ *Idem e Ibidem*.

³²⁷ Cf. Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 104.

³²⁸ *Ibidem*, pp. 104-105.

³²⁹ Cf. Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 22.

Em certos momentos a consciência de Alberto vacilou, usava argumentos para contrapor à ideia do seu hospedeiro. Mas, motivado com o discurso de riqueza fácil, e como tudo era com propósito de ser convencido, Alberto aceita a bárbara aventura de ir para o “seringal Paraíso,” vivendo numa tremenda exploração de trabalho, em condições deploráveis por muito tempo. Porém, embora não fosse essa a vontade de Alberto, contudo, as “condições forçadas” obrigavam o jovem emigrante a aceitar o desafio formulado pelo seu hospedeiro a viver a realidade do seringal Paraíso. Se hoje Ferreira de Castro estivesse vivo, acreditamos que o teria ainda em sua memória, e narrava-nos tais factos vivenciado que justificaram a sua passagem nessa terra brasileira que hoje é o espaço privilegiado do nosso romance *A Selva*.

2.2.6. Guerreiro

Guerreiro como era tratado, desempenhava a função de guarda-livros no barracão. Podemos considerá-lo como um elemento em que Juca Tristão depositava toda a sua confiança. Era um homem de:

Rosto levemente solene, era homem simpático com aqueles cabelos a embranquecerem e sempre metido num dos seus pijamas às riscas, que só variavam na cor e o diferenciado de todos os outros habitantes do seringal, vestidos de mescla ou de brim³³⁰.

A citação acima, mostra as características do Guerreiro, o guarda-livros; era um homem assíduo no barracão na sua atividade de guarda-livros, era paciente, recebia honra e era reverenciado pelo Juca Tristão. “Tinha voz de pausa bondosa, involuntária, promotora do respeito que fruía, e trabalhava sempre de pé, junto à alta secretaria”³³¹. Guerreiro era solidário para com todos os seringueiros, pois era um homem sério, “honesto, de meia idade, era uma figura de respeito no seringal. Fácil de se expressar, dotado de brilhante inteligência, com muitos conhecimentos em contabilidade”³³². A propósito, dava explicações com bastante paciência:

Onde havia dúvida sobre a escrituração, Alberto consultava-o e ele expunha, pacientemente, todo o seu saber.
-Sim, é assim. Ou
-Venha cá, que eu lhe explico³³³.

Guerreiro estabeleceu uma relação saudável de amizade com Alberto, sobretudo nos tempos livres dialogava com o jovem e este por sua vez, admirava a sua atividade. Guerreiro “habitava no extremo no barracão, onde dispunha, para seu conforto, duma varanda privativa e cinco divisões espaçosas”³³⁴. Muitas vezes “o guarda livros mostrava-lhe afeiçoado no tom

³³⁰ Ferreira de Castro, *A Selva*, p.168.

³³¹ *Ibidem*, p.169.

³³² Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 61.

³³³ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 168-169.

³³⁴ *Idem e Ibidem*.

paternal do tratamento”³³⁵. À medida em que a relação de ambos se desenvolvia, Guerreiro procurava sempre soluções para proteger e ajudar o Alberto no seu sofrimento. Porém, quando o barracão pega fogo:

Dona Yáyá julgara já dispensável o seu auxílio e, com a mão compondo os cabelos desgrenhados, viera sentar-se, rendia, sob a sapotilheira. Certo, também, da vitória, o senhor Guerreiro postou-se ao lado dela, seguindo dali os trabalhos³³⁶.

Desta forma, “o incêndio recuava, finalmente, deixando grandes tições, fumegantes ainda, mas apagados, negros e escorrendo água”³³⁷. Aquando da morte do patrão, Guerreiro solidarizou-se juntamente com os outros seringueiros no combate ao fogo:

(...) o guarda-livros reagiu, porém, imediatamente. Vendo reunidos, junto do cajuzeiro, os cinco seringueiros, em atitude humilde de quem espera destino, pediu-lhes:
-Tragam um pouco mais de água. Encham esses barris, que ainda podem ser precisos. Depois comem³³⁸.

A atitude mostra que para além de reconhecer o seu papel de guarda-livros, Guerreiro foi também solidário na tentativa de salvamento do patrão ajudando os outros a combater o incêndio. Quando descobre o autor do incêndio, Guerreiro mais uma vez mostra-se ser um homem humilde embora estabelecesse boas relações com o patrão. Guerreiro ao descobrir que Tiago fora o autor do incêndio, trouxeram-no, mas sempre excitado o guarda-livros ordenou a João:

-Tire-o da minha frente! Tome conta dele! E agarrando nervosamente o braço de Dona Yáyá, com ele atravessou o grupo, a caminho da sua habitação. Devagar, Tiago seguiu rumo contrário indo sentar-se no cimo do barranco, encostado a uma palmeira. E aquietau-se no panorama nocturno³³⁹.

A ação do guarda-livros foi solidária ao juntar-se aos demais por uma causa justa, o “combate ao fogo”, mesmo sabendo da conduta desumana de Juca Tristão aos seringueiros.

2.2.7. Tiago

Tiago, o negro, também era tratado por “Estica”. Era um escravo que “nos dias de maior libação de conhaque, Juca não se dava por contente com alvo tão grande e tão fácil”³⁴⁰. Tinha característica de arrogante e “não acostumava responder às primeiras chamadas. Fingia não ouvir”³⁴¹. Algumas vezes, Tiago era tratado como instrumento de divertimento do patrão. Quando Juca Tristão pegava o seu rifle apontando aos jacarés, Tiago ficava consciente de que a próxima vítima seria ele. Percebendo os vícios de Juca, Tiago ficava consciente daquilo que o patrão queria. E logo, trazia a laranja que colocava na cabeça para Juca Tristão fazer os seus ensaios de disparos:

³³⁵ Idem e *Ibidem*.

³³⁶ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 245.

³³⁷ Idem e *Ibidem*.

³³⁸ *Ibidem*, p.245.

³³⁹ Ferreira de Castro, *A Selva*, pp.247-248.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 164.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 165.

- Ó Estica!
-Que é que você quer, patrão?
-Traz a laranja.

Então, o despojo humano, com gesto condescendente de quem se submete a leviandade infantil, pousou o terçado no rebordo da manjedoura e avançou ao encontro do amo³⁴².

Tiago foi várias vezes utilizado pelo patrão como um instrumento de diversão, humildemente já conhecia os vícios do patrão. A cena acima, mostra que o negro:

Deteve-se e pousou a laranja sobre a carapinha branca. De estrada ao meio, aberta por uma bala que lhe levara o couro cabeludo, numa tarde em que Juca Tristão não fora feliz na pontaria. Assim parado, de alvo na cabeça e pernas abertas para diminuir a estrutura, era como pim-pam-pum de feira, exposto a irrisão do público³⁴³.

O negro vivia na dependência de um vício: o consumo excessivo de bebida. A sua vivência era isolada dos demais seringueiros. A sua figura física era caricatural: “tinha sorriso alvor sobre a negridão da boca sem dentes e os seus olhos muito brancos, todas as linhas do seu rosto, dir-se-iam pintados em pano que vestisse um fantoche de palha”³⁴⁴. Será ele que provocará o desenlace da narrativa, justificada nos maus tratos do patrão: o incêndio do barracão. Utilizado como peça de um espetáculo proporcionado pelo patrão, coube-lhe a ele a destruição do palco de uma vida sem sentido:

Tiago que passava perto, em direitura ao igarapé. Levava cara alegre e ia trauteando, pastosamente, numa monótona canção. (...) Firmino, de Manduca, de Romualdo, de todos os outros, de todos que lhe chamavam «Estica» Ficou-se a segui-lo com a vista e nunca, com agora, o velho negro (...)³⁴⁵.

O trecho mostra a iniciativa do negro Tiago, em incendiar o barracão, na tentativa de livrarem do sofrimento. Tão facto foi almejado quando:

Os gritos repetiam-se, arrastavam-se móveis, havia gente correndo na varanda e agora, ali, por detrás da porta, a voz de Tiago chamava:
-Seu Alberto! Seu Alberto!
- An Que é?
-Se levante, seu moço! O barracão está a arder. Ouviu?
-O quê? O barracão está arder?
-Está, está! Olhe esse judeu. Que se levante também. Não se demorem!³⁴⁶

O incêndio significa o fim do cativo e da exploração levados a cabo por Juca Tristão, que ali será justamente condenado um inferno em terra. O assumido juiz e carrasco foi o negro Tiago, não pactuando mais com a situação como os outros que ainda querem salvar Juca Tristão e o seu cenário:

-Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei o fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair... (...)
-Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou.... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura...³⁴⁷.

³⁴² *Idem e Ibidem.*

³⁴³ *Ibidem*, p. 166.

³⁴⁴ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p. 166.

³⁴⁵ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 238.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 241.

³⁴⁷ Ferreira de Castro, *Op., Cit.*, p.246.

Desta maneira, estranhamente, Estica, frugal, sobreavisa todos moradores do seringal Paraíso do fogo que tinha posto no barracão e tudo se consumava. Esta foi a única via para se libertarem do poderoso Juca Tristão, que fazia a sua vida, aproveitando-se do sacrifício dos seringueiros que tantos lutavam para se libertarem do patrão e abandonarem a terra, na qual viam as suas absolvições cada vez mais longe naquele inferno verde que se tornou de fogo para o seu promotor.

2.2.8. Agostinho

É o mais baixo dos seringueiros, “cor achocolatado” de cabelos loiros. Era um homem de pouca intervenção ao longo do romance³⁴⁸. O destaque sobre ele recai quando consuma o seu desejo sexual com uma égua e quando mata Lourenço pelo facto deste lhe ter recusado a sua esbelta filha para satisfazer os seus anseios sexuais. Agostinho mantinha uma boa relação com Alberto, Firmino e os outros seringueiros. Já abordamos a questão da ausência feminina como principal razão para os atos reprováveis de Agostinho, designadamente a morte da filha de Lourenço e a sua conduta zoófila:

Entraram, por fim, na barraca e, tendo Firmino abatido uma cotia, entregaram-se à sua estripação. Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta³⁴⁹.

Como ressaltamos atrás, a ausência de mulher no seringal levava os seringueiros a praticarem relações sexuais com animais. Alberto vendo isso chamou “Firmino! Firmino!...olhe...não há mulher...que vai um homem fazer aqui?”³⁵⁰. Um outro caso de episódio de anseio sexual aconteceu quando Alberto se mostrou apaixonado: estava em frente da casa de Juca, na margem oposta do igarapé, numa das janelas estava uma bela mulher com o seu lindo busto debruçado e com o olhar firme no bananal. A beleza da mulher chamou a atenção de todos. Alberto, ainda surpreendido, pergunta: - Quem é esta senhora? Firmino, por sua vez, responde é Dona Yáyá, esposa do gerente³⁵¹. Porém, continuaram com a caminhada. Muitas vezes, na estreita passagem pela mata virgem, tinham dificuldades em caminhar, pois em determinados lugares apodreciam enormes árvores que se estendiam pelo caminho, fechando assim a passagem e, naturalmente obrigavam o grupo a cortá-las, para seguirem a viagem. Certo dia, Alberto e Firmino resolvem ir ao Igarapé-Açu³⁵². Era uma viagem longa, de várias horas a remar. Chegado lá, descobrem a tragédia: Agostinho havia assassinado Lourenço, cuja esposa chorava inconsolavelmente a perda do marido:

Toda aquela gente se aproximava, rodeando a Firmino e Alberto
-Não o viste?

³⁴⁸ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 28.

³⁴⁹ Ferreira de Castro, *A Selva*, pp. 102-103.

³⁵⁰ *Ibidem*, p.103.

³⁵¹ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 48.

³⁵² Nome tradicional brasileiro em tupi “significa caminho de água” dos numerosos braços de rios e canais que se entrecruzam no labirinto hidrográfico amazonense. [Emery, 2016: 48]

-Mas que sucedeu?
-É que matou o Lourenço!
Menos surpreendido do que os outros, Firmino hesitou um instante:
-Foi para o mato...-respondeu, por fim. (...) ³⁵³.

Com a morte de Lourenço, Agostinho tinha intenção de resgatar a filha do malogrado para completar os seus anseios sexuais: “- aquela moça é a filha do Lourenço. É com ela que o Agostinho quer casar... Com aquela? Mas se é ainda criança!” ³⁵⁴ Em diante, os dois seringueiros puseram-se a caminhar:

Alberto e Firmino acercaram-se. Lourenço jazia sobre uma esteira, no pequeno terreiro, e do crânio fendido saía a massa encefálica. Mão piedosa havia-lhe limpo o rosto. Tinha os olhos abertos, como que parados num último assombro; e os curiosos mais propensos a afeição reconstituíam ainda, no último jeito dos seus lábios, a ternura, feita de ignorância e de renúncia, com que recebia os seringueiros em dia de sorte no lago ³⁵⁵.

É importante aferir que Lourenço não foi seringueiro ou seja, não trabalhava na extração do látex. Habitava aí por muitos anos. Já demarcara uma grande área, mas ia vivendo, unicamente da pesca e da caça. A sua vida era limitada na sua barraca e tinha uma canoa como meio de subsistência, vivendo com ajuda da sua mulher. Lourenço e a sua esposa eram testemunhos oculares do sofrimento de tantos homens oriundos dos estados do Maranhão, Pernambuco, Ceará e dos lugares mais próximos ³⁵⁶. Foi assim que Ferreira de Castro testemunhara e traduziu o comportamento do caboclo Lourenço: “-Testemunhara a chegada de infelizes e desprotegidos, mas diligentes e cobiçosos; via-os, com indiferença, ocuparem a terra dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivessem ali para o seu regado” ³⁵⁷. Salientamos ainda que a presença de índios na região se fazia sentir. Alberto, estando no seringal, foi informado da presença de índios na área. Firmino, sem nada omitir, conta-lhe um acidente com Feliciano:”-O mês passado, os índios vieram ao centro e levaram a cabeça dele. É por isso que esta estrada está sem fregruês e você vai para lá” ³⁵⁸. Assim sendo, realçamos a total entrega de Agostinho ao longo da narrativa numa sequência de cenas tristes e desumanas que Ferreira de Castro mostra para além de narrar o seu sofrimento, as cenas chamam-nos atenção para as “contra-práticas” de zoofilia e de homicídio que não dignificar a imagem humana.

2.2.9. Caetano

Caetano, capataz do lugar onde se situava o seringal Paraíso, tinha como uma das funções indicar aos novos seringueiros os seus lugares no trabalho de extração do látex.

³⁵³ Ferreira de Castro, *A Selva*, p.139.

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 128.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 140.

³⁵⁶ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 66.

³⁵⁷ *Idem e Ibidem*.

³⁵⁸ *Ibidem*, pp. 50-51.

Caetano procurou integrar Alberto no seu trabalho. Desta forma, o capataz ia dando destino aos novatos. Diante de Juca Tristão, Caetano perguntava sempre: - O que se deve fazer com o português? Balbino foi consultado. Caetano vivia dentro de si uma mágoa de não ter ido ao Ceará e responde em defesa da raça lusitana: -Você não conheceu o comendador Gonçalves, do Pasto Grande? -Era português e foi seringueiro!³⁵⁹. Alberto, muitas vezes, se interrogava e avaliava qual fora o seu preço visto que a sua aprendizagem na arte de extração do látex foi graças ao seu companheiro de caminhada, Firmino. Diante disso, Juca Tristão interviera sempre na conversa com o capataz Caetano:

-Vai experimentar o homem, e vê para onde deve ir trabalhar, se para Baiassu ou Laguinho! Balbino dá a sua opinião: - acho melhor entregá-lo ao Firmino, e logo veremos para que serve o português!³⁶⁰

A citação elucida que Alberto teve uma aprendizagem árdua, não fácil. Veio ao seringal como uma “tábua rasa” desprovido de tais técnicas. Desta maneira, Caetano e Balbino responsabilizavam-se em vigiar o português para este fazer a sua aprendizagem. Facto curioso, Alberto foi entregue ao Firmino para instruí-lo. Neste sentido, não aprofundaremos esse cenário por ter poucos registos ao longo do romance; embora, de alguma forma, apresentemos a sua postura ao longo da narrativa: ágil, pontual e obediente.

Olhando ao ambiente de diversão no seringal, em cada final de semana, em especial aos sábados e aos domingos, sob efeito da cachaça, os seringueiros organizavam grandes festas por exemplo, festivais de “Boi-bumbá” ao som de sanfonas, zabumba (tambor grande), pandeiros e cascalhos, instrumentos bastantes conhecidos pelos nordestinos³⁶¹.

Nesse ambiente festivo, os seringueiros ficavam até de madrugada, embora em tais festas, a presença das mulheres se fizesse sentir em menor número. Nessas comemorações, os seringueiros aderiam a festas com objetivos de conquistarem aquelas que ali apareciam. Desta forma, aqueles que conseguiam conquistar, tudo começava por uma carícia e terminava em sexo como meio de satisfazerem o tão almejado desejo que a muitos assolava. Para os que não conseguiam mulheres tinham como refúgio embriagar-se³⁶². Por consequência, no trajeto da festa, Alberto inicia um diálogo com Firmino e a sua curiosidade era enorme: os seringais são todos assim? Todos os patrões são como Juca Tristão? Ele percorre todos os centros? E logo Firmino responde-lhe: Patrão pior, patrão melhor! É sempre a mesma coisa! Uns produzem mais leite, outros menos!³⁶³ Toda esta conversa que Alberto levava com Firmino resultava em saudades do seu país e da sua casa, especialmente de sua mãe, onde chegava até a exclamar: “-Se a minha mãe soubesse o que aquilo era! Ah! Se ela não houvesse mentido nas suas cartas!”³⁶⁴ Visionava a sua mãe com o vestido negro da viuvez, precocemente envelhecida, com as costas já abauladas, mas confiando sempre nele, ansioso

³⁵⁹ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 45.

³⁶⁰ *Idem e Ibidem*.

³⁶¹ Abrahim Baze, *Op., Cit.*, p. 64.

³⁶² *Idem e Ibidem*.

³⁶³ *Ibidem*, p 65.

³⁶⁴ *Idem e Ibidem*.

por ver um dia o seu filho “especialista em Direito” cumprindo assim o seu desejo e do seu marido: de ter um filho com esse orgulho na família. Alberto enquanto estava no seringal, nunca pos de parte o pensamento de um dia regressar a casa encontrar-se com a sua mãe e toda família.

Dado é assim que repetia sempre na sua memória as palavras de sua mãe desabafando com seu companheiro de caminhada. Com forte dor e lembrança da família em Portugal e, sobretudo da sua formação em Direito, que fora interrompida, Alberto na selva, parecia um homem sem destino certo, sem hipótese de regressar, vendo assim cada dia o seu sonho mais longe, e sentia-se entregue ao próprio destino que nunca pensou e nunca escolhera para si.

2.3. Ferreira de Castro: *A Selva*, a consagração literária e o prestígio internacional

Não é habitual a estreia dum romancista em Portugal conseguir tão unânimes aplausos como a do autor de *A Selva*. Ferreira de Castro, com apenas dezoito anos, edita *Criminoso por Ambição* em 1916, em plena selva Amazónica³⁶⁵. É um dos raros escritores portugueses que começou a sua carreira muito cedo com os seus dezasseis anos e sem formação adequada. Todavia é com o romance *A Selva* que o nosso autor se consagrou como homem de letras. *A Selva*:

Entrava no prelo justamente na ocasião em que a Imprensa de Portugal tornava pública a honrosa projeção da obra de Ferreira de Castro, informando que o romance *Emigrantes* estava a ser traduzido para o italiano e para o espanhol. Decorriam estes factos em fevereiro de 1930³⁶⁶.

No romance, Ferreira de Castro expõe o seu passado pela experiência traumática que teve na região dos seringais. A obra, publicada em 1930, é acompanhada de um estrondoso êxito nacional e além-fronteiras quando a literatura portuguesa pouca expressão tinha nos meios editoriais e internacionais³⁶⁷. O autor abriu novos horizontes na sua carreira literária no desenvolvimento do género de romance em que a realidade e a emoção se fundem numa expressão ao mesmo tempo forte e plena de simpatia humana que constitui uma das suas características fundamentais. Quem conhece Ferreira de Castro sabe que a piedade humana, que vibra em cada uma das suas páginas, não é um simples recurso literário e muito menos um artifício do seu talento de escritor, esse mesmo amor e compreensão vivem no romancista e traduzem a sua força, a sua riqueza e o seu tormento, e iluminam o traço mais fundo da sua personalidade³⁶⁸. Em alusão ao romance, Jaime Brasil reconhece que:

³⁶⁵ Cf. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p. 43.

³⁶⁶ Alberto Moreira, *Ferreira de Castro antes da glória*, p. 166.

³⁶⁷ In Centro de Estudos Ferreira de Castro, «*Bibliografia-Resenha Bibliográfica*» Salgueiros, 3720-189, p.2.

³⁶⁸ Idem e *Ibidem*.

[...]. De todos os países onde a sua obra é lida nos chegam, constantemente, demonstrações da mais veemente admiração. A crítica francesa, por exemplo, consagrou-o como um dos nomes mais prestigiosos da literatura mundial. [...] ³⁶⁹.

Ainda na senda de reconhecimento e elogios da dimensão das obras de Ferreira de Castro, o crítico literário Álvaro Salema, afirma sobre o autor de *A Selva* que:

[...]. Os seus livros não são apenas uma expressão do mundo em que vivemos, entre inquietações e esperanças: são também uma força da existência a construir- da existência que desejamos mais generosa, mais humana e mais humanamente criadora. [...] Ferreira de Castro desvendou com *Emigrantes* e logo a seguir com *A Selva*, um novo roteiro para a criação literária no romance, na novela e no conto [...] ³⁷⁰.

Os maiores elogios destacam sempre a originalidade do autor e da sua obra, a forma perfeita e a limpidez exemplar em que esta foi realizada. De facto, o nosso autor distingue-se no seio dos escritores portugueses. Nas suas obras, não se verificam a opulência verbal, nem os rodeios, como nas de Saramago, que rompe com alguns princípios gramaticais. O autor representa a natureza na sua intensidade e o homem em sociedade sem particulares artificialismos. Ferreira de Castro tinha trinta anos ao escrever *A Selva*, em plena formação intelectual. Realizou uma obra que mereceu recepção, opinião e crítica a nível mundial das mais altas personagens sonantes da literatura portuguesa e do mundo. O autor trazia *A Selva* no ventre quando regressou do Brasil. Blaise Cendrars diz que o romancista escrevera esse livro “pour se libérer d’une hantise” ³⁷¹.

Por outro lado, o esforço e a aspiração da escrita desse romance levaram o autor a recordar as dores vividas aquando da sua passagem pelo seringal Paraíso. Porém, há de dedicar o romance à figura de uma mulher, que foi para ele companheira, mãe e irmã, a escritora Maria Eugénia Haas da Costa Ramos que teve o nome literário de Diana de Liz ³⁷². Este nome tornar-se-á ainda mais relevante com a publicação dos dois livros póstumos, *Pedras Falsas* e *Memórias duma Mulher da Época*, publicação que o escritor promoveu e nome que se inscreveu no alto da primeira página de *A Selva*, numa merecida homenagem à dor pela perda, mas escrito sobre a égide do amor, publicado em finais de abril de 1930, um mês depois da morte de Diana de Liz ³⁷³. Durante os dois anos, após a morte da Diana de Liz, Ferreira de Castro transforma-se num autêntico corpo sem alma. Em certos momentos de desespero, vacilava à beira do suicídio como consequência do trauma do passamento físico de Diana de Liz ³⁷⁴. Todavia, o autor soube controlar a emoção mantendo consigo o lema “em frente é o caminho” resistiu à tentativa de homicídio e libertou-se da obsessão dolorosa quando a Editora Verbo deliberou dar sequência à publicação dos seus romances com destaque para *Eternidade*, um protesto contra os absurdos da existência e transposição em narrativa do seu drama íntimo. Tal facto, trouxe ao autor uma reviravolta muito grande e motivação para a continuidade da sua carreira literária que estaria comprometida com a

³⁶⁹ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a Obra e o Homem*, p. 48.

³⁷⁰ *Apud.* Ricardo António Alves, *O comércio do Porto*, Porto, 1953, p.3.

³⁷¹ *Idem e Ibidem*.

³⁷² *Ibidem*, p.49.

³⁷³ *Ibidem*, p.51.

³⁷⁴ Jaime Brasil, *Op., Cit.*, p. 49.

morte de Diana de Liz. Desse modo, o êxito das obras de Ferreira de Castro, que em Portugal atingiram uma das maiores tiragens, não representa nenhuma transigência literária, visto que o escritor nunca utilizou nenhum artifício para alcançar esse raro triunfo³⁷⁵. Mesmo estando no meio dos melhores ficcionistas portugueses do seu tempo que usavam abundantemente do sarcasmo e da ironia, o seu sucesso não resulta de tais expedientes. Muitas vezes, Ferreira de Castro foi chamado a concorrer ao prémio Nobel e a cargos políticos, mas sua honestidade e esforço de trabalho fizeram-no recusar tais condecorações, mostrando ser um homem lutador, denunciador das injustiças humanas para o bem do seu povo, colocando de parte todas essas homenagens e ofertas.

Ferreira de Castro despertou interesse no seio dos escritores de língua portuguesa dada a larga circulação da sua obra. A expansão das suas obras em países muito distantes de Portugal, fizeram com que atingisse fama idêntica à de Luís Camões pela admiração que mereceram e não por simpatia de lusófilos estrangeiros ou por imposições partidárias, mas pelo valor literário e humano da dimensão das suas obras³⁷⁶. Na verdade, o país nunca produzira, antes da época do autor, um romance com esse pendor universal, a dimensão da obra *A Selva*. Com a *Eternidade*, publicado em 1933, acaba por fechar aquilo que podemos considerar o ciclo da parte memorialista da obra do escritor. A continuação permitiu-lhe abordar os principais problemas que afligem o ser em sociedade: a miséria, a desigualdade social, a degradação moral e o declínio moral. Como salientamos acima, o alargamento das suas obras em países longínquos de Portugal, pela cultura, pela língua, pelos costumes e pela mensagem que trazia, constituem indicadores que merecem análises e reflexões até aos nossos dias. É obvio que, na época, outros escritores portugueses foram traduzidos em diversas línguas, mas casualmente, quer em pequenas edições, quer por vaidade dos próprios autores ou da curiosidade de alguns amadores de estrangezas. Na verdade, o primeiro a ser promovido e divulgado em grandes casas editoriais estrangeiras, em tiragem destinadas a um enorme público, a ingressar, portanto, no circuito da literatura internacional foi sem dúvidas Ferreira de Castro³⁷⁷. A qualidade das suas obras justificou este prestígio universal³⁷⁸.

2.4. O Epílogo do romance

A narrativa de *A Selva* encerra com um momento simbólico: o incêndio provocado pelo negro Tiago remete ao género apocalíptico de destruição e morte, antes de uma nova vida. O fogo para nós simboliza o “fim do sofrimento”, da escravatura de todos os seringueiros que estavam lacrados em uma selva quase sem saída. Por outro lado, o incêndio simboliza também a punição severa de Juca Tristão. Portanto, a existência do fogo significa

³⁷⁵ *Ibidem*, p.49.

³⁷⁶ *Ibidem*, p.60.

³⁷⁷ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, a obra e o homem*, p.60.

³⁷⁸ Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento 1898-1998*, pp. 15-16.

liberdade: “se estivesse no tronco, como tu, o feitor que me batia lá no Maranhão, eu também matava a seu Juca. Negro é livre! O homem é livre!”³⁷⁹. O trecho mostra o desabafo do Tiago após ter incendiado o barracão onde se encontrava o Juca Tristão. O promotor avançou ainda ao proferir as seguintes palavras: “- Me mande matar, se quiser, seu branco. Eu já sou muito velho e não preciso de viver mais...”³⁸⁰ Com essas palavras, Tiago pede para ser preso e mostra-se mesmo disposto a morrer, visto que, dada a sua idade, já não atribui qualquer valor a sua vida³⁸¹. Com isso, a saudade de voltarem a ver suas famílias e o regresso às suas terras natais era visíveis e enormes antes de morrerem no seringal. Firmino revelou isso: “se morrer, morri. Se não morrer...o que eu quero é voltar para o Ceará. Sempre que penso na minha terra, sinto uma coisa, aqui, na garganta...”³⁸². Foi assim que Ferreira de Castro, humilhado, cansado da obediência escravizadora, mostra ao mundo o seu passado e a sua coragem. Com esse sofrimento, Ferreira de Castro tinha horror em recordar a selva amazônica. E um medo doloroso o impedia de escrever algo sobre a região, como confessa: “foi também por isso que durante muitos anos tive medo de revivê-las literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá reabriam, com pequenos machados, no ministério da grande floresta, as chagas das seringueiras”³⁸³. Assim, ainda jovem, mas consciente das acritudes vividas no seringal Paraíso, e em nome de todos seringueiros ainda o têm na memória:

Foi à uma hora da noite, a noite densa, quente e húmida de 28 de Outubro de 1914, que parti do seringal onde decorre este livro, lá longe, nas margens escalavradas do Madeira, que nenhuma estrela, então, alumiaava³⁸⁴.

O nosso autor mostra a sua insatisfação em nome de todos aqueles que tombaram, sofreram e lutaram para se livrarem das mãos do poderoso Juca Tristão. Na sua resplandecência mocidade, Ferreira de castro mostra ao mundo a sua capacidade de liderança humanística, o seu poder literário que talvez a fraqueza dos homens nordestinos o tenham estimulado a tomar esta atitude³⁸⁵. Ferreira de Castro é um dos nomes consagrados do cânone da literatura portuguesa do século XX, pela dimensão de suas obras e qualidade de sua escrita. O que caracteriza as obras de Ferreira de Castro é a incidência do bom gosto estético na observação filosófica dos factos e dos indivíduos, levada a um grau de conclusão e apuro exatos, que faltam à maioria dos outros escritores de sua época e não só, a trilharem o caminho por onde ele passou, seguido, sem um desvio, sem uma tergiversação e sem uma falha. As suas obras, acarretam consigo exemplos de vida e não há um gesto, um vinco de fusionismo que não atinjam uma verdade irrefutável³⁸⁶. De facto, nas obras de Ferreira de

³⁷⁹ Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 247.

³⁸⁰ Idem e *Ibidem*.

³⁸¹ CASTRIANA, nº 1, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, p.90.

³⁸² Ferreira de Castro, *A Selva*, p. 95.

³⁸³ *Apud*. Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento 1898-1998*, p.59.

³⁸⁴ Ferreira de Castro, *Pequena História de A Selva*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

³⁸⁵ Abrahim Baze, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazônia*, p. 32.

³⁸⁶ Jaime Brasil, *Ferreira de Castro: A sua obra com uma biografia inédita*, p. 41.

Castro, é visível a elevação moral e o acento em uma humanidade em que acredita apesar dos constrangimentos sociais e outros que a condicionam. Nas obras de Castro, ainda se verificam:

A espontaneidade que nasce da scena real da existência, sem qualquer assomo de artifício, sem clangores de retumbâncias festivas, nem estilizações frívolas de colorismos doentios e insinceros. É, uma obra feita de justeza, de equilíbrio, de calma e objetivação e dela fica a semente a lançar à terra em futuras colheitas de análise sentimental, em próximas depurações de psiquismo e de vibracionismo íntimo.³⁸⁷

Há exemplos de tristeza e mágoas, deixados em Ferreira de Castro nas suas obras, mas para delas sair em atos de libertação, individuais ou coletivos como acontece em *A Selva*.

³⁸⁷ *Ibidem*, p 42.

Capítulo 3: Análise discussão e interpretação dos resultados do inquérito

Encerramos a nossa dissertação com a conferência da receção do autor Ferreira de Castro e da sua obra, objetivo primordial do nosso trabalho e incentivo à sua inserção nos programas de literatura e cultura portuguesa tanto na universidade onde o inquérito foi lançado como em outros espaços angolanos.

3.1. População e amostra

O universo da pesquisa considerado para esta investigação envolveu, como já foi referido, quarenta e um alunos do terceiro ano do curso de Linguística/Português. Logo, neste capítulo apresentamos, analisamos e discutimos os resultados obtidos ao longo do nosso trabalho de investigação que se estabelece na recolha de dados a partir de um inquérito por questionário constituído por sete questões de natureza direto-aberto, aplicado aos alunos. Cervo e Bervian afirmam que “não existe uma dimensão padrão para amostra”³⁸⁸. Assim, o estudo em abordagem dentre outros aspetos mencionados foi direcionado a uma população de quarenta e um alunos e a um professor que nos apresenta a sua visão sobre Ferreira de Castro bem como, de suas obras na perspetiva da Universidade Katyavala Bwila. Este é o responsável das unidades curriculares anteriormente mencionadas. O professor aborda Ferreira de Castro na classe académica angolana e a forma como foram rececionadas as suas obras no contexto angolano. Os dados são analisados de maneira descritiva com abordagem qualitativa e quantitativa. Decerto, o instrumento de medida foi elaborado quanto ao plano traçado.

O inquérito compõe-se de sete questões de natureza direto-aberto. Em alguns casos, os alunos apresentaram as suas explicações acerca do nosso autor e do romance *A Selva*. Todos os resultados apresentados, no presente estudo, referem-se aos dados proporcionados pelo inquérito, os quais foram objeto de tratamento estatístico por via do Excel 2016. Quanto a algumas questões colocadas, tivemos como amostra representativa pelo facto de os nossos alunos terem correspondido às questões que lhes foram formulados. Noutra caso, as amostras não foram consideradas representativas pelo facto destes desconhecerem o autor e suas obras. Relativamente à amostra e como é sabido, não existe um tamanho de amostra padrão; de facto, as características da amostra dependeram das questões colocadas e do interesse dos nossos alunos em conhecer o autor e na aceitação da nossa proposta. Na composição das amostras, sua interpretação e apresentação, utilizamos o método estatístico que, achámos de

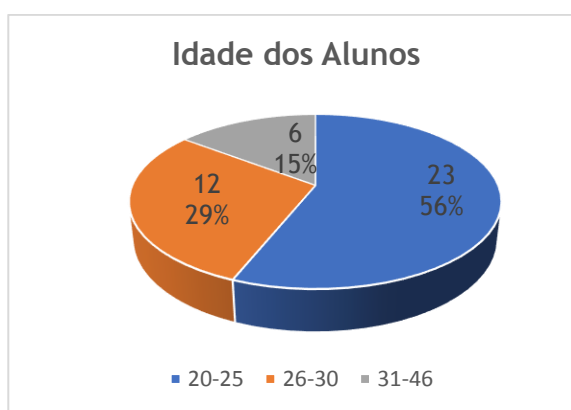
³⁸⁸ Cf. Armando Luiz Cervo e Pedro Alcino Bervian, *Metodologia Científica*, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1981, p. 38.

maneira sucinta, a cada questão, elaborar uma tabela e o respetivo gráfico na qual apresentamos abaixo:

3.1.1. Tabela nº 1-Idade dos alunos

| Idade | Frequência |
|-------|------------|
| 20-25 | 23 |
| 26-30 | 12 |
| 31-46 | 6 |
| Total | 41 |

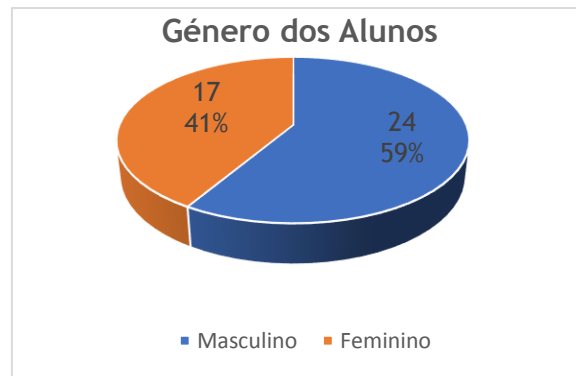
Fonte: adaptação própria



A tabela 3.1.1. e o gráfico acima mostram um equilíbrio quanto a idade dos nossos alunos. Verifica-se que a média da idade dos alunos é de 20 a 25 anos. Este indicador é bastante interessante se considerarmos o facto de que se trata de uma faixa-etária jovem a frequentar o ensino superior. Em consideração atual realidade do ensino superior em Angola, a maior parte conclui a licenciatura com trinta anos de idade. Outros ingressam tarde ao ensino superior, com idade acima dos 40 anos, dada a falta de oportunidades, em virtude de no passado estiveram engajados ao conflito armado e, outros ao serviço militar obrigatório que assolou Angola no período pós-independência.

3.1.2. Tabela nº 2- Refere-se ao género dos alunos

| Sexo | Frequência | Porcentagem |
|-------|------------|-------------|
| M | 24 | 59% |
| F | 17 | 41% |
| Total | 41 | 100% |



Verifica-se na tabela 3.1.2. e no gráfico um equilíbrio quanto ao género. Dos nossos inquiridos, 59% são do sexo masculino e 41% do sexo feminino. Este resultado mostra que a turma do terceiro ano de especialidade Linguística/Português do ano letivo 2018, é composta por maioria do sexo masculino. O resultado obtido difere da atual realidade angolana, onde a maior parte das turmas do ensino geral e superior é composta por maioria do sexo feminino. Confirma-se o tal facto no Censo Geral da População de 2014, em que define 52% da população angolana é composta por mulheres³⁸⁹. E como salienta Fernandes, “o género numa investigação propriamente dita não interfere nos resultados, pois não tem grande relevância na apresentação das amostras”³⁹⁰.

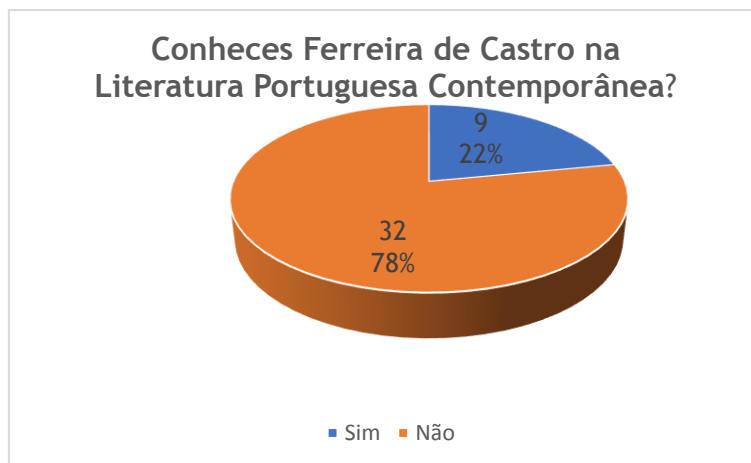
3.1.3. Tabela nº 3- Conheces Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea?

| Respostas | Frequência | Percentagem |
|-----------|------------|-------------|
| Sim | 9 | 22% |
| Não | 32 | 78% |
| Total | 41 | 100% |

Fonte: adaptação própria

³⁸⁹ Ver os resultados definitivos do recenseamento geral da população e habitação de Angola 2014, na página 31. Disponível em: <http://www.embajadadeangola.com>.

³⁹⁰ António José Fernandes, *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*, Porto, Porto Editora-Coleção Educação, 1994, p. 173.



Os dados ilustram que 22% conhecem Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea e 78% não conhecem o escritor. É um resultado bastante significativo se considerarmos o nosso objetivo que consiste em levar a imagem de Ferreira de Castro e das suas obras em particular o romance *A Selva*, à classe estudantil angolana. Portanto, com o número ínfimo, devemos apostar no programa de Literatura Portuguesa, na inserção das suas obras bem como de outros autores que reputamos serem importantes para compreensão da Literatura Portuguesa do século XX, como recomendação. Lendo Ferreira de Castro, compreenderemos como era Portugal nos séculos anteriormente citados e, como este revitalizou o romance português do século XX, pois “é grande a importância do autor dado que, no século XIX, Portugal não tinha romance”³⁹¹ de circulação universal. Com a publicação de *A Selva*, levou o conhecimento de suas obras ao mundo.

3.1.4. Tabela nº4-Que livro de Ferreira de Castro já leu?

| Títulos/Obras | Frequência | Percentagem |
|------------------------------------------|------------|-------------|
| <i>Criminosos por Ambição</i> (1916) | 0 | 0% |
| <i>Mas...</i> (1921) | 0 | 0% |
| <i>A Metamorfose</i> (1924) | 1 | 3% |
| <i>O voo das Trevas</i> (1927) | 2 | 7% |
| <i>Emigrantes</i> (1928) | 1 | 3% |
| <i>A Selva</i> (1930) | 2 | 7% |
| <i>Eternidade</i> (1933) | 1 | 3% |
| <i>Terra Fria</i> (1934) | 1 | 3% |
| <i>Sim, uma Dúvida Basta</i> (1936-1994) | 0 | 0% |
| <i>A Tempestade</i> (1940) | 0 | 0% |

³⁹¹ Palavras do Professor Doutor Gabriel Magalhães no lançamento do livro *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro: releituras, travessias, metamorfoses*, Covilhã, Biblioteca Municipal da Covilhã, [dia 13-04-2018].

| | | |
|----------------------------------|------------------|-------------|
| <i>A Lã e a Neve</i> (1947) | 0 | 0% |
| <i>A Curva da Estrada</i> (1950) | 1 | 3% |
| <i>A missão</i> (1954) | 2 | 7% |
| 30 dos inquiridos nunca leram | 30 | 64% |
| | Total: 41 | 100% |

Fonte: adaptação própria

Os resultados da tabela acima deixam bem patente que, apenas onze alunos com uma percentagem variável já leram as obras de Ferreira de Castro, e trinta afirmam que nunca leram as obras do autor. Este resultado mostra uma tendência da maioria absoluta em conhecer Ferreira de Castro e as suas obras, o que torna viável a nossa asserção, em propormos no programa de Literatura Portuguesa as obras de Ferreira de Castro cujo o objetivo é este. De certo modo, para que os alunos possam compreender a dimensão do autor da Literatura Portuguesa; na presente tabela constata-se que nas obras expostas do nosso autor, o romance mais lido é *A Selva*, 1930, de seguida, *O voo das Trevas*, 1927, e *A Missão*, 1954, com uma percentagem de 7% cada. A amostra indica que a maior parte nunca leu Ferreira de Castro, suas obras, e por outro lado, este facto certifica que a minoria dos alunos da Universidade Katyavala Bwila conhecem Ferreira de Castro, com maior destaque a obra da sua consagração *A Selva*. O resultado é bastante satisfatório porquanto mostra a dimensão do autor na classe estudantil daquela Universidade, e que de certo modo, vem mostrar que o seu romance é popular e prestigioso naquela circunscrição de Angola que assim, vem mais uma vez enaltecer as obras daquele romancista, pois as pessoas desaparecem, mas as obras continuam viva em todo o mundo como as de nosso autor, que as suas obras são ainda lidas em todo mundo.

3.1.5. Tabela nº 5- Há algum livro de Ferreira de Castro que desconheças e gostasse de ler?

| Títulos/Obras | Frequência | Percentagem |
|------------------------------------------|------------|-------------|
| <i>Criminosos por Ambição</i> (1916) | 1 | 2% |
| <i>Mas...</i> (1921) | 1 | 2% |
| <i>Metamorfose</i> (1924) | 1 | 2% |
| <i>O voo das Trevas</i> (1927) | 2 | 5% |
| <i>Emigrantes</i> (1928) | 3 | 7% |
| <i>A Selva</i> (1930) | 13 | 34% |
| <i>Eternidade</i> (1933) | 1 | 2% |
| <i>Terra Fria</i> (1934) | 2 | 5% |
| <i>Sim, uma Dúvida Basta</i> (1936-1994) | 2 | 5% |
| <i>A Tempestade</i> (1940) | 1 | 2% |

| | | |
|----------------------------------|-----------|-------------|
| <i>A Lã e a Neve</i> (1947) | 6 | 15% |
| <i>A Curva da Estrada</i> (1950) | 1 | 2% |
| <i>A missão</i> (1954) | 1 | 2% |
| 6 Desconhecem e N/interessado | 6 | 15% |
| Total: 41 | 41 | 100% |

Fonte: adaptação própria

Os resultados na tabela 3.1.5. mostram que 15% não estão interessados em conhecer e ler as obras de Ferreira de Castro, porquanto 85% (no total), desconhecem e gostariam de ler as obras mencionadas na tabela. Aos que desconhecem e não estão interessados, tal facto mostra que estes não estão interessados em conhecer às obras do autor por voluntariedade. Na tabela, verifica-se ainda, que o romance *A Selva*, lidera o número daqueles interessados, e logo a seguir o romance *A Lã e a Neve*. Este último, sétimo romance de Ferreira de Castro, publicado em Lisboa pela Guimarães Editores, em abril de 1947, (ia o autor a caminho de completar 49 anos), e, indubitavelmente, um dos seus grandes livros, *A Lã e a Neve*, cuja ação se situa, não por acaso, na Covilhã e na Serra da Estrela, durante o período da II Guerra Mundial³⁹². “Com efeito, podemos dizer que todas as narrativas de Ferreira de Castro estão cheias de gritos. Não são apenas, pois, os clamores das manifestações de protesto que escutamos nos seus romances bem como um desespero humano”³⁹³. Com isso, o resultado que se apresenta é um indicador bastante útil para o cumprimento do nosso objetivo; aquele que tem a ver com a proposta de leituras de romances no programa de Literatura Portuguesa para melhor compreenderem o autor e a realidade de suas obras. Além disso, é bem sabido que, nas obras de Castro, “o romance com maior número de traduções é, sem sobra de dúvidas *A Selva*, 1930, logo a seguir *A Lã e a Neve* 1947”³⁹⁴. Deste modo, ao número ínfimo, devemos ajudar os alunos a conhecerem “Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa” e compreenderem as suas obras, para que possam encontrar o interesse das suas obras e de leituras de romances, em razão de, este ser uma personalidade imprescindível na revitalização da Literatura Portuguesa Contemporânea.

³⁹² Cf. Ricardo António Alves, *A Lã e a Neve, de Ferreira de Castro: a História escreve-se no presente*, Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração, Ossela, 2016, p.1.

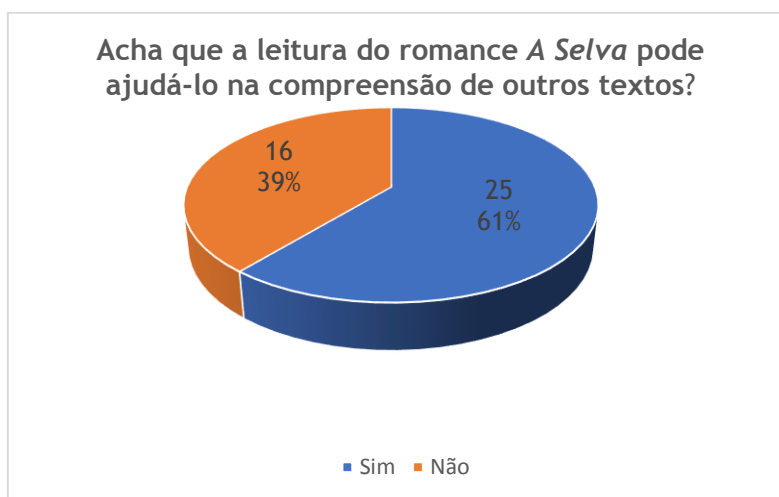
³⁹³ Gabriel Magalhães, *A Lã e a Neve como objeto literário: perspetivas possíveis*, Por José Maria Silva Rosa ; Ricardo António Alves, *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro, releituras, travessias, metamorfoses*, p.102.

³⁹⁴ Palavras do Professor Doutor José Maria Silva Rosa no lançamento do livro *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro, releituras, travessias, metamorfoses*, Covilhã, Biblioteca Municipal da Covilhã, [dia 13-04-2018].

3.1.6. Tabela nº 6- Acha que a leitura do romance *A Selva* pode ajudá-lo na compreensão de outros textos? Por quê?

| Respostas | Frequência | Porcentagem |
|-----------|------------|-------------|
| Sim | 25 | 61% |
| Não | 16 | 39% |
| Total | 41 | 100% |

Fonte: adaptação própria



A tabela 3.1.6. e o gráfico mostram que 61% dos inquiridos afirmam positivamente que lendo o romance pode ajudá-los na compreensão de outras tipologias textuais; em razão de 39%, terem afirmado o contrário. O dado negativo, mostra o desinteresse por parte daqueles inquiridos que desconhecem a importância de leitura de um romance que pode-lhes ser útil, pois, “os textos literários expõem conteúdos segundo várias combinações possíveis entre as vozes de duas instâncias ontologicamente diferentes: autor e as personagens”³⁹⁵. Nessa senda, o nosso romance é de natureza obrigatória lê-lo, pois trata-se de texto em que intervêm o autor e as personagens dentro dos textos do modo narrativo e assim, os nossos alunos conseguirão distinguir por exemplo, textos em que apenas intervêm o autor ou textos em que apenas intervêm as personagens. Textos do modo lírico, intervêm apenas o autor; textos do modo narrativo intervêm o autor e as personagens e, nos textos de modo dramático intervêm unicamente as personagens. São exercícios que só se consegue com o hábito de leituras de romances. Por outro lado, quanto ao resultado positivo, vem mostrar a importância da leitura de romance no cotidiano. Os que concordam, justificaram que a leitura de romances, não só *A Selva*, bem como de outros autores, ajudar-lhes-á na capacidade de distinção de outros textos ao exemplo anterior mencionado; ajudar-lhes-á a

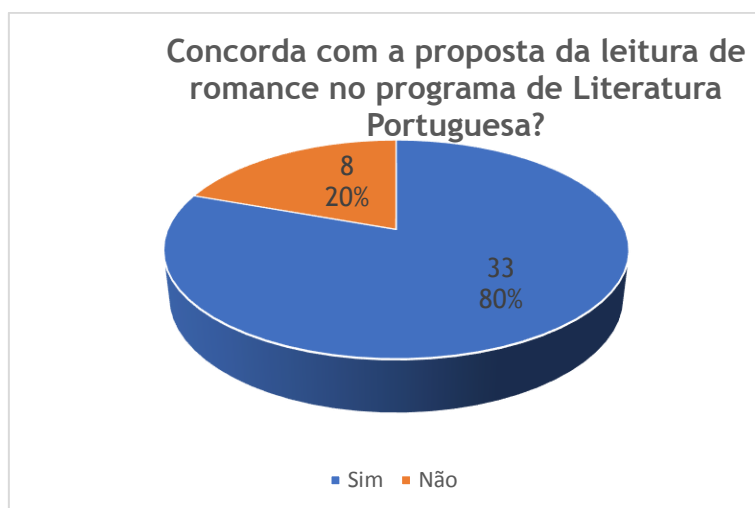
³⁹⁵ Cf. Paulo Nunes da Silva, *Tipologias textuais-como classificar textos e sequências*, Coimbra, Edições Almedina, S.A, 2012, pp.98-99.

desenvolverem as competências orais e escritas; a terem maior habilidade de leituras e maior capacidade de reflexão logo, o romance é um dos géneros do modo narrativo mais difíceis de se perceber razão o qual o terem o afirmado.

3.1.7. Tabela nº 7-Concorda com a proposta da leitura de romances no programa de Literatura Portuguesa? Por quê?

| Respostas | Frequência | Percentagem |
|-----------|------------|-------------|
| Sim | 33 | 80% |
| Não | 8 | 20% |
| Total | 41 | 100% |

Fonte: adaptação própria



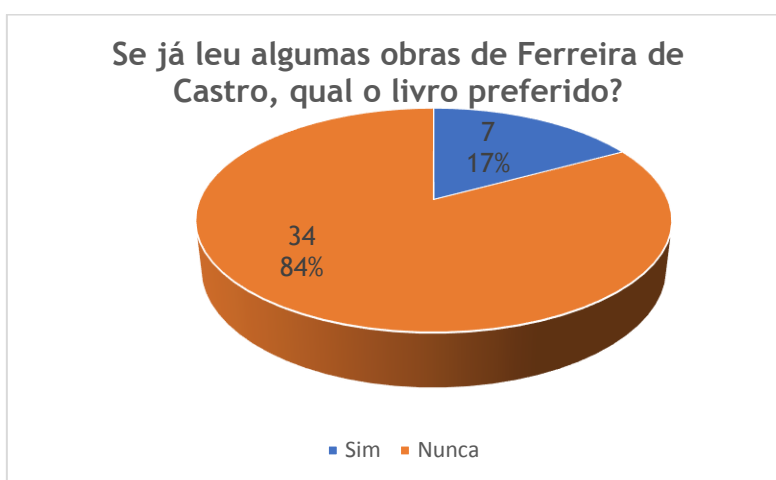
Notamos na tabela 3.1.7. e no respetivo gráfico, 80% dos inquiridos concordam com a proposta da leitura de romances no programa de Literatura Portuguesa e, 20% não concordam. O resultado é bastante significativo, pois a taxa dos 20% é considerada razoável em detrimento da maioria concordar. Além disso, a aceitação pela maioria, é um privilégio para a nossa dissertação. Tal como comprovaram que o romance é um dos géneros do modo narrativo difícil de se perceber, com isso, estabelecemos uma meta em que consiste: ajudar os nossos alunos a terem o gosto pela leitura de romances, afim de que possam compreender a importância deste género no contexto académico. Aos que concordam, justificam que com a proposta da leitura de romance ajudar-lhe-ás a conhecerem vários autores da Literatura Portuguesa, tal como conheceram Ferreira de Castro e suas obras; conhecerão a realidade sociocultural de Portugal, bem como várias tipologias textuais. Entretanto, conclui-se que tais justificações achamos ser bastante pertinente, tendo em conta o papel de destaque do

romance na alma, na consciência, no intelecto do homem, bem como no programa do plano curricular de ensino da Literatura Portuguesa ministrada na Universidade Katyavala Bwila.

3.1.8. Tabela nº8- Se já leu algumas obras de Ferreira de Castro, qual o livro preferido? Por quê?

| Títulos/Obras | Frequência | Percentagem |
|------------------------------------------|------------|-------------|
| <i>Criminosos por Ambição</i> (1916) | 1 | 2% |
| <i>Mas...</i> (1921) | 0 | 0% |
| <i>Metamorfose</i> (1924) | 1 | 2% |
| <i>O Voo das Trevas</i> (1927) | 0 | 0% |
| <i>Emigrantes</i> (1928) | 1 | 2% |
| <i>A Selva</i> (1930) | 4 | 10% |
| <i>Eternidade</i> (1933) | 0 | 0% |
| <i>Terra Fria</i> (1934) | 0 | 0% |
| <i>Sim, uma Dúvida basta</i> (1936-1994) | 0 | 0% |
| <i>A Tempestade</i> (1940) | 0 | 0% |
| <i>A Lã e a Neve</i> (1947) | 0 | 0% |
| <i>A curva da Estrada</i> (1950) | 0 | 0% |
| <i>A Missão</i> (1954) | 0 | 0% |
| Nunca leram | 34 | 84% |
| Total: 41 inquiridos | 41 | 100% |
| | | |

Fonte: adaptação própria



Por fim, a tabela 3.1.8. e o respetivo gráfico, mostra que trinta e quatro inquiridos nunca leram as obras de Ferreira de Castro, fazendo uma percentagem de 84%, em relação a sete inquiridos que já leram as obras do autor, perfazendo os 16%. Posto isto, poder-se-á concluir que esta taxa de resposta foi considerada razoável, tendo em conta a antevisão de poucos conhecerem o autor e suas obras. Relativamente a distribuição dos títulos das obras do autor na tabela, nela, nota-se que o romance *A Selva*, lidera a lista de obras lidas por aqueles inquiridos. Com efeito, os resultados evidenciados, cruzam-se com significância obtidas e pelas leituras de romances apresentados no resultado do inquérito. Sendo assim, o objetivo fundamental desse ponto é assegurar que todos têm uma visão clara acerca do nosso autor e de suas obras, para que possam compreender o contributo de Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea, assim como, as temáticas que aborda nos seus livros. A importância de leitura e a sua essência ajuda:

Na melhoria da compreensão da escrita, melhora o aprendizado dos estudantes, pois estimula o bom funcionamento da memória, aprimora a capacidade interpretativa, pois mantém o raciocínio ativo, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos ³⁹⁶.

Logo, quem lê com frequência consegue formar opiniões bem fundamentadas, tem domínio de novas palavras e termos técnicos-literários, o que não acontece ao nossos alunos: dominar a linguagem literária, tornando o seu vocabulário amplo e rico; desenvoltura na oratória e expressão; escrita mais coerente; maior capacidade de persuasão; estímulo à abertura de novas opiniões e pontos de vista; expansão do repertório cultural entre outros. Na tabela, ainda é notório o desconhecimento de outras obras de Ferreira de Castro devido as causas já anteriormente mencionadas.

³⁹⁶ Cf. Emília Chambula, *Dificuldades de leitura e de escrita dos alunos da 9ª classe da escola do 1º ciclo da Calomanga-Benguela*, Benguela, ISCED, 2016, P. 43.

Conclusão

O romance *A Selva* é a obra mais traduzida de Ferreira de Castro e a que o colocou na galeria dos escritores consagrados do mundo do século XX. Ferreira de Castro aproveitou o seu tempo (1898-1974), para realizar esse êxito de que muitos raramente poderiam orgulhar-se. O facto de ser traduzido para francês, inglês, espanhol, italiano e nas demais línguas, prova esse sucesso. Ferreira de Castro acabou por redigir um trabalho verdadeiramente assombroso de realismo, de emoções e de beleza. O romance escrito em língua portuguesa, como afirma Jaime Brasil: “define-o próprio autor, no seu Pórtico: é a conquista do pão, a miragem do ouro-um ouro negro que é miséria, sofrimento e quimera com que os pobres se enganam”³⁹⁷. Relacionando a obra com *Emigrantes*, o nosso autor deixa bem claro:

Este livro, é um curto capítulo da obra que há de registar o sofrimento dos humildes através dos séculos, em busca de pão e de justiça. As gentes do Ceará e do Maranhão, que trocam a sua terra pela Amazónia, não são menos desgraçadas que os nossos camponeses, que trocam Portugal pelo Brasil³⁹⁸.

Esta relação demonstra que ambas obras foram escritas com a mesma causa: a “dor, a sede de justiça, a fome.” O autor viveu o tormento na flor da pele no Brasil, na região do seringal Paraíso. Contudo, trata-se de uma obra em que Ferreira de Castro põe em evidência o seu luminoso espírito de humanidade, de solidariedade e de amor ao próximo. Olhando a sua recepção em contexto angolano, podemos dizer, entre os nossos inquiridos, alguns conhecem o autor e suas obras e, outros não. Neste contexto, a obra *A Selva*, em particular na Universidade Katyavala Bwila veio mostrar mais uma vez a dimensão universal daquele autor e do seu romance como um dos valores mais curiosos pela orientação ideológica que tem inspirado a sua obra de reconstrução moral e psíquica. Os alunos que já leram Ferreira de Castro, compreenderam que o autor aborda os factos vividos aquando da sua passagem pelo Brasil, onde trabalhou como seringueiro, numa tremenda vida de sofrimento. Para aqueles que nunca leram, passarão a conhecer as obras do autor e a mostrar interesse em aprofundar as leituras de suas obras e são a favor da nossa proposta que consiste em inserir o romance no plano de leitura de textos de natureza diversa no programa curricular de Literatura Portuguesa, lecionada nesta instituição. É nossa missão divulgar a imagem de Ferreira de Castro na classe académica angolana. Desta maneira, os alunos compreenderam que a leitura do romance pode ajudar a terem um bom ânimo na arte e na criatividade de construção de textos narrativos, nas habilidades e capacidades de desenvolverem o pensamento psíquico, no gosto pela leitura e, em particular no género do modo narrativo (romance).

Porém, o romance como era conhecido desde seus primórdios já não tem o mesmo reconhecimento hoje. Mas sim, transformou-se numa metamorfose estética que acompanha o gosto do público e a sua evolução. Daí, o romance não é o mesmo como foi encarada antigamente. Nela, presenciamos sim, as suas transformações, por isso, perante tantas

³⁹⁷ Apud. Jaime Brasil, *Ferreira de Castro: a sua obra com uma biografia inédita*, p 44.

³⁹⁸ Idem e *Ibidem*.

transformações exigidas pela sociedade contemporânea, o romance está, mais do que nunca, na lista de texto de leitura de natureza obrigatória. Ler Ferreira de Castro é enaltecer o bom nome desta figura da Literatura Portuguesa Contemporânea e, ao mesmo tempo, nutrir uma corrente literária que, estando dentro da matriz contemporânea, como uma estética e realização espiritual; preparar-se para um ambiente moral de que só ganha quem ler e aproveitar o interesse da sua produção. *A Selva* é um livro mundial que além de constituir uma boa ação, trata com nobreza um problema que todos conhecemos a “exploração do homem” que não enriquece ninguém. *A Selva* consagra Ferreira de Castro e faz dele um dos maiores homens das letras portuguesas na época. Estas nunca tinham tido até então um escritor com tão larga projeção universal.

Bibliografia

Ativa

- CASTRO, Ferreira de, «Pórtico» *A Selva*, Lisboa, Guimarães, 39.^a ed., 2002.
_____, *A Selva*, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2014.
_____, «Pórtico» *Emigrantes*, Lisboa, Guimarães, 25.^a ed., 2001.
_____, «Pórtico» *A Lã e a Neve*, Lisboa, Guimarães Editores, 15.^a ed., 1990.
_____, «Pórtico» *Eternidade*, Lisboa, Guimarães e C.^a, 1942.

Passiva

- AGUIAR, Adriana, *Ferreira de Castro: dos arquivos pessoais como paratextos literários*, Amazonas, UFA, 2012.
- ALVES, Eurico de Andrade, *Ferreira de Castro: sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento 1898-1998*, Oliveira de Azeméis, A folha cultural, 1998.
_____, *Ferreira de Castro, e o Seringal Paraíso*, Oliveira de Azeméis, S/Ed., 1994.
- ALVES, Ricardo António, *Ferreira de Castro 100 anos de vida Literária*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2016.
_____, *100 Cartas a Ferreira de Castro*, Sintra, EUROPAM, 1992.
_____, *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas encruzilhadas do século*, Lisboa, Âncora Editora, 2002.
_____, introdução, leitura e notas, *Ferreira de Castro-Roberto Nobre, Correspondência (1922-1969)*, Sintra, Editorial Notícias/ CMS, s/ano.
_____, «*Fantasia a mais, literatura a menos-mas não somenos: Nos 100 anos de Criminosos por Ambição, de Ferreira de Castro*», Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, acesso em: <http://www.ceferreiradecastro.org/p>.
_____, *A Lã e a Neve, de Ferreira de Castro: a História escreve-se no presente*, Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016.
- AMADO, Jorge, *In Ferreira de Castro, prefácio da edição Brasileira de A Selva*, São Paulo, Moura Fontes, 1972.
_____, “Notícia de Ferreira de Castro” in *Vária Escrita*, n. 93, Sintra, 1996.
- AMARAL, Firmino Teixeira do, *A vida do seringueiro*, Belém, Granjarina, S/ed., 1999.
- ANTÓNIO, Ricardo, *O Comércio*, Porto, 1953.
- REIS, Mário Joaquim Aires dos, *Ferreira de Castro na perspetiva da Universidade Katyavala Bwila*, Benguela, Instituto Camões, 2017.
- ANDRADE, Eurico Alves, *Ferreira de Castro, e o Seringal Paraíso*, Oliveira de Azeméis, S/Ed., 1994.

- AVELAR, Mário Carlos Fernandes, *O nascimento de uma nação: nas origens da literatura americana*, Santarém, Edições cosmos, 2008.
- BARATA, José Reis, *Homenagem ao Escritor Ferreira de Castro no centenário do seu nascimento*, Covilhã, Câmara Municipal da Covilhã, 1998.
- BAZE, Abrahim, *Ferreira de Castro: um emigrante português na Amazónia*, Oliveira de Azeméis, Revista Portugal, 2001.
- BRASIL, Jaime, *Ferreira de Castro: a sua obra com uma biografia inédita*, Porto, Livraria Civilização, S/ ano.
- _____, *Ferreira de Castro: a Obra e o homem*, Lisboa, Arcádia, 1961.
- _____, *In vários estudos sobre Ferreira de Castro e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1974.
- BRAGA, Mário, *Ferreira de Castro viajador no mundo conhecedor dos homens*, Lisboa, Oficinas da S.E.C.S.,1980.
- BARREIROS, António José, *História da Literatura Portuguesa*, Braga, Editora Pax, S/ano, 13ª edição.
- BORDIEU, Pierre, *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- CASTRIANA, nº1, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2004.
- _____, nº2, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2002.
- _____, nº3, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2007.
- _____, nº4, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2009.
- _____, nº 5, *Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2012.
- CABRAL, Alexandre, *Breves comentários à sua Obra*, In *Vértice*, Vol. 17, Nº165.
- CARDOSO, Joaquim, *Ferreira de Castro Desmascarado*, Lisboa, Livraria Presença, 1953.
- CARVALHO, Ana Cristina Martins de, *Terra nativa: relação eco humana na vida e na obra de Ferreira de Castro*, Tese de Doutoramento apresentado a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, FCSH-UNL, 2015.
- CABRITA, Maria João, *Cultura: revista de história e teoria das ideias*, Lisboa, S/ed., 2009.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo, *A história contada: capítulo de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CASTRO, Silvino Dir, *História da Literatura Brasileira*, Lisboa, ALFA, Vol., I, 1999.
- COELHO, Maria Adelaide A., Brito, *A Selva de Ferreira de Castro ao filme de Leonel Vieira*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007.
- CHAMBULA, Emília, *Dificuldades de leitura e de escrita dos alunos da 9ª classe da escola do 1º ciclo da Calomanga-Benguela*, Benguela, ISCED, 2016.

DIONÍSIO, Mário, *Autobiografia*, Lisboa, Edições o Jornal, 1987.

Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada, Dos-2-13-doc-5-001/002.

_____, Carta de 01-09-1947, Casa da Achada.

EMERY, Bernard, *A utopia humanista e luso tropical na obra de José Maria Ferreira de Castro*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016.

_____, *L'Humanisme Luso-Tropical Selon José Maria Ferreira de Castro*, Grenoble, Ellug, 1992.

FERREIRA, Luís Eugénio, *História da Literatura americana*, Lisboa, Arcádia, 1960.

FREIRE, João, *Jaime Brasil (1896-1966) Arquivo histórico-social*, Lisboa, Projeto Mosca, 2010.

GOMES, Carlos Costa, *O lugar da ética na Obra Eternidade de Ferreira de Castro*, Comunicação apresentada nos IV Encontro de Ferreira de Castro, Oliveira de Azeméis, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins, *Errantes da Selva: história da emigração Nordestina para Amazônia*, Campinas, UNICAMP, 2009.

Hemeroteca digital, nº 37, *Biografia sumária de Alves Redol*, Lisboa, 1947.

_____, nº 38, *Carta de Alves Redol a Ferreira de Castro*, Lisboa, 25 de janeiro de 1947.

In Centro de Estudos Ferreira de Castro «*Biografia-Resenha Bibliográficas*» Salgueiros, 3720-189, [Consult. 2017-10-13].

In *O Comércio do Porto*, de 26 julho de 1966.

In *Correio dos Açores: Jaime Brasil açoriano injustamente esquecido*, Açores, 2012.

In *O Globo: Jack London ganha nova biografia e livro de fantasia*, Rio de Janeiro, Infoglobo, 2016.

In *O Globo: nas obras de Jack London, uma vida de aventura contada com muito talento*, Rio de Janeiro, Infoglobo, 2016.

Ideias, nº 721, de junho, 1998.

In *O Século ilustrado*, de 22 de julho de 1950, Lisboa.

In vários *Estudos sobre Ferreira de Castro a sua obra*, Porto, Ed., Liv.^a Civilização, 1938.

In *Vértice* Vol. IV, nº49, de Agosto de 1947, Lisboa, Seara Nova.

In *Vértice* Vol. X, nº 236, de 1 de Abril de 1939, Lisboa, Seara Nova.

LACERDA, Francisco Game, *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1898-1916)*, Belém, Ed. Acaí, 2010.

LISBOA, Eugénio, *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Lisboa, Europa América, Vol., III, 1985.

LOPES, Óscar, *Cifras do tempo*, Lisboa, Caminho, 1990.

_____, «Ferreira de Castro: uma grande Carreira de romancista», In *Jornal de letras e Ideias*, nº721, de junho, 1998.

MADEIRA, Vander da Conceição, *A Selva: viagem de descobrimento*, São Paulo, USP, 2009.

MOREIRA, Alberto, *Ferreira de Castro antes da glória*, Porto, Tip. e Enc. Domingos d'Oliveira, 1959.

NETO, Geraldo Magalha, *História ambiental e literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*, Pará, UFPA, 2011.

NEVES, João, *Etnografia: comunismo mágico científico de Alves Redol*, Lisboa, Publicações Europa América, 1982.

NEVES, Adelino Vieira, *In Memoriam de Ferreira de Castro*, Cascais Arquivo biobibliográfico dos autores e homens de letras de Portugal, 1976.

NEMÉSIO, Vitorino, *In Memoriam de Ferreira de Castro sobre A Selva*, Lisboa, S/ ed., 1996.

NUNES, Adelino Vieira, *In Memoriam de Ferreira de Castro*, Cascais, Arquivo biobibliográfico dos escritores e homens de letras de Portugal, 1976.

NUNES, Manuel José Matos, *Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016.

_____, *Diário Inédito, passageiro clandestino*, entrada de 4-11-1956, Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada.

PAULO, Heloisa, *“Aqui também é Portugal” A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*, Tese de Doutoramento apresentado a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, FLUC, 1997.

PEREIRA, António dos Santos, *Historicidade nos romances de Ferreira de Castro*, Covilhã, UBI, 2016.

_____, *Ferreira de Castro, Histórias e Imaginários: dos Emigrantes, através d’A Selva, até A Lã e a Neve*, Covilhã, UBI, 2015.

PEREIRA, Fernando Jasmine, *Ferreira de Castro Ficcionista: introdução para o seu estudo*, Lisboa, S/ed., 1956.

REIS, Joaquim Aires dos, *Ferreira de Castro na perspetiva da Universidade Katyavala Bwila*, Benguela, Instituto Camões, 2017.

RODRIGUES, Urbano Tavares, *A Selva: o homem entre a força da natureza*, Lisboa, S/ed., 2004.

_____, *In Varias escritas nº 3, In Ferreira de Castro sobre A Selva*, Lisboa, S/ed., 1996.

ROSA, José Maria Silva; ALVES, Ricardo António, *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro, releituras, travessias, metamorfoses*, Covilhã, Tipografia da UBI, 2017.

SALEMA, Álvaro, *Ferreira de Castro: SALEMA, Álvaro, Ferreira de Castro: a sua vida, a sua personalidade, a sua obra*, Lisboa, Europa América, 1974.

_____, *Jorge Amado: o homem e a obra, presença em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa América, 1982.

SANTOS, Ednaldo Tartaglia; BURGEILE, Odete, *A inversão de papéis no romance A Selva de Ferreira de Castro: em uma perspetiva pós-colonial*, Amazónia, UFA, 2015.

SILVA, Paulo Nunes da, *Tipologias textuais-como classificar textos e sequências*, Coimbra, Edições Almedina, S.A, 2012.

TAVARES, José, *Homenagem de Oliveira de Azeméis a Ferreira de Castro*, Coimbra, Coimbra Editorial, 1970.

Sobre o Neorrealismo

BRASIL, Jaime, *Os novos escritores e o movimento chamado "NEOREALISMO"*, Porto, Livraria Civilização, 1945.

REIS, Carlos, *O discurso Ideológico do Neo-Realismo português*, Coimbra, FLUC, 1983.

_____, *Textos teóricos do Neo-realismo português*, Lisboa, Seara Nova, 1999.

SACRAMENTO, Mário, *Há uma estética Neo-Realista?*, Lisboa, VEJA, 2ª. Ed., 1985.

SILVA, Garcez da, *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, Lisboa, Caminho, 1990.

TAVARES, Urbano, *Um novo olhar sobre o NEO-REALISMO*, Lisboa, Moraes Editores, 1981.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O movimento Neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Lisboa, Mores Editores, 1977.

_____, *O Neo-realismo literário Português*, Lisboa, Moraes Editores, 1977.

Política e o Estado Novo

COELHO, Eduardo; COELHO, António Macieira, *Salazar o fim e a morte*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

FERRO, António, *SALAZAR*, Aveiro, Edições do Templo, 1978.

FONSECA, José Pinheiro; ASSUNÇÃO, António Rodrigues de, *A Covilhã e a 1.ª Grande guerra 1914-1918*, Covilhã, Gráficas da Covilhã, 2013.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *O Estado Novo das Origens ao fim da autarcia 1926-1959*, Vol. II, Lisboa, Fragmentos, 1987.

Os grandes acontecimentos do século XX, uma edição de seleção do Reader`s Digest S.A.R.L., Lisboa, 1979.

Sobre Metodologia de Investigação Científica

FERNANDES, António José, *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*, Porto, Porto Editora-Coleção Educação, 1994.

MARCOM, Maria; LAKATOS, Eva Maria, *Técnicas de Pesquisa*, São Paulo, Ed., Atlas, 1988.

POCINHO, Margarida, *Metodologia de Investigação e Comunicação do conhecimento Científico*, Lisboa, LDEL-edições Técnicas, 2012.

TARCIA, Santa; NARANJO, Ernã, *Metodologia da Investigação Científica*, Lobito, Escolar Editora, 2014.

TRIPP, David, *Pesquisa acção: uma introdução metodológica*, tradução de Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo, S/ ed., 2005.

Webgrafia

A enciclopédia livre URL: www.livros.digitais.com/ Com/ autor Jack. London, [Consult. 2017-09-30].

A enciclopédia livre URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/geografia-do-Alasca>, [Consult. 2017-09-31].

A enciclopédia livre URL: [laicidade.org/documentacao/historia/Biografia/Aquilino Ribeiro](http://laicidade.org/documentacao/historia/Biografia/Aquilino_Ribeiro), [Consult. 2017-10-02].

A enciclopédia livre URL: [com Orlando da Costa](http://com-Orlando-da-Costa.com), [Consult. 2017-11-02].

A enciclopédia livre URL: [pt.wikipedia.org/wiki/Roberto Nobre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Nobre), [Consult. 2017-11-17].

A enciclopédia livre URL: [http://lusofonia.com-sapo.pt/literatura-portuguesa/literatura engajada](http://lusofonia.com-sapo.pt/literatura-portuguesa/literatura-engajada), [Consult. 2018-01-22].

A enciclopédia livre URL: <http://www.cemferreira.decastro.org/?id=2.1.3>, [Consult. 2017-10-10].

A enciclopédia livre URL: pt.wikipedia.org/wiki/ciclodaborracha, [Consult. 2018-01-19].

A enciclopédia livre URL: feriasbrasil.com.br/pa/ilhasdemarajo, [Consult. 2018-02-17].

A enciclopédia livre URL: em: www.dendramedica.com Jack London (1876-1916). [Consult. 2018.05.22].

Filmografia

A *Selva* de Leonel Vieira, apresentado por Castelos Filmes, S.A, 2002, disponível na Biblioteca da UBI e no Centro de Estudos Ferreira de Castro. [Consult. 2017-09-16 e 2018-01-25].

ANEXOS

Programa de Literatura Portuguesa

A disciplina de Literatura Portuguesa é uma das unidades curriculares que surge dentro da interdisciplinaridade de formação específica ministrada na especialidade de Linguística-Português, em Ciências de Educação. É promovido pelo Departamento de Letras do Instituto Superior de Ciências de Educação de Benguela, da Universidade Katyavala Bwila. Antes de apresentarmos a nossa proposta ao programa de ensino de Literatura portuguesa, apresentamos o plano curricular da referida especialidade (licenciatura). Compreende 41 cadeiras, distribuídos em quatro anos letivos. Desta forma, o primeiro ano, abrange as seguintes cadeiras:

| 1º ano letivo |
|-----------------------------------------------------------------|
| Didática Geral, cadeira semestral |
| Informática, cadeira anual |
| Introdução aos Estudos Linguísticos, cadeira anual |
| Introdução aos Estudos Literários, cadeira anual |
| Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Língua Estrangeira de opção: inglês ou francês I, cadeira anual |
| Metodologia de Investigação Científica, cadeira anual |
| Sociologia Geral, cadeira semestral |
| Sociologia da Educação, cadeira semestral |
| Técnicas de Expressão em Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Psicologia Geral, cadeira semestral |
| Psicologia do Desenvolvimento, cadeira semestral |
| Pedagogia geral, cadeira semestral |
| Total: seis semestrais e sete anuais. |

Fonte: Departamento de Letras Modernas do ISCED-UKB

| 2º ano letivo |
|------------------------------------------------------------------|
| Didática da Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Estatística Aplicada à Educação, cadeira semestral |
| Filosofia da Linguagem, cadeira semestral |
| Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Língua Estrangeira de Opção: inglês ou francês II, cadeira anual |
| Linguística Bantu, cadeira anual |
| Literatura Brasileira, cadeira semestral |
| Literatura Portuguesa, cadeira anual |

| |
|----------------------------------------------------------|
| Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Psicolinguística, cadeira semestral |
| Sociolinguística, cadeira semestral |
| Total: quatro semestrais e sete anuais |

Fonte: Departamento de Letras Modernas do ISCED-UKB

| 3º Ano letivo |
|--------------------------------------------------------------------|
| Desenvolvimento Curricular, cadeira semestral |
| Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa, cadeira semestral |
| Língua Nacional I, (Umbundu), cadeira anual |
| Literatura Africana em Língua Portuguesa, cadeira anual |
| Literatura Angolana, cadeira anual |
| Organização, Gestão e Inspeção Escolar, cadeira semestral |
| Prática Pedagógica I, cadeira anual |
| Seminário de Especialização I, cadeira semestral |
| Tecnologias da Educação, cadeira semestral |
| Total: cinco semestrais e quatro anuais |

Fonte: Departamento de Letras do ISCED-UKB

| 4º Ano letivo |
|--------------------------------------------------------|
| Estilística da Língua Portuguesa, cadeira semestral |
| História da Língua Portuguesa, cadeira semestral |
| Língua Nacional II, (Umbundu), cadeira anual |
| Seminário de Especialização II, cadeira anual |
| Técnicas de Investigação Científica, cadeira semestral |
| Teoria da Literatura, cadeira semestral |
| Prática pedagógica II, cadeira anual |
| Total: quatro semestrais e três anuais |

Fonte: Departamento de Letras do ISCED-UKB

Após aquisição de conhecimentos teóricos e práticos aprofundados, no final do curso o aluno poderá desenvolver um trabalho de fim de curso (Monografia), com linhas de investigação à sua escolha. Por sua vez, poderá apresentá-lo ao corpo de Júri.

Ao apresentarmos o programa de Literatura Portuguesa ministrada na especialidade de Linguística Português, cabe-nos dizer: aprendizagem da Literatura Portuguesa consegue-se através de um processo contínuo, imprescindível ao desenvolvimento das competências pragmáticas de leituras de estruturas de base da história da literatura portuguesa, sendo um processo que obriga a estratégia coerente com uma metodologia interativa. Porém, o programa tem como objetivos:

- Desenvolver competências e hábitos de leituras e críticas a partir de contacto com vários modos, gêneros e tipologias textuais;
- Reverenciar a literatura como função de valorização social, cultural, ética e estética;
- Relacionar a literatura portuguesa com outras literaturas e outras formas de artes;
- Gerar diferentes tipologias textuais e com o texto integrado expressão pessoal;
- Conhecer os diferentes movimentos estéticos da literatura portuguesa;
- Conhecer as diferentes obras e os respetivos autores da literatura contemporânea.

Programa de ensino de Literatura Portuguesa em Linguística-Português ISCED-UKB³⁹⁹

Itens do Programa

1. Poesia e Prosa Medievais
 - 1.1 Lírica satírica do galego-português
 - 1.2. As cantigas de Escárnio e de Maldizer
2. Renascimento ao Pré-romantismo
 - 2.1 Caraterísticas
 - 2.2 Produção Renascentista
 - 2.3 Expansão do Renascimento
 - 2.4 Renascimento na pintura, na poesia
 - 2.4.1. Na pintura: Leonardo da Vinci (1452-1519); Miguel Ângelo (1475-1564); Giovanni Bellini (1430-1516) entre outros.
 - 2.4.2. Na poesia: Camões: sonetos, redondilhas; Bocage: poemas
Prosa: Pe. António Vieira: *sermão sexagésima* (excertos); *sermão de Stº António aos Peixes*

³⁹⁹ Programa elaborado pelo presidente do conselho científico do Departamento de Letras Modernas, Professor Doutor Mário Joaquim Aires Reis, titular da respetiva cadeira.

Teatro: Gil Vicente - *comédia do viúvo* (1514); *Auto da Lusitânia* (1532)

Almeida Garrett: *catão, Tragédia*. Coimbra, 1822; *Frei Luis de Sousa*, 1843;
Metrópole, tragédia. Lisboa 1841.

José Régio “*Jacob e o Anjo*”

3. Romantismo, Realismo e Simbolismo

3.1 Características, autores e principais obras: pintura e poesia

Poesia: antologia sugestões de autores

» António Nobre

» Camilo Pessanha

» Cesário Verde

» Antero de Quental

Prosa: *Eurico o Presbítero* de Alexandre Herculano

Eça de Queirós- *O Primo Basílio, Os Maias*

Proposta de inserção no programa de literatura os seguintes itens

4. De *Orpheu* à contemporaneidade

4.1. Características

4.2. O período contemporâneo na música, poesia

Propostas ou sugestões de leituras de contos e romances⁴⁰⁰:

1. Os contos de Eça de Queirós

5.1. Os contos de José Rodrigues Miguéis

6. Romances:

- Alves Redol» *Gaibéus*, 1939
- Aquilino Ribeiro» *Quando os Lobos Uivam*, 1958
- José Saramago» *A jangada de Pedra*, 1986; *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, 1991
Ferreira de Castro: *Emigrantes*, 1928; *A Selva* 1930; *Terra Fria* 1934, e *A Lã e a Neve* 1947.
- Outros autores.

O presidente do Conselho científico do DLM

Mário Joaquim Aires Reis, Ph.D., UL

Benguela e UKB, 07 de fevereiro de 2018

⁴⁰⁰ Proposta aceite e aprovado pelo conselho científico do Departamento de Letras do ISCED-UKB

Inquérito

Este inquérito tem por objetivo perceber até que ponto os alunos do terceiro ano do curso de Ciências da Educação, de especialidade Linguística Português, afetos à Universidade Katyavala Bwila, do Departamento de Letras (ano letivo de 2018), conhecem Ferreira de Castro e as suas obras, com realce para o romance *A Selva*. Trata-se de um inquérito que nos ajudará a compreender a dimensão internacional daquele autor e a receção do romance *A Selva* em contexto angolano. É um inquérito de natureza confidencial pelo que dispensamos elementos de identificação pessoal. Poderá responder “Sim” ou “Não” às questões diretas. Dê uma pequena explicação apenas quando a mesma é solicitada.

Dados pessoais

1. Idade _____ Ano _____ Sexo: Masculino _____ Feminino _____.

2. Conheces Ferreira de Castro na Literatura Portuguesa Contemporânea?

R:

3. Que livro de Ferreira de Castro já leu?

| | |
|-------------------------------------------------|--|
| <i>Criminoso por Ambição</i> (1916) | |
| <i>Mas...</i> (1921) | |
| <i>A Metamorfose</i> (1924) | |
| <i>O Voo das Trevas</i> (1927) | |
| <i>Emigrantes</i> (1928) | |
| <i>A Selva</i> (1930) | |
| <i>Eternidade</i> (1933) | |
| <i>Terra Fria</i> (1934) | |
| <i>Sim, uma Dúvida Basta</i> (1936) - (1994) | |
| <i>A Tempestade</i> (1940) | |
| <i>A Lã e a Neve</i> (1947) | |
| <i>A Curva da Estrada</i> (1950) | |
| <i>A Missão</i> (1954) | |

Nota: caso já tenha lido um outro livro não mencionado acima, poderá indicá-lo aqui.

R:

4. Há algum livro de Ferreira de Castro que desconheça e gostasse ler?

R:

5. Acha que a leitura do romance *A Selva* pode ajudá-lo na compreensão de outros textos? Por quê?

R:

6. Concordas com a proposta da leitura de romances no Programa de Literatura Portuguesa?
Por quê?

R:

7. Se já leu algumas obras de Ferreira de Castro, qual o livro preferido? Por quê?

R: